CAMILLO CASTELLO BRANCO

AMOR DE PERDIÇÃO



COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA
PORTO

AMOR DE PERDIÇÃO

AO LEITOR

Por um feliz acaso conseguimos obter o original do, **Amor de Perdição** *tal qual sahiu da pena formidavel do Mestre, daquelle que é, na nossa literatura moderna, o maior de todos pela ductilidade e imaginosa riqueza do vocabulario.*

Hoje que cada vez se acentua e afervora mais o culto pelo enorme vulto, cuja obra é toda iluminada pelo fulgurante pharol do genio que o conduziu ao firmamento da gloria pareceu-nos que prestavamos um assignalado serviço a essa quasi religião que é o «camilianismo» fazendo uma edição especial do grande livro, que ha-de ser lido emquanto as mulheres portuguezas souberem sentir, souberem chorar e amar, abrindo esta edição com quatro paginas zincogravadas do manuscripto original, e um inedito autographo do mesmo auctor que se prende com este livro.

Pudessemos nós publicar assim todo o imortal romance...

Quando, no Brazil onde tão pouco respeitadas são as nossas propriedades literarias, se fazem constantes reproduções fraudulentas do **Amor de Perdição,** *afigurou-se-nos que, como legitimos proprietarios-editores desta maravilha literaria, não podiamos prestar melhor homenagem á genial obra de Camillo, homenagem que ha-de certamente colher o aplauso de todos quantos querem que sejam venerados como merecem o nome e a obra do desmesurado genio que foi o solitario de Seide, em cujo cerebro relampagueou a mais fulgida, a mais intensa, a mais flamejante inspiração, que o fez o primeiro escriptor peninsular do seu tempo.*

Os Editores.

AMOR DE PERDIÇÃO

(MEMORIAS D'UMA FAMILIA)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

TRIGESSIMA SEGUNDA EDIÇÃO

COM ESTUDOS CRITICOS DE MANOEL PINHEIRO CHAGAS, RAMALHO ORTIGÃO
E THEOPHILO BRAGA
E ILLUSTRADO COM 6 SIMILE-GRAVURAS, O RETRATO DO AUCTOR,
FAC-SIMILE DO FRONTESPICIO ORIGINAL E UM AUTOGRAPHO INEDITO

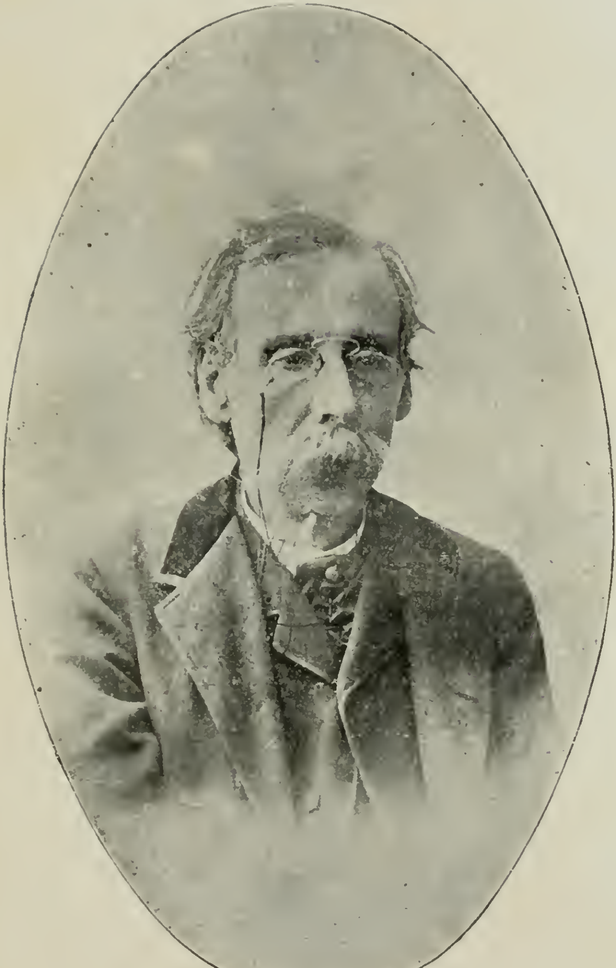
Quem viu jámais vida amorosa,
que não a visse afogada nas lagrimas do
desastre ou do arrependimento.

D. FRANCISCO MANOEL. (*Epanaphora amorosa*).

COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.DA
PORTO

51

TIPOGRAFIA
da COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.da
Rua da Boa-Vista, 307—PORTO



Camilo Castelo Branco

Amor de perdiçaõ.

(Memorias de uma familia)

romance

por

Camillo Castello Branco

Quem viu jamais vida amorosa
que naõ a visse afogada nas la-
grimas do desastre ou do arre-
pendimento?

D. Francisco Manuel (Epa-
naphora amorosa)

Ao Ill.mo e Ex.mo Snr. Antonio Maria de
Fontes Pereira de Mello.

(A carta impressa em italico grande.)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Haverá muita gente que V. Ex.a não dê valor algum a este livro, que a minha gratidão lhe dedica, porque esta gente está persuadida que ministros de estado não lêem novellas. É um engano. Uma vez ouvi eu um collega de V. Ex.a discorrer no parlamento á cerca de caminhos de ferro. Com tanto engenho o fazia, de tantas flores matizava aquella arida materia, que era deleitoso ouvi-lo. Na noite desse dia, encontrei o collega de V. Ex.a a ler a Fanny, aquella Fanny, que não sabia tanto de caminhos de ferro como eu.

Que V. Ex.a tem romances na sua bibliotheca, é convicção minha. Lá os terá alguns que não leu, porque o tempo lhe fallece, e outros porque não merecem tempo, tambem o ocio. Dê V. Ex.a, no lote dos segundos, um logar a este livro, e todo assim V. Ex.a significado que o recebe e aprecia por honrar

[illegible] em si o nome do seu agradecido e respeitador creado
[illegible] de V. Ex.a Camillo Castello Branco

AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello

Dedica

O Autôr.

Illmo e Exmo Snr.

Ha-de pensar muita gente que V. Ex.ª não dá valor algum a este livro, que a minha gratidão lhe dedica, porque muita gente está persuadida que ministros de estado não lêem novellas. E' um engano. Uma vez, ouvi eu um collega de V. Ex.ª discorrer no parlamento ácerca de caminhos de ferro. Com tanto engenho o fazia, de tantas flores matizára aquella materia, que me deleitou ouvil-o. Na noite d'esse dia, encontrei o collega de V. Ex.ª a lêr a Fanny, *aquella* Fanny, *que sabia tanto de caminhos de ferro como eu.*

Que V. Ex.ª tem romances na sua bibliotheca, é convicção minha. Que lá tem alguns, que não leu, porque o tempo lhe fallece, e outros porque não merecem tempo, tambem o creio. Dê V. Ex.ª, no lote dos segundos, um logar a este livro, e terá assim V. Ex.ª significado que o recebe e aprecia, por levar em si o nome do mais agradecido e respeitador criado de V. Ex.ª

Na cadeia da Relação do Porto,
aos 24 de Setembro de 1861.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Nas *Memorias do carcere*, referindo-me ao romance que novamente se imprime, escrevi estas linhas:

«O romance, escripto em seguimento d'aquelle, «(*O romance de um homem rico*) foi o *Amor de Per-* «*dição*. Desde menino ouvi contar a triste historia «de meu tio paterno Simão Antonio Botelho. Mi- «nha tia, irman d'elle, solicitada por minha curio- «sidade, estava sempre prompta a repetir o facto «alligado á sua mocidade. Lembrou-me natural- «mente na cadêa muitas vezes meu tio, que ali «devêra estar inscripto no Livro das entradas no «carcere e das sahidas para o degredo. Folheei os «livros desde os de 1800, e achei a noticia com «pouca fadiga e alvoroços de contentamento, como «se em minha alçada estivesse adornar-lhe a me- «moria como recompensa das suas tragicas e affron- «tosas dores em vida tão breve. Sabia eu que em «casa de minha irman estavam acantoados uns ma-

ricos, e umas ideias sceleradas que chegam a tocar no desafôro do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal d'esta novella, que tem a boçal innocencia de não devassar alcôvas, a fim de que as senhoras a possam lêr nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amor de Perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indemnisação, faz rir; tornou-se comico pela seriedade antiga, pelo raposinho que lhe deixou o ranço das velhas historias do Trancoso e do padre Theodoro d'Almeida.

E por isso mesmo se reimprime. O bom senso publico relê isto, compara com aquillo, e vinga-se barrufando com frouxos de riso realista as paginas que ha dez annos aljofarava com lagrimas romanticas.

Faz-me tristeza pensar que eu floresci nesta futilidade da novella quando as dôres da alma podiam ser descriptas sem grande desaire da grammatica e da decencia. Usava-se então rhetorica de preferencia ao calão. O escriptor antepunha a frequencia de Quintiliano á do *Collête-encarnado.* A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leituras e artes correlativas. Ai! quem me déra ter antes desabrochado hoje com os punhos arregaçados para espremer o pús de muitas escrofulas á face do leitor! Naquelle tempo, enflorava-se a pustula; agora, a carne com varêja pendura-se na es-

cápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcisar num espelho fiel.

Pois que estou a dobrar o cabo tormentorio da morte, já não verei onde vae desaguar este enxurro, que róla no bôjo a Ideia Novissima. Como a honestidade é a alma da vida civil, e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruirão ao mesmo tempo por effeito de uma grande evolução-rigolboche. A logica diz isto; mas a Providencia, que usa mais da metaphysica que da logica, provavelmente fará outra coisa. Se, por virtude da metempsycose, eu reapparecer na sociedade do seculo XXI, talvez me regosije de ver outra vez as lagrimas em moda nos braços da rhetorica, e esta 5.ª edição do *Amor de Perdição* quasi esgotada.

S. Miguel de Seide, 8 de Fevereiro de 1879.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PREFACIO DA QUINTA EDIÇÃO

Publiquei, ha vinte e dois annos, o romance *Onde está a felicidade?*—Pouco depois, Alexandre Herculano, republicando as *Lendas e Narrativas*, escrevia na *Advertencia:* «... Nestes quinze ou vinte annos, creou-se uma litteratura, e póde dizer-se que não ha anno que não lhe traga um progresso. Desde as *Lendas e Narrativas* até o livro *Onde está a felicidade?* que vasto espaço transposto!»

Se comparo o *Amor de Perdição*, cuja 5.ª edição me parece um exito phenomenal e extra-lusitano, com *O crime do Padre Amaro* e *O primo Basilio*, confesso, voluntariamente resignado, que para o esplendor d'estes dois livros foi preciso que a Arte se ataviasse dos primores lavrados no transcurso de dezeseis annos. *O Amor de Perdição*, visto á luz electrica do criticismo moderno, é um romance romantico, declamatorio, com bastantes aleijões ly-

«ços de papeis antigos, tendentes a esclarecer a «nubelosa historia de meu tio. Pedi aos contemporaneos, que o conheceram, noticias e miudezas, a «fim de entrar de consciencia naquelle trabalho. «Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados de minha vida. Tão horrorisada tenho «d'elles a memoria, que nunca mais abrirei o *Amor «de Perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os de«feitos das edições futuras, se é que não sahiu to«lhiço incorrigivel da primeira. Não sei se lá digo «que meu tio Simão chorava, e menos sei se o leitor «chorou com elle. De mim lhe juro que...»

Vão passados quasi dois annos, depois que protestei não mais abrir este romance. No decurso de dois annos tive de affrontar-me com uns infortunios menos vulgares que a privação da liberdade, e esqueci o horror dos outros, a ponto de os recordar sem espanto, e simplesmente como fusis indispensaveis nesta minha cadêa, em que já me vou retorcendo e saboreando com infernal deleitação. Abri o livro, como se o tivesse escripto nos dias mais festivos da minha mocidade; se bem que eu falo em dias de mocidade por me dizer a minha certidão de idade que eu já fui moço; que no tocante a festas de juventude, estou agora esperando que ellas venham no outono, e é de crer que venham, acamaradas com o rheumatismo e gôta.

Este livro, cujo exito se me antolhava mau, quando eu o ia escrevendo, teve uma recepção de primasia sobre todos os seus irmãos. Movia-me á

desconfiança o ser elle triste, sem interpolação de risos; sombrio, e rematado por catastrophe de confrangir o animo dos leitores, que se interessam na boa sorte de uns, e no castigo d'outros personagens. Em honra e louvor das pessoas que estimaram o meu livro, confessarei agradavelmente que julguei mal d'ellas. Não approvo a qualificação; mas a critica escripta conformou-se com a opinião da maioria que antepõe o *Amor de Perdição* ao *Romance de um homem rico* e ás *Estrellas propicias.*

É grande parte neste favoravel, embora insustentavel juizo, a rapidez das peripecias, a derivação concisa do dialogo para os pontos essenciaes do enrêdo, a ausencia de divagações philosophicas, a lhaneza da linguagem e desartificio das locuções Isto, em quanto a mim, não póde ser um merecimento absoluto. O romance, que não estribar em outras recommendações mais solidas, deve ter uma voga mui pouco duradoura.

Estou quasi convencido de que o romance, tendendo a appellar da iniqua sentença, que o condemna a fulgir e apagar-se, tem de firmar sua duração em alguma especie de utilidade, tal como o estudo da alma, ou a pureza do dizer. E dou mais pelo segundo merecimento; que a alma está sobejamente estudada e desvelada nas litteraturas antigas, em nome e por amor das quaes muita gente abomina o romance moderno, e jura morrer sem ter lido o melhor do mais apregoado autôr. Dou-me por suspeito nesta questão. Graças a Deus

ainda não escrevi duas linhas a meu favor, nem sequer nas locaes do jornalismo. Até escrupuliso em dizer que devem ler-se romances: não vão cuidar que eu recommendo os meus.

É certo, que tenho querido imprimir em alguns de meus livros o cunho da utilidade com o valor da linguagem san e ageitada á expressão de ideias, que pareciam estranhas, como de feito eram, e não se nos deparam nos escriptos dos Sousas, Lucenas e Bernardes. Em verdade foi isto mirar muito longe com vista muito curta; assim mesmo, fiz o que pude; e neste livro direi que fiz menos do que podia. Nos *quinze atormentados dias*, em que o escrevi, falleceu-me o vagar e contensão que requer o acepilhar e brunir periodos. O que eu queria era afogar as horas, e afogar talvez a necessidade de vender o meu tempo, as minhas meditações silenciosas, e o direito de me espreguiçar como toda a gente, e o prazer ainda de ser tão lustroso na linguagem, quanto, em diversas circumstancias, podia ser.

O que então não fiz, tambem agora o não faço, senão em pouquissimo e muito de corrida. O livro agradou como está. Seria desacêrto e ingratidão demudar sensivelmente, quer na essencia, quer na compostura, o que, tal qual é, foi bem recebido.

Porto — Setembro, de 1863.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

AMOR DE PERDIÇÃO

INTRODUCÇÃO

Folheando os livros de antigos assentamentos, no cartorio das cadêas da relação do Porto, li, no das entradas dos presos desde 1803 a 1805, a folhas 232, o seguinte:

Simão Antonio Botelho, que assim disse chamar-se, ser solteiro, e estudante da Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e assistente na occasião de sua prisão na cidade de Vizeu, idade de dezoito annos, filho de Domingos José Corrêa Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castello Branco; estatura ordinaria, cara redonda, olhos castanhos, cabello e barba preta, vestido com jaqueta de baetão azul, collête de fustão pintado e calça de panno pedrez. E fiz este assento, que assignei — Fillippe Moreira Dias.

Á margem esquerda d'este assento está escripto:

Foi para a India em 17 de Março, de 1807.

Não seria fiar demasiadamente na sensibilidade do leitor, se cuido que o degrêdo de um moço de dezoito annos lhe ha de fazer dó.

Dezoito annos! O arrebol dourado e escarlate da manhan da vida! As louçanias do coração que ainda não sonha em fructos, e toda se embalsama no perfume das flores! Dezoito annos! O amor d'aquella idade! A passagem do seio de familia, dos braços de mãe, dos beijos das irmans para as caricias mais doces da virgem, que se lhe abre ao lado como flôr da mesma sazão e dos mesmos aromas, e á mesma hora da vida! Dezoito annos!... E degredado da patria, do amor e da familia! Nunca mais o céo de Portugal, nem liberdade, nem irmãos, nem mãe, nem rehabilitação, nem dignidade, nem um amigo!... E' triste!

O leitor de certo se compungia; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história d'aquelles dezoito annos, choraria!

Amou, perdeu-se, e morreu amando.

E a historia. E historia assim poderá ouvil-a a olhos enxutos a mulher, a creatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz comsigo do céo um reflexo da divina misericordia: essa, a minha leitora, a carinhosa amiga de todos os infelizes, não choraria se lhe dissessem que o pobre moço perdêra honra, rehabilitação, patria, liberdade, irmans, mãe, vida, tudo, por amor da primeira mulher que o despertou do seu dormir de innocentes desejos?!

Chorava, chorava! Assim eu lhe soubesse dizer o doloroso sobresalto que me causaram aquellas linhas, de proposito procuradas, e lidas com amargura e respeito e, ao mesmo tempo, odio. Odio, sim... A tempo verão se é perdoavel o odio, ou se antes me não fôra melhor abrir mão desde já de uma historia que me pode acarear enojos dos frios julgadores do coração, e das sentenças que eu aqui lavrar contra a falsa virtude de homens, feitos barbaros, em nome da sua honra.

AMOR DE PERDIÇÃO

I

Domingos José Corrêa Botelho de Mesquita e Menezes, fidalgo de linhagem e um dos mais antigos solarengos de Villa Real de Traz-os-Montes, era em 1779, juiz de fóra de Cascaes, e nesse mesmo anno casára com uma dama do paço, D. Rita Thereza Margarida Preciosa da Veiga Çaldeirão Castello Branco, filha d'um capitão de cavallos, neta de outro, Antonio de Azevedo Castello Branco Pereira da Silva, tão notavel pela sua jerarchia, como por um, naquelle tempo, precioso livro ácerca da Arte da Guerra.

Dez annos de enamorado, mal succedido, consumira em Lisboa o bacharel provinciano. Para fazer-se amar da formosa dama de D. Maria I minguavam-lhe dotes physicos: Domingos Botelho era extremamente feio. Para se inculcar como partido conveniente a uma filha segunda, faltavam-lhe bens

de fortuna: os haveres d'elle não excediam a trinta mil cruzados em propriedades no Douro. Os dotes de espirito não o recommendavam tambem: era alcançadissimo de intelligencia, e grangeára entre os seus condiscipulos da Universidade o epitheto de «brocas» com que ainda hoje os seus descendentes em Villa Real são conhecidos. Bem ou mal derivado, o epitheto *brocas* vem de *brôa*. Entenderam os academicos que a rudeza do seu condiscipulo procedia de muito pão de milho que elle digerira na sua terra.

Domingos Botelho devia ter uma vocação qualquer, e tinha: era excellente flautista; foi a primeira flauta do seu tempo; e a tocar flauta se sustentou dois annos em Coimbra, durante os quaes seu pae lhe suspendeu as mezadas, porque os rendimentos da casa não bastavam a livrar outro filho de um crime de morte. [1]

Formára-se Domingos Botelho em 1767, e fôra a Lisboa lêr no desembargo do paço, a iniciação banal dos que aspiravam á carreira da magistra-

[1] Ha vinte annos que eu ouvi d'um coevo do facto a historia do assassinio assim contada: Era em quinta feira santa. Marcos Botelho, irmão de Domingos, estava na festa de endoenças, em S. Francisco, defrontando com uma dama, namorada sua, e desleal dama que ella era. Noutro ponto da Igreja estava, apontando os olhos e coração á mesma mulher, um alferes da infantaria. Marcos enfreou o seu ciume até ao final do officio da paixão. A' sahida do templo encarou no militar, e provocou-o. O alferes

tura. Já Fernão Botelho, pae do bacharel, fôra bem aceito em Lisboa, e mórmente ao duque de Aveiro, cuja estima lhe teve a cabeça em risco, na tentativa regicida de 1758. O provinciano sahiu das masmorras da Junqueira illibado da infamante nodoa, e até bemquisto do conde de Oeiras, porque tomára parte na prova que este fizera do primor de sua genealogia sobre a dos Pintos Coelhos do Bomjardim do Porto: pleito ridiculo, mas estrondoso, movido pela recusa que o fidalgo portuense fizera de sua filha ao filho de Sebastião José de Carvalho.

As artes com que o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro III não as sei eu. É tradição que o homem fazia rir a rainha com as suas facecias, e por ventura com os tregeitos de que tirava o melhor do seu espirito. O certo é que Domingos Botelho frequentava o paço, e recebia do bolsinho da soberana uma farta pensão, com a qual o aspirante a juiz de fóra se esqueceu de si, do futuro e do ministro da justiça, que, muito rogado, fiára das suas letras o encargo de juiz de fóra de Cascaes.

---

tirou da espada, e o fidalgo do espadim. Terçaram as armas longo tempo sem desaire, nem sangue. Amigos de ambos tinham conseguido aplacál-os, quando Luiz Botelho, outro irmão de Marcos, desfechou uma clavina no peito do alferes, e ali, á entrada da "rua do Jogo da Bola", o derribou morto. O homicida foi livre por graça régia.

(*Nota* da 1.ª edição).

Já está dito que elle se atreveu aos amores do paço, não poetando como Luiz de Camões ou Bernardim Ribeiro; mas namorando na sua prosa provinciana, e captando a bem-querença da rainha para amollecer as durezas da dama. Devia ser, a final, feliz o «doutor bexiga» — que assim era na côrte conhecido — para se não desconcertar a discordia em que andam rixados o talento e a felicidade. Domingos Botelho casou com D. Rita Preciosa. Rita era uma formosura, que ainda aos cincoenta annos se podia presar de o ser. E não tinha outro dote, senão é dote uma série de avoengos, uns bispos, outros generaes, e entre estes o que morrêra frigido em caldeirão de não se que terra da mourisma; gloria na verdade um pouco ardente; mas de tal monta que os descendentes do general frito se assignaram *Caldeirões*.

A dama do paço não foi ditosa com o marido. Molestavam-na saudades da côrte, das pompas das camaras reaes, e dos amores de sua feição e molde, que immolou ao capricho da rainha. Este desgostoso viver, porém, não impeceu que se reproduzissem em dois filhos e tres meninas. O mais velho era Manuel, o segundo Simão; das meninas uma era Maria, a segunda Anna, e a ultima tinha o nome de sua mãe, e alguns traços de belleza d'ella.

O Juiz de fóra de Cascaes, solicitando logar de mais graduado banco, demorava em Lisboa, na freguezia da Ajuda, em 1784. Neste anno é que nasceu Simão, o penultimo dos seus filhos. Conseguiu elle,

sempre balanceado da fortuna, transferencia para Villa Real, sua ambição suprema.

A distancia d'uma legoa de Villa Real estava a nobreza da villa esperando o seu conterraneo. Cada familia tinha a sua liteira com o brazão da casa. A dos Corrêas de Mesquita era a mais antiquada no feitio, e as librés dos criados as mais surradas e traçadas que figuravam na comitiva.

D. Rita, avistando o prestito das liteiras, ajustou ao olho direito a sua grande luneta de oiro, e disse:

— Ó Menezes, aquillo que é?

— São os nossos amigos e parentes que véem esperar-nos.

— Em que seculo estamos nós nesta montanha? — tornou a dama do paço.

— Em que seculo?! o seculo tanto é dezoito aqui como em Lisboa.

— Ah! sim? Cuidei que o tempo parára aqui no seculo dôze...

O marido achou que devia rir-se do chiste, que o não lisongeára grandemente.

Fernão Botelho, pae do juiz de fóra, sahiu á frente do prestito para dar a mão á nora, que apeava da liteira, e conduzil-a á de casa. D. Rita, antes de vêr a cara de seu sogro, contemplou-lhe a olho armado as fivellas de aço, e a bolsa do rabicho. Dizia ella depois, que os fidalgos de Villa Real eram muito menos limpos que os carvoeiros de Lisboa. Antes de entrar na avoenga liteira de

seu marido, perguntou, com a mais refalsada seriedade, se não haveria risco em ir dentro d'aquella antiguidade. Fernão Botelho asseverou a sua nora que a sua liteira não tinha ainda cem annos, e que os machos não excediam a trinta.

O modo altivo como ella recebeu as cortezias da nobreza — velha nobreza, que para ali viera em tempo de D. Diniz, fundador da villa — fez que o mais novo do prestito, que ainda vivia ha dôze annos, me dissesse a mim: «Sabiamos que ella era dama da Senhora D. Maria I; porém da soberba com que nos tratou ficamos pensando que seria ella a propria rainha.» Repicaram os sinos da terra quando a comitiva assomou á Senhora de Almudena D. Rita disse ao marido que a recepção dos sinos era a mais estrondosa e barata.

Apearam á porta da velha casa de Fernão Botelho. A aia do paço relanceou os olhos pela fachada do edificio, e disse de si para si: «É uma bonita vivenda para quem foi criada em Mafra e Cintra, na Bemposta e Queluz.»

Decorridos alguns dias, D. Rita disse ao marido que tinha medo de ser devorada das ratazanas; que aquella casa era um covil de feras; que os tectos estavam a desabar; que as paredes não resistiriam ao inverno; que os preceitos de uniformidade conjugal não obrigavam a morrer de frio uma esposa delicada e affeita ás almofadas do palacio dos Reis.

Domingos Botelho conformou-se com a estre-

mecida consorte, e começou a fabrica de um palacete. Escassamente lhe chegavam os recursos para os alicerces: escreveu á rainha, e obteve generoso subsidio com que ultimou a casa. As varandas das janellas foram a ultima dadiva que a real viuva fez á sua dama. Quer-nos parecer que a dadiva é um testemunho, até agora inedito da demencia da Senhora D. Maria I.

Domingos Botelho mandára esculpir em Lisboa a pedra de armas; D. Rita, porém, teimára que no escudo se esquartejassem tambem as suas; mas era tarde, porque já a obra tinha vindo do esculptor, e o magistrado não podia com segunda despeza, nem queria desgostar seu pae, orgulhoso de seu brazão. Resultou d'aqui ficar a casa sem armas e D. Rita victoriosa. [1]

O juiz de fóra tinha ali parentella illustre. O aprumo da fidalga dobrou-se até aos grandes da provincia, ou antes houve por bem levantál-os até ella. D. Rita tinha uma côrte de primos, uns que se contentavam em serem primos, outros que invejavam a sorte do marido. O mais audacioso não ousava fitál-a de rosto, quando ella o remirava com a luneta em geito de tanta altivez e zombaria, que não será estranha figura dizer que a luneta de Rita

---

[1] É a casa-palacete da «rua da Piedade», hoje pertencente ao doutor Antonio Girardo Monteiro. — (Nota da 1.ª edição).

Preciosa era a mais vigilante sentinella da sua virtude.

Domingos Botelho desconfiava da efficacia dos merecimentos proprios para cabalmente encher o coração de sua mulher. Inquietava-o o ciume; mas suffocava os suspiros, receando que Rita se désse por injuriada da suspeita. E razão era que se offendesse. A neta do general frigido no caldeirão sarraceno ria dos primos, que, por amor d'ella, erriçavam e empoavam as cabelleiras com desgracioso esmero, e cavalleavam estrepitosamente na calçada os seus ginetes, fingindo que os picadores da provincia não desconheciam as graças hippicas do marquez de Marialva.

Não o cuidava assim, porém, o juiz de fóra. O intriguista que lhe trazia o espirito em ancias era o seu espelho. Via-se sinceramente feio, e conhecia Rita cada vez mais em flôr, e mais enfadada no trato íntimo. Nenhum exemplo da historia antiga, exemplo de amor sem quebra entre o esposo deforme e a esposa linda, lhe occorria. Um só lhe mortificava a memoria, e esse, com quanto fosse da fabula, era-lhe avêsso, e vinha a ser o casamento de Venus e Vulcano. Lembravam-lhe as redes que o ferreiro côxo fabricára para apanhar os deuses adulteros, e assombrava-se da paciencia d'aquelle marido. Entre si, dizia elle, que, erguido o véo da perfidia, nem se queixaria a Jupiter, nem armaria ratoeiras aos primos. A par do bacamarte de Luiz Botelho, que varára em terra o alferes, estava uma

fileira de bacamartes em que o juiz de fóra era entendido com muito superior intelligencia á que revelava na comprehensão do Digesto e das Ordenações do Reino.

Este viver de sobresaltos durou seis annos, ou mais seria. O juiz de fóra empenhára os seus amigos na transferencia, e conseguiu mais do que ambicionava: foi nomeado provedor para Lamego. Rita Preciosa deixou saudades em Villa Real, e duradoura memoria da sua soberba, formosura e graças de espirito. O marido tambem deixou anecdotas que ainda agora se repetem. Duas contarei sómente para não enfadar. Acontecêra um lavrador mandar-lhe o presente d'uma vitella, e mandar com ella a vacca, para se não desgarrar a filha. Domingos Botelho mandou recolher á loja a vitella e a vacca, dizendo que quem dava a filha dava a mãe. Outra vez, deu-se o caso de lhe mandarem um presente de pasteis em rica salva de prata. O juiz de fóra repartiu os pasteis pelos meninos, e mandou guardar a salva, dizendo que receberia como escarneo um presente de doces, que valia dez patacões, sendo que naturalmente os pasteis tinham vindo como ornato da bandeja. E assim é que, ainda hoje, em Villa Real, quando se dá um caso analogo de ficar alguem com o contéudo e continente, diz a gente da terra: «Aquelle é como o doutor brocas».

Não tenho assumpto de tradição com que possa reter-me em miudezas da vida do provedor em Lamego. Escassamente sei que D. Rita aborrecia a

comarca, e ameaçava o marido de ir com seus cinco filhos para Lisboa, se elle não sahisse d'aquella intratavel terra. Parece que a fidalguia de Lamego, em todo o tempo orgulhosa d'uma antiguidade que principia na acclamação de Almacave, desdenhou a philaucia da dama do paço, e esmerilhou certas vergonteas pôdres do tronco dos Botelhos Corrêas de Mesquita, desprimorando-lhe as sans com o facto de elle ter vivido dois annos em Coimbra tocando flauta.

Em 1801, achamos Domingos José Corrêa Botelho de Mesquita corregedor em Vizeu.

Manuel, o mais velho de seus filhos, tem vinte e dois annos, e frequenta o segundo anno juridico. Simão, que tem quinze, estuda humanidades em Coimbra. As tres meninas são o prazer e a vida toda do coração de sua mãe.

O filho mais velho escreveu a seu pae queixando-se de não poder viver com seu irmão, temeroso do genio sanguinario d'elle. Conta que a cada passo se vê ameaçado na vida, porque Simão emprega em pistolas o dinheiro dos livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia, e corre de noite as ruas insultando os habitantes e provocando-os á lucta com assuadas. O corregedor admira a bravura de seu filho Simão, e diz á consternada mãe que o rapaz é a figura e o genio de seu bisavô Paulo Botelho Corrêa, o mais valente fidalgo que déra Traz-os-Montes.

Manuel, cada vez mais aterrado das arremetti-

das de Simão, sáe de Coimbra antes de férias e vai a Vizeu queixar-se, e pedir que lhe dê seu pae outro destino. D. Rita quer que seu filho seja cadete de cavallaria. De Vizeu parte para Bragança Manuel Botelho, e justifica-se nobre dos quatro costados para ser cadete.

No entanto, Simão recolhe a Vizeu com os seus exames feitos e approvados. O pae maravilha se do talento do filho, e desculpa-o da extravagancia por amor do talento. Pede-lhe explicações do seu mau viver com Manuel, e elle respondeu que seu irmão o quer forçar a viver monasticamente.

Os quinze annos de Simão teem apparencias de vinte. E forte de compleição; e bello homem com as feições de sua mãe, e a corpulencia d'ella; mas de todo avêsso em genio. Na plebe de Vizeu é que elle escolhe amigos e companheiros. Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias e mórmente do general Caldeirão que morreu frito. Isto bastou para elle grangear a malquerença de sua mãe. O corregedor via as coisas pelos olhos de sua mulher, e tomou parte no desgosto d'ella e na aversão ao filho. As irmans temiam-no, tirante Rita, a mais nova, com quem elle brincava puerilmente, e a quem obedecia, se lhe ella pedia, com meiguices de criança, que não andasse com pessoas mecanicas.

Finalisavam as férias, quando o corregedor teve um grave dissabor. Um dos seus criados tinha ido levar a beber os machos, e, por descuido ou pro-

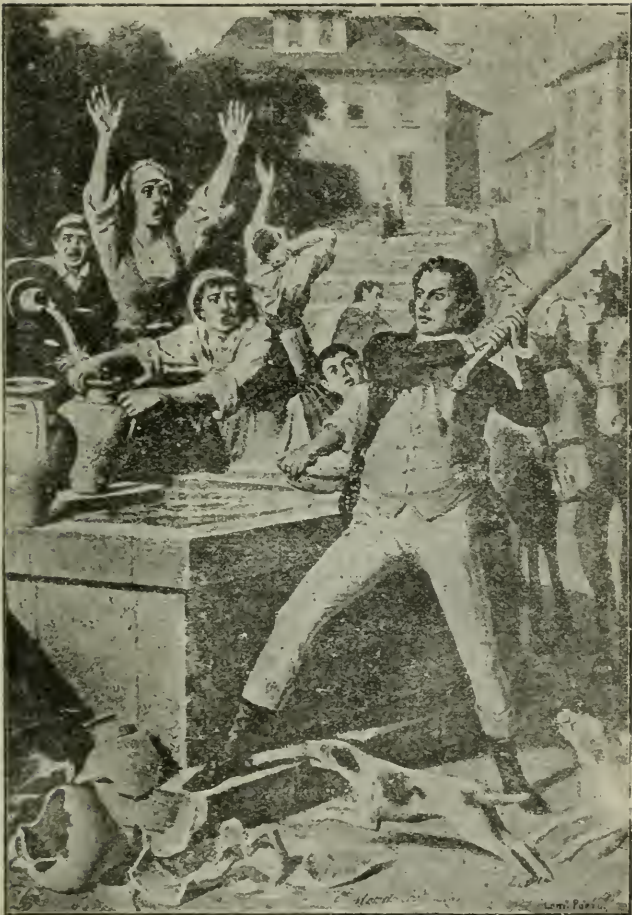
posito, deixou quebrar algumas vasilhas que estavam á vez no parapeito do chafariz. Os donos das vasilhas conjuraram contra o criado; espancaram-no. Simão passava nesse ensejo; e, armado d'um fueiro que descravou d'um carro, partiu muitas cabeças, e rematou o tragico espectaculo pela farça de quebrar todos os cantaros. O povoleu intacto fugira espavorido, que ninguem se atrevia ao filho do corregedor; os feridos, porém, incorporaram-se e foram clamar justiça á porta do magistrado.

Domingos Botelho bramia contra o filho, e ordenava ao meirinho geral que o prendesse á sua ordem. D. Rita, não menos irritada, mas irritada como mãe, mandou, por portas travessas, dinheiro ao filho para que, sem detença, fugisse para Coimbra, e esperasse lá o perdão do pae.

O corregedor, quando soube o expediente de sua mulher, fingiu-se zangado, e prometteu fazêl-o capturar em Coimbra. Como, porém, D. Rita lhe chamasse brutal nas suas vinganças, o estupido juiz de uma rapaziada, o magistrado desenrugou a serenidade postiça da testa, e confessou tacitamente que era brutal e estupido juiz.

II

Simão Botelho levou de Vizeu para Coimbra arrogantes convicções da sua valentia. Se recor-



Simão partindo os cantaros, na desordem do chafariz

(Pag. 16)

dava os chibantes pormenores da derrota em que puzera trinta aguadeiros, o som cavo das pancadas, a queda atordoada d'este, o levantar-se d'aquelle, ensanguentado, a bordoada que abrangia tres a um tempo, a que afocinhava dois, a gritaria de todos, e o estrepito dos cantaros afinal, Simão deliciava-se nestas lembranças, como ainda não vi nalgum drama, em que o veterano de cem batalhas relembra os louros de cada uma, e esmorece, afinal, estafado de espantar, quando não é de estafar, os ouvintes.

O academico, porém, com os seus enthusiasmos era incomparavelmente muito mais prejudicial e perigoso que o mata-mouros de tragedia. As recordações esporeavam-no a façanhas novas, e naquelle tempo a academia dava azo a ellas. A mocidade estudiosa, em grande parte sympathisava com as balbuciantes theorias da liberdade, mais por presentimento, que por estudo. Os apostolos da revolução franceza não tinham podido fazer revoar o trovão dos seus clamores neste canto do mundo; mas os livros dos encyclopedistas, as fontes onde a geração seguinte bebêra a peçonha que sahiu no sangue de noventa e tres, não eram de todo ignorados. As doutrinas na regeneração social pela guilhotina tinham alguns temidos sectarios em Portugal, e esses de vêr é que deviam pertencer á geração nova. Além de que, o rancor á Inglaterra lavrava nas entranhas das classes manufactureiras, e o desprender-se do jugo aviltador de estranhos,

apertado, desde o principio do seculo anterior, com as sôgas de ruinosos e perfidos tratados, estava no animo de muitos e bons portuguezes que se queriam antes alliançados com a França. Estes eram os pensadores reflexivos; os sectarios da academia, porém, exprimiam mais a paixão da novidade que as doutrinas do raciocinio.

No anno anterior de 1800, sahira Antonio de Araujo de Azevedo, depois conde da Barca, a negociar em Madrid e Pariz a neutralidade de Portugal. Regeitaram-lhe as potencias alliadas as propostas, tendo-lhe em conta de nada os dezesseis milhões que o diplomata offerecia ao primeiro consul. Sem delongas, foi o territorio portuguez infestado pelos exercitos de Hespanha e França. As nossas tropas, commandadas pelo duque de Lafões, não chegaram a travar luta desigual, porque a esse tempo Luiz Pinto de Souza, mais tarde visconde de Balsemão, negociára ignominiosa paz em Badajoz, com cedencia de Olivença á Hespanha, exclusão de inglezes de nossos portos, e indemnisação de alguns milhões á França.

Estes successos tinham irritado contra Napoleão os animos d'aquelles que odiavam o aventureiro, e para outros deram causa a congratularem-se do rompimento com Inglaterra. Entre os d'esta parcialidade, na convulsiva e irrequieta academia, era voto de grande monta Simão Botelho, apesar dos seus imberbes dezesseis annos. Mirabeau, Danton, Robespierre, Desmoulins, e muitos outros al-

gozes e martyres do grande açougue, eram nomes de soada musical aos ouvidos de Simão. Diffamál-os na sua presença era affrontarem-no a elle, e bofetada certa, e pistolas engatilhadas á cara do diffamador. O filho do corregedor de Vizeu defendia que Portugal devia regenerar-se num baptismo de sangue, para que a hydra dos tyrannos não erguesse mais uma das suas mil cabeças sob a clava do Hercules popular.

Estes discursos, arremêdo d'alguma clandestina objurgatoria de Saint-Just, afugentavam da sua communhão aquelles mesmos que o tinham applaudido em mais racionaes principios de liberdade. Simão Botelho tornou-se odioso aos condiscipulos que, para se salvarem pela infamia, o delataram ao bispo-conde, e ao reitor da universidade.

Um dia, proclamava o demagogo academico na praça de Sansão aos poucos ouvintes que lhe restaram fieis, uns por medo, outros pela analogia de bossas. O discurso ia no mais acrisolado da ideia regicida, quando uma escolta de verdeaes lhe aguou a escandecencia. Quiz o orador resistir, aperrando as pistolas, mas de sobra sabiam os braços musculosos da cohorte do reitor com quem as haviam. O jacobino, desarmado e cercado entre a escolta dos archeiros, foi levado ao carcere academico, d'onde sahiu seis mezes depois, a grandes instancias dos amigos de seu pae e dos parentes de D. Rita Preciosa.

Perdido o anno lectivo, foi para Vizeu Simão. O corregedor repeliu-o da sua presença com amea-

ças de o expulsar de casa. A mãe, mais levada do dever que do coração, intercedeu pelo filho e conseguiu sentá-lo á mesa commum.

No espaço de trez mezes fez-se maravilhosa mudança nos costumes de Simão. As companhias da ralé despresou-as. Sahia de casa raras vezes, ou só, ou com a irman mais nova, sua predilecta. O campo, as arvores e os sitios mâis sombrios e ermos eram o seu recreio. Nas doces noites de estio demorava-se por fóra até ao romper da alva. Aquelles que assim o viam admiravam-lhe o ar scismador e o recolhimento que o sequestrava da vida vulgar. Em casa encerrava-se no seu quarto, e sahia quando o chamavam para a mesa.

D. Rita pasmava da transfiguração, e o marido, bem convencido d'ella, ao fim de cinco mezes consentiu que seu filho lhe dirigisse a palavra.

Simão Botelho amava. Ahi está uma palavra unica, explicando o que parecia absurda reforma aos dezesete annos.

Amava Simão uma sua visinha, menina de quinze annos, rica herdeira, regularmente bonita e bem nascida. Da janella do seu quarto é que elle a vira a primeira vez, para amal-a sempre. Não ficára ella incólume na ferida que fizera no coração do visinho: amou-o tambem, e com mais serenidade que a usual nos seus annos.

Os poetas cansam-nos a paciencia a falarem do amor da mulher aos quinze annos, como paixão perigosa, unica e inflexivel. Alguns prezadores de

romances dizem o mesmo. Enganam-se ambos. O amor dos quinze annos é uma brincadeira; é a ultima manifestação do amor ás bonecas; é a tentativa da avesinha que ensaia o vôo fóra do ninho, sempre com os olhos fitos na ave-mãe que a está da fronde proxima chamando: tanto sabe a primeira o que é amar muito, como a segunda o que é voar para longe.

Thereza de Albuquerque devia ser, por ventura, uma excepção no seu amor.

O magistrado e sua familia eram odiosos ao pae de Thereza, por motivos de litigios, em que Domingos Botelho lhe deu sentenças contra. Afóra isso, ainda no anno anterior dois creados de Thadeu de Albuquerque tinham sido feridos na celebrada pancadaria da fonte. É, pois, evidente que o amor de Thereza, declinando de si o dever de obtemperar e sacrificar-se ao justo azedume de seu pae, era verdadeiro e forte.

E este amor era singularmente discreto e cauteloso. Viram-se e falaram-se tres mezes, sem darem rebate á visinhança, e nem sequer suspeitas ás duas familias. O destino, que ambos se promettiam, era o mais honesto: elle ia formar-se para poder sustentál-a, se não tivesse outros recursos: ella esperava que seu velho pae fallecesse para, senhora sua, lhe dar, com o coração, o seu grande patrimonio. Espanta discreção tamanha na indole de Simão Botelho, e na presumivel ignorancia de Thereza em coisas materiaes da vida, como são um patrimonio!

Na vespera da sua ida para Coimbra, estava Simão Botelho despedindo-se da suspirosa menina, quando subitamente ella foi arrancada da janella. O allucinado moço ouviu gemidos d'aquella voz que, um momento antes, soluçava commovida por lagrimas de saudade. Ferveu-lhe o sangue na cabeça; contorceu-se no seu quarto como o tigre contra as grades inflexiveis da jaula. Teve tentações de se matar na impotencia de soccorrêl-a. As restantes horas d'aquella noite passou-as em raivas e projectos de vingança. Com o amanhecer esfriou-lhe o sangue, e renasceu a esperança com os calculos.

Quando o chamaram para partir para Coimbra, lançou-se do leito de tal modo transfigurado, que sua mãe, avisada do rosto amargurado d'elle, foi ao quarto interrogál-o e despersuadil-o de ir emquanto assim estivesse febril. Simão, porém, entre mil projectos, achára melhor o de ir para Coimbra, esperar lá noticias de Thereza, e vir a occultas a Vizeu fallar com ella. Ajuizadamente discorrera elle: que a sua demora aggravaria a situação de Thereza.

Descêra o académico ao pateo, depois de abraçar a mãe e irman, e beijar a mão ao pae, que para esta hora reservára uma admoestação severa, a ponto de lhe asseverar que de todo o abandonaria se elle cahisse em novas extravagancias. Quando mettia o pé no estribo, viu a seu lado uma velha mendiga, estendendo-lhe a mão aberta, como quem

pede esmola, e, na palma da mão, um pequeno papel. Sobresaltou-se o moço; e, a poucos passos distante de sua casa, leu estas linhas:

«Meu pae diz que me vae encerrar num con«vento, por tua causa. Soffrerei tudo por amor de «ti. Não me esqueças tu, e achar-me-has no con«vento, ou no céo, sempre tua do coração, e sem«pre leal. Parte para Coimbra. Lá irão dar as mi«nhas cartas; e na primeira te direi em que nome «has-de responder á tua pobre Thereza.»

A mudança do estudante maravilhou a academia. Se o não viam nas aulas, em parte nenhuma o viam. Das antigas relações restavam-lhe apenas as dos condiscipulos sensatos que o aconselhavam para bem, e o visitavam no carcere de seis mezes, dando-lhe alentos e recursos, que seu pae lhe não dava, e sua mãe escassamente suppria. Estudava com fervor, como quem já d'ali formava as bases do futuro renome e da posição por elle merecida, bastante a sustentar dignamente a esposa. A ninguem confiava o seu segredo, senão ás cartas que enviava a Thereza, longas cartas em que folgava o espirito da tarefa da sciencia. A apaixonada menina escrevia-lhe a miudo, e já dizia que a ameaça do convento fôra mero terror de que já não tinha medo, porque seu pae não podia viver sem ella.

Isto afervorou-lhe para mais o amor ao estudo. Simão, chamado em pontos difficeis das materias do primeiro anno, tal conta deu de si, os len-

tes e os condiscipulos o houveram como primeiro premiado.

A este tempo, Manoel Botelho, cadete em Bragança, destacado no Porto, licenciou-se para estudar na universidade as mathematicas. Animou-o a noticia do reviramento que se dera em seu irmão. Foi viver com elle; achou-o quieto; mas alheado numa ideia que o tornava misanthropo e intratavel noutro genero. Pouco tempo conviveram, sendo a causa da separação um desgraçado amor de Manuel Botelho a uma açoriana casada com um academico. A esposa apaixonada perdeu-se nas illusões do cego amante. Deixou o marido e fugiu com elle para Lisboa, e d'ahi para Espanha. Em outro relanço d'esta narrativa darei conto do remate d'este episodio.

No mez de fevereiro de 1803, recebeu Simão Botelho uma carta de Thereza. No seguinte capitulo se diz minuciosamente a peripecia que forçára a filha de Thadeu de Albuquerque a escrever aquella carta de pungentissima surpreza para o academico, convertido aos deveres, á honra, á sociedade e a Deus pelo amor.

III

O pae de Thereza não embicaria na impureza do sangue do corregedor, se o ajustarem-se os dois filhos em casamento se compadecesse com o odio

de um e o desprezo do outro. O magistrado mofava do rancor do seu vizinho, e o vizinho malsinava de venalidade a reputação do magistrado. Este sabia da injuriosa vingança em que o outro se ia despicando; fingia-se invulneravel á detracção; mas de dia para dia se lhe azedava mais a bilis; e é de crêr, que, se o não contivessem considerações de familia, soffreria menos, desabafando pela bôca d'um bacamarte, arma de predilecção dos Botelhos Corrêas de Mesquita. Seria impossivel o reconciliarem-se.

Rita, a filha mais nova, estava um dia na janella do quarto de Simão, e viu a vizinha rente com os vidros e a testa apoiada nas mãos. Sabia Thereza que era aquella menina a mais querida irman do Simão, e a que mais semelhança de parecer tinha com elle. Sahiu da sua artificial indifferença, e respondeu ao reparo de Rita fazendo-lhe com a mão um gesto e sorrindo. A filha do corregedor sorriu tambem, mas fugiu logo da janella, porque sua mãe tinha prohibido ás filhas de trocarem vistas com pessoa d'aquella casa.

No dia seguinte, á mesma hora, levada da sympathia que lhe causára aquelle gesto de amizade, tornou Rita á janella, e lá viu Thereza com os olhos fitos na sua, como se a estivesse esperando. Sorriram-se com resguardo, afastando-se a um tempo do peitoril das janellas; e assim, ambas de pé, no interior dos quartos, se estavam contemplando. Como a rua era estreita, podiam ouvir-se, falando baixo,

Thereza, mais pelo movimento dos labios que por palavras, perguntou a Rita se era sua amiga. A menina respondeu com um gesto affirmativo, e fugiu, acenando-lhe um adeus. Estes rapidos instantes de se verem repetiram-se successivos dias, até que, perdido o maior medo de ambas, ousaram demorar-se em palestras a meia voz. Thereza falava de Simão, contava á menina de onze annos o segredo do seu amor, e dizia-lhe que ella havia de ser ainda sua irman, recommendando-lhe muito que não dissesse nada á sua familia.

N'uma d'essas conversações, Rita descuidára-se, e levantou de modo a voz que foi ouvida d'uma irman, que a foi logo acusar ao pae. O corregedor chamou Rita, e forçou-a pelo terror a contar tudo que ouvira á vizinha. Tanta foi sua cólera, que, sem attender ás razões da esposa, que viera espavorida dos gritos d'elle, correu ao quarto de Simão, e viu ainda Thereza á janella.

—Olé! — disse elle á pallida menina. — Não tenha a confiança de pôr os olhos em pessoa de minha casa. Se quer casar, case com um sapateiro, que é um digno genro de seu pae.

Thereza não ouviu o remate da brutal apostrophe: tinha fugido aturdida e envergonhada. Porém, como o desabrido magistrado ficasse bramindo no quarto, e Thadeu de Albuquerque sahisse a uma janella, a cólera do doutor redobrou, e a torrente das injurias, longo tempo represada, bateu no rosto do vizinho, que não ousou replicar-lhe.

Thadeu interrogou sua filha, e acreditou que foi causa á sánha de Domingos Botelho estarem as duas meninas praticando innocentemente, por tregeitos, em coisas de sua edade. Desculpou o velho a criancice de Thereza, admoestando-a que não voltasse áquella janella.

Esta mansidão do fidalgo, cujo natural era bravio, tem a sua explicação no projecto de casar em breve a filha com seu primo Balthazar Coutinho de Castro-d'Aire, senhor de casa, e igualmente nobre da mesma prosapia. Cuidava o velho, presumpçoso conhecedor do coração das mulheres, que a brandura seria o mais seguro expediente para levar a filha ao esquecimento d'aquelle pueril amor a Simão. Era maxima sua que o amor, aos quinze annos, carece de consistencia para sobreviver a uma ausencia de seis mezes. Não pensava errado o fidalgo, mas o êrro existia. As concepções teem sido o ludibrio dos mais assizados pensadores, tanto no especulativo como no experimental. Não era muito que Thadeu de Albuquerque fosse enganado em coisas de amor e coração de mulher, cujas variantes são tantas e tão caprichosas, que eu não sei se alguma maxima póde ser-nos guia, a não ser esta: «Em cada mulher, quatro mulheres incomprehensiveis, pensando alternadamente como se hão de desmentir umas ás outras». Isto é o mais seguro; mas não é infallivel. Ahi está Thereza que parece ser unica em si. Dir-se-ha que as tres da conta, que diz a sentença, não podem coexistir com a quarta.

aos quinze annos? Tambem o penso assim, posto que a fixidez, a constancia d'aquelle amor, funda-se em causa independente do coração: é porque Thereza não vai á cidade, não tem um altar em cada noite na sala, não provou o incenso d'outros galans, nem teve ainda uma hora de comparar a imagem amada, desluzida pela ausencia, com a imagem amante, amor nos olhos que a fitam, e amor nas palavras que a convencem de que ha um coração para cada homem, e uma só mocidade para cada mulher. Quem me diz a mim que Thereza teria em si as quatro mulheres da maxima, se o vapor de quatro incensorios lhe estonteasse o espirito? Não é facil, nem preciso decidir. E vamos ao conto.

Ácerca de Simão Botelho, nunca diante de sua filha Thadeu de Albuquerque proferiu palavra, nem antes nem depois do disparate do corregedor. O que elle fez logo foi chamar a Vizeu o sobrinho de Castre-d'Aire, e prevenil-o do seu designio, para que elle, em face de Thereza, procedesse como convinha a um enamorado de feição, e mutuamente se apaixonassem e promettessem auspicioso futuro ao casamento.

Por parte de Balthazar Coutinho a paixão inflamou-se tão depressa, quanto o coração de Thereza se congelou de terror e repugnancia. O morgado de Castro-d'Aire, attribuindo a frieza de sua prima a modestia, innocencia e acanhamento, lisonjeou-se do virginal melindre d'aquella alma, e saboreou de antemão o prazer de uma lenta, mas segura con-

quista. Verdade é que Balthazar nunca se explicára de modo que Thereza lhe désse resposta decisiva; um dia, porém, instigado por seu tio, afoitou-se o ditoso noivo a falar assim á melancolica menina:

— É tempo de lhe abrir o meu coração, prima. Está bem disposta a ouvir-me?

— Eu estou sempre bem disposta a ouvil-o, primo Balthazar.

O desdem aborrecido d'esta resposta abalou algum tanto as convicções do fidalgo, respeito á innocencia, modestia e acanhamento de sua prima. Ainda assim, quiz elle no momento persuadir-se que a boa vontade não podia exprimir-se d'outro modo, e continuou:

— Os nossos corações penso eu que estão unidos; agora é preciso que as nossas casas se unam.

Thereza empallideceu, e baixou os olhos.

— Acaso lhe diria eu alguma cousa desagradavel? — proseguiu Balthazar, rebatido pela desfiguração de Thereza.

— Disse-me o que é impossivel fazer-se — respondeu ella sem turvação. — O primo engana-se: os nossos corações não estão unidos. Sou muito sua amiga, mas nunca pensei em ser sua esposa, nem me lembrou que o primo pensasse em tal.

— Quer dizer que me aborrece, prima Thereza? — atalhou corrido o morgado.

— Não, senhor: já lhe disse que o estimava muito, e por isso mesmo não devo ser esposa de

um amigo a quem não posso amar. A infelicidade não seria só minha...

— Muito bem... Posso eu saber — tornou com refalsado sorriso o primo — quem é que me disputa o coração de minha prima?

— Que lucra em o saber?

— Lucro saber, pelo menos, que a minha prima ama outro homem... É exacto?

— É.

— E com tamanha paixão que desobedece a seu pae?

— Não desobedeço: o coração é mais forte que a submissa vontade de uma filha. Desobedeceria, se casasse contra a vontade de meu pae; mas eu não disse ao primo Balthazar que casava; disse-lha unicamente que amava.

— Sabe a prima que eu estou espantado do seu modo de falar!... Quem pensaria que os seus dezasseis annos estavam tão abundantes de palavras!...

— Não são só palavras, primo — retorquiu Thereza com gravidade — são sentimentos, que merecem a sua estima, por serem verdadeiros. Se lhe eu mentisse, ficaria mais bem vista de meu primo?

— Não, prima Thereza; fez bem em dizer a verdade, e de a dizer em tudo. Ora olhe, não duvida declarar quem é o ditoso mortal da sua preferencia?

— Que lhe faz saber isso?

— Muito, prima; todos temos a nossa vaidade, e eu folgaria muito de me vêr vencido por quem

tivesse merecimentos que eu não tenho aos seus olhos. Tem a bondade de me dizer o seu segredo, como o diria a seu primo Balthazar, se o tivesse em conta de seu amigo intimo?

— Nessa conta é que eu o não posso já ter...— respondeu Thereza, sorrindo e pausando, como elle, as syllabas das palavras.

— Pois nem para amigo me quer?!

— O primo não me perdoa a sinceridade que eu tive, e será de hoje em diante meu inimigo.

— Pelo contrario...— tornou elle com mal rebuçada ironia — muito pelo contrario... Eu lhe provarei que sou seu amigo, se alguma vez a vir casada com algum miseravel indigno de si.

— Casada!...— interrompeu ella; mas Balthazar cortou-lho logo a réplica d'este modo:

— Casada com algum famoso ebrio ou jogador de pau, valentão de aguadeiros, distincto cavalheiro, que passa os annos lectivos encarcerado nas cadêas de Coimbra...

Claro está que Balthazar Coutinho conhecia o segredo de Thereza. Seu tio, naturalmente, lhe communicára a criancice da prima, talvez antes de destinar-lh'a esposa.

Ouvira Thereza o tom sarcastico d'aquellas palavras, e erguêra-se respondendo com altivez:

—Não tem mais que me diga, primo Balthazar?

—Tenho, prima; queira sentar-se algum tempo mais. Não cuide agora que está falando com o namorado infeliz: convença-se de que fala com o seu

mais proximo parente, mais sincero amigo, e mais decidido guarda da sua dignidade e fortuna. Eu sabia que minha prima, contra a expressa vontade de seu pae, uma ou outra vez conversára da janella com o filho do corregedor. Não dei valor ao successo, e tomei-o como brincadeira propria da sua edade. Como eu frequentasse o meu ultimo anno em Coimbra, ha dois annos, conheci de sobra Simão Botelho. Quando voltei, e me contaram a sua affeição ao academico, pasmei da boa fé da priminha; depois entendi que a sua mesma innocencia devia ser o seu anjo da guarda. Agora, como seu amigo, compunjo-me de a vêr ainda fascinada pela perversidade do seu vizinho. Não se recorda de ter visto Simão Botelho sociando com a infima villanagem d'esta terra?! Não viu os seus criados com as cabeças quebradas pelo tal varredor de feiras? Não lhe constou que elle, em Coimbra, abarrotado de vinho, andava pelas ruas armado como um salteador de estradas, proclamando á canalha a guerra aos nobres e aos reis, e á religião de nossos paes? A prima ignoraria isto por ventura?

— Ignorava parte d'isso e não me afflige o sabêl-o. Desde que conheci Simão, não me consta que elle tenha dado o menor desgosto á sua familia, nem ouço falar mal d'elle.

— E está por isso persuadida de que Simão deve ao seu amor a reforma de costumes?

— Não sei, nem penso n'isso — replicou com enfado Thereza.

— Não se zangue, prima. Vou-lhe dizer as minhas ultimas palavras: eu hei de, emquanto viver, trabalhar para salvál-a das garras de Simão Botelho. Se seu pae lhe faltar, fico eu. Se as leis a não defenderem dos ataques do seu demonio, eu farei vêr ao valentão que a victoria sobre os aguadeiros não o poupa ao desgosto de ser levado a pontapés para fóra de casa de meu tio Thadeu d'Albuquerque.

— Então o primo quer-me governar!? — atalhou ella com desabrida irritação.

— Quero-a dirigir emquanto a sua razão precisar de auxilio. Tenha juizo e eu serei indifferente ao seu destino. Não a enfado mais, prima Thereza.

Balthazar Coutinho foi d'ali procurar seu tio, e contou-lhe o essencial do dialogo. Thadeu, atonito da coragem da filha e ferido no coração e direitos paternaes, correu ao quarto d'ella, disposto a espancál-a. Reteve-o Balthazar, reflexionando-lhe que a violencia prejudicaria muito a crise, sendo coisa de esperar que Thereza fugisse de casa. Refreou o pae a sua ira, e meditou. Horas depois, chamou sua filha, mandou-a sentar ao pé de si, e, em termos serenos e gesto bem composto, lhe disse que era sua vontade casál-a com o primo; porém que elle já sabia que a vontade de sua filha não era essa. Ajuntou que a não violentaria; mas tambem não consentiria que ella, sovando aos pés o pondunor de seu pae, se désse de coração ao filho

do seu maior inimigo. Disse mais que estava a resvalar na sepultura, e mais depressa desceria a ella, perdendo o amor da filha, que elle já considerava morta. Terminou perguntando a Thereza, se ella duvidava entrar num convento, e ahi esperar que seu pae morresse, para depois ser desgraçada á sua vontade.

Thereza respondeu, chorando, que entraria num convento, se essa era a vontade de seu pae; porém que se não privasse elle de a ter em sua companhia nem a privasse a ella dos seus affectos, por medo de que sua filha praticasse alguma acção indigna, ou lhe desobedecesse no que era virtude obedecer.

Prometteu-lhe julgar-se morta para todos os homens, menos para seu pae.

Thadeu ouviu-a, e não lhe replicou.

IV

O coração de Thereza estava mentindo. Vão lá pedir sinceridade ao coração!

Para finos entendedores, o dialogo do anterior capitulo definiu a filha de Thadeu de Albuquerque. É mulher varonil, tem força de caracter, orgulho fortalecido pelo amor, despêgo das vulgares apprehensões, se são apprehensões a renuncia que uma filha fez do seu alvedrio ás imprevidentes e

caprichosas vontades de seu pae. Diz boa gente que não, e eu abundo sempre no voto da gente boa. Não será aleive attribuir-lhe uma pouca de astucia, ou hypocrisia, se quizerem; perspicacia seria mais correcto dizer. Thereza adivinha que a lealdade tropeça a cada passo na estrada real da vida, e que os melhores fins se attingem por atalhos onde não cabem a franqueza e a sinceridade. Estes ardis são raros na idade inexperta de Thereza; mas a mulher do romance quasi nunca é trivial, e esta, de que resam os meus apontamentos, era distinctissima. A mim me basta, para crêr em sua distincção, a celebridade que ella veio a ganhar á conta da desgraça.

Da carta que ella escreveu a Simão Botelho, contando as scenas descriptas, a critica deduz que a menina de Vizeu contemporisava com o pae, pondo a mira no futuro, sem passar pelo dissabor do convento, nem romper com o velho em manifesta desobediencia. Na narrativa que fez ao academico omittiu ella as ameaças do primo Balthazar, clausula que, a ser transmittida, arrebataria de Coimbra o moço, em quem sobejavam brios e bravura para mantêl-os.

Mas não é esta ainda a carta que surprehendeu Simão Botelho.

Parecia bonançoso o céo de Thereza. Seu pae não falava em claustro nem em casamento. Balthazar Coutinho voltára ao seu solar de Castro-d'Aire. A tranquilla menina dava semanalmente estas boas

novas a Simão, que, alliando ás venturas docoração as riquezas do espirito, estudava incessantemente, e desvelava as noites architectando o seu edificio de futura gloria.

Ao romper d'alva d'um domingo de Junho de 1803, foi Thereza chamada para ir com seu pae á primeira missa da igreja parochial. Vestiu-se a menina assustada, e encontrou o velho na ante-camara a recebêl-a com muito agrado, perguntando-lhe se ella se erguia de bons humores para dar ao autôr de seus dias um resto de velhice feliz. O silencio de Thereza era interrogador.

— Vaes hoje dar a mão d'esposa a teu primo Balthazar, minha filha. É preciso que te deixes cegamente levar pela mão de teu pae. Logo que deres este passo difficil, conhecerás que a tua felicidade é d'aquellas que precisam ser impostas pela violencia. Mas repara, minha querida filha, que a violencia de um pae é sempre amor. Amor tem sido a minha condescendencia e brandura para comtigo. Outro teria subjugado a tua desobediencia com maus tratos, com os rigores do convento, e talvez com o desfalque do teu grande patrimonio. Eu, não. Esperei que o tempo te aclarasse o juizo, e felicito-me por te julgar desassombrada do diabolico prestigio do maldito que acordou o teu innocente coração. Não te consultei outra vez sobre este casamento por temer que a reflexão fizesse mal ao zêlo de boa filha com que tu vaes abraçar teu pae e agradecer-lhe a prudencia com que elle respeito

o teu genio, velando sempre a hora de te encontrar digna do seu amor.

Thereza não desfitou os olhos do pae; mas tão abstrahida estava, que escassamente lhe ouviu as primeiras palavras, e nada das ultimas.

— Não me respondes, Thereza?! — tornou Thadeu, tomando-lhe cariciosamente as mãos.

— Que hei de eu responder-lhe, meu pae? — balbuciou ella.

— Dás-me o que te peço? enches de contentamento os poucos dias que me restam?

— E será o pae feliz com o meu sacrificio?

— Não digas sacrificio, Thereza... Ámanhan a estas horas verás que transfiguração se fez na tua alma. Teu primo é um composto de todas as virtudes; nem a qualidade de ser um gentil moço lhe falta, como se a riqueza, a sciencia e as virtudes não bastassem a formar um marido excellente.

— E elle quer-me, depois de eu me ter negado? — disse ella com amargura ironica.

— Se elle está apaixonado, filha!... e tem bastante confiança em si para crer que tu has de amál-o muito!...

— E não será mais certo odiál-o eu sempre!? Eu agora mesmo o abomino como nunca pensei que se pudesse abominar! Meu pae... — continuou ella, chorando, com as mãos erguidas — mate-me; mas não me force a casar com meu primo! É escusada a violencia porque eu não caso!

Thadeu mudou de aspecto, e disse irado:

— Has de casar! — Quero que cases! Quero... Quando não, amaldiçoada serás para sempre, Thereza! Morrerás num convento! Esta casa irá para teu primo! Nenhum infame ha de aqui pôr um pé nas alcatifas de meus avós. Se és uma alma vil, não me pertences, não és minha filha, não pódes herdar appelidos honrosos, que foram pela primeira vez insultados pelo pae d'esse miseravel que tu amas! Maldita sejas! Entra nesse quarto, e espera que d'ahi te arranquem para outro, onde não verás um raio de sol.

Thereza ergueu-se sem lagrimas, e entrou serenamente no seu quarto. Thadeu de Albuquerque foi encontrar seu sobrinho e disse-lhe:

—Não te posso dar minha filha, porque já não tenho filha. A miseravel, a quem dei este nome, perdeu-se para nós e para ella.

Balthazar, que, a juizo de seu tio, era um composto de excellencias, tinha apenas uma quebra: a absoluta carencia de brios. Mallograda a tentativa do seu amor de emboscada, tornou para a terra o primo de Thereza, dizendo ao velho que elle o livraria do assedio em que Simão Botelho lhe tinha o coração da filha. Não approvou a reclusão no convento, discorrendo sobre as hypotheses infamantes que a opinião publica inventaria. Aconselhou que a deixasse estar em casa, e esperasse que o filho do corregedor viesse de Coimbra.

Ponderaram no animo do velho as razões de Balthazar. Thereza maravilhou-se da quietação ines-

perada do seu pae e desconfiou da incoherencia. Escreveu a Simão. Nada lhe escondeu do succedido; nem as ameaças de Balthazar por delicadeza suppprimiu. Rematava communicando-lhe as suas suspeitas de algum novo plano de violencia.

O academico, chegando ao periodo das ameaças, já não tinha clara luz nos olhos para decifrar o restante da carta. Tremia sezões, e as arterias frontais arfavam-lhe entumecidas. Não era sobresalto do coração apaixonado: era a indole arrogante que lhe escaldava o sangue. Ir d'ali a Castro-d'Aire e apunhalar o primo de Thereza na sua propria casa, foi o primeiro conselho que lhe segredou a furia do odio. Neste proposito sahiu, alugou cavallo, e recolheu a vestir-se de jornada. Já preparado, a cada minuto de espera assomava se em frenesis. O cavallo demorou-se meia hora, e o seu bom anjo, neste espaço, vestido com as galas com que elle vestia na imaginação Thereza, deu-lhe rebates de saudades d'aquelles tempos e ainda das horas d'aquelle mesmo dia, em que scismava na felicidade que o amor lhe promettia, se elle a procurasse no caminho do trabalho, e da honra. Contemplou os seus livros com tanto affecto, como se em cada um estivesse uma pagina da historia do seu coração. Nenhuma d'aquellas paginas tinha elle lido, sem que a imagem de Thereza lhe apparecesse a fortalecê-lo para vencer os tédios da continuada applicação, e os impetos d'um natural inquieto e ancioso de commoções desusadas,

«E ha de tudo acabar assim? — pensava elle, com a face entre as mãos, encostado á sua banca de estudo. — Ainda ha pouco eu era tão feliz!... — Feliz! — repetiu elle erguendo-se de golpe — quem póde ser feliz com a deshonra d'uma ameaça impune!... Mas eu perco-a! nunca mais hei de vê-la... Fugirei como um assassino, e meu pae será o meu primeiro inimigo, e ella mesma ha de horrorisar-se da minha vingança... A ameaça só ella a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Thereza, pelos insultos do miseravel, talvez que ella os não repetisse...»

Simão Botelho releu a carta duas vezes, e á terceira leitura achou menos affrontosas as bravatas do fidalgo cioso. As linhas finaes desmentiam formalmente a suspeita do aviltamento, com que o seu orgulho o atormentava: eram expressões ternas, supplicas ao seu amor como recompensa dos passados e futuros desgostos, visões encantadoras do futuro, e novos juramentos de constancia, e sentidas phrases de saudade.

Quando o arreeiro bateu á porta, Simão Botelho já não pensava em matar o homem de Castro-d'Aire; mas resolvêra ir a Vizeu, entrar de noite, escondêr-se e vêr Thereza. Faltava-lhe, porém, casa de confiança onde se occultasse. Nas estalagens seria logo descoberto. Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Vizeu onde elle pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado. O arreeiro respondeu que tinha, a

um quarto de legoa de Vizeu, um primo ferrador e não conhecia em Vizeu senão os estalajadeiros. Simão achou aproveitavel o parentesco do homem, e logo d'ali o presenteou com uma jaqueta de pelles e uma faxa de seda escarlate, á conta de maiores favores promettidos, se elle o bem servisse numa empresa amorosa.

No dia seguinte chegou o academico a casa do ferrador. O arreeiro deu conta ao seu parente do que vinha tratado com o estudante.

Foi Simão Botelho cautelosamente hospedado, e o arreeiro abalou no mesmo ponto para Vizeu, com uma carta destinada a uma mendiga, que morava no mais impraticavel becco da terra. A mendiga informou-se miudamente da pessoa que enviava a carta e sahiu, mandando esperar o caminheiro. Pouco depois voltou ella com a resposta, e o arreeiro partiu a galope.

Era a resposta um grito de alegria. Thereza não reflectiu, respondendo a Simão, que naquella noite se festejavam os seus annos, e se reuniam em casa os parentes. Disse-lhe que ás onze horas em ponto ella iria ao quintal e lhe abriria a porta.

Não esperava tanto o academico. O que elle pedia era fallar-lhe da rua para a janella do seu quarto, e receava impossivel este prazer, que elle avaliava o maximo. Apertar-lhe a mão, sentir-lhe o halito, abraçál-a talvez, commetter a ousadia de um beijo, estas esperanças, tão além de suas modestas e honestas ambições, igualmente o enlevavam.

Enlevo e susto em corações que se estreiam na comedia humana, são sentimentos congeniaes.

Á hora da partida, Simão tremia, e a si mesmo pedia contas da timidez, sem saber que os encantos da vida, os mais angelicos momentos da alma, são esses lances de mysterioso alvoroço que aos mais serôdios de coração succedem em todos as sazões da vida, e a todos os homens, uma vez ao menos.

Ás onze horas em ponto estava Simão encostado á porta do quintal, e a distancia convencionada o arreeiro com o cavallo á rédea. A toada da musica, que vinha das salas remotas, alvoroçava-o, porque a festa em casa de Thadeu de Albuquerque o surprehendêra. No longo termo de tres annos nunca elle ouvira musica naquella casa. Se elle soubesse o dia natalicio de Thereza, espantara-se menos da estranha alegria d'aquellas salas, sempre fechadas, como em dias de mortorio. Simão imaginou desvairadamente as chimeras que voejam, ora negras, ora translucidas, em redor da fantasia apaixonada. Não ha balisa racional para as bellas, nem para as horrorosas illusões, quando o amor as inventa. Simão Botelho, com o ouvido collocado á fechadura, ouvia apenas o som das flautas, e as pancadas do coração sobresaltado.

V

Balthazar Coutinho estava na sala, simulando vingativa indifferença por sua prima. As irmans do fidalgo e a demais parentela da casa não deixavam respirar Thereza. Moças e velhas, todas á uma se repetiam, aconselhando-a a reconciliar-se com seu primo, e dar a seu pae a alegria que o pobre velho tanto rogava a Deus, antes de fechar os olhos. Replicava Thereza que não queria mal a seu primo, nem sequer estava sentida d'elle; que era sua amiga, e sêl-o-ia sempre emquanto lhe elle deixasse livre o coração.

O velho esperava muito d'aquella noitada de festa. Alguns parentes, presumidos de circumspectos, lhe tinham dito que seria proveitoso regalar a filha com os prazeres congruentes á sua edade, dando-lhe ensejo a que ella repartisse o espirito, concentrado num só ponto, por diversões em que a natural vaidade se preoccupa, e a fôrça do amor contrariado se vai a pouco e pouco quebrantando. Aconselharam as reuniões amiudadas, já em sua casa, já na dos seus parentes, para d'este modo Thereza se mostrar a muitos, ser cortejada por todos, e ter em opinião de menos valia o unico homem com quem falava, e a quem julgava superior a

todos. O fidalgo accedeu, mas com difficuldade: (que tinha lá um systema seu de ajuizar as mulheres, vivêra trinta annos de vida libertina e dispendiosa, e se estava agora saboreando na economia e na quietação. Os annos de Thereza eram pela primeira vez festejados com estrondo. A morgada viu então o que era o minuete da côrte, e certos jogos de prendas com que os intervallos naquelles tempos se aligeiravam em delicias, sem fadiga do corpo, nem desagrado da moral.

Mas, de agitada que estava, Thereza não compartia do gôso dos seus hospedes. Desde que soaram as dez horas d'aquella noite, a rainha da festa parecia tão alienada das finezas com que as senhoras e homens á competencia a lisongeavam, que Balthazar Coutinho deu tento do dessocego de sua prima, e teve a modestia de imaginar que ella se offendêra da indifferença d'elle. Generoso até ao perdão, o morgado de Castro d'Aire, compondo o rosto com gesto grave e melancolico, dirigiu-se a Thereza, e pediu-lhe desculpa da frieza que elle disse ser como a das montanhas, que teem vulcões por dentro e neve por fóra. Thereza teve a sinceridade de responder que não tinha reparado na frieza de seu primo, e chamou para junto d'ella uma menina, para evitar que a montanha se fendesse em vulcões. Pouco depois ergueu-se e sahiu da sala.

Eram dez horas e tres quartos. Thereza corrêra ao fundo do quintal, abrira a porta, e, como não

visse alguem, tornou de corrida para a sala. No momento, porém, de subir a escada que ligava o jardim á casa, Balthazar Coutinho, que a espiava, desde que ella sahiu da sala, chegou a uma das janellas sobre o jardim, bem longe de imaginar que a via. Retirou-se e entrou com Thereza na sala, ao mesmo tempo, por diversa porta. Decorridos alguns minutos, a menina sahiu outra vez e o primo tambem. Thereza ouviu, a distancia, o estrepito d'um cavallo, quando passou ao patamar da escada. Balthazar tambem o ouviu, e notou que sua prima, receosa de ser vista e conhecida pela alvura do vestido, levava uma capa ou chaile que a envolvia toda. O de Castro d'Aire fez pé atraz para não ser visto. Thereza, porém, num relance de olhar temeroso, ainda vira um vulto retirar-se. Teve medo e retrocedeu a largar a capa, e entrou na sala, offegante de cansaço e pallida de medo.

—Que tens, minha filha?!—disse-lhe o pae—Já duas vezes sahiste da sala e vens tão alvoroçada! Tens algum incommodo, Thereza?

—Tenho uma dôr: preciso de respirar de vez em quando... Nada é, meu pae.

Thadeu acreditou, e disse a toda a gente que a sua filha tinha uma dôr: só o não disse a seu sobrinho, porque o não encontrou, e soube que elle tinha sahido.

Tambem Thereza dera pela ausencia do primo, e fingiu que o ia procurar, resolução de que o velho gostou muito. Desceu ella ao jardim, correu á porta

onde a esperava Simão, abriu-a, e com a voz cortada pela anciedade, apenas disse:

— Vai-te embora; vem ámanhan ás mesmas horas... vai, vai!

Simão, quando isto ouvia, tinha os olhos fitos num vulto que se aproximava d'elle, rente com o muro do quintal. O arreeiro, que primeiro o vira, déra um signal, e entalara as rédeas do cavallo entre umas pedras, para ficar desembaraçado, se o estudante se não pudesse haver com o inimigo.

Simão Botelho não se moveu do local, e Balthazar Coutinho parou na distancia de seis passos. O arreeiro tinha lentamente avançado a meio caminho do patrão, quando este lhe disse que não se aproximasse. E, caminhando para o vulto, aperrou duas pistolas, e disse-lhe:

—Isto aqui não é caminho. Que quer?

O fidalgo não respondeu.

—Parece-me que lhe abro a bôca com uma bala! — tornou Simão.

—Que lhe importa o senhor quem está?!—disse Balthazar—Se um tiver um segredo, como o senhor parece que tem o seu nestes sitios, sou obrigado a confessar-lh'o!?

Simão reflectiu, e replicou:

—Este muro pertence a uma casa onde mora uma só familia e uma só mulher.

—Estão nesta casa mais de quarenta mulheres esta noite—redarguiu o primo de Thereza—Se o cavalheiro espera uma, eu posso esperar outra.

— Quem é o senhor? — tornou com arrogancia o filho do corregedor.

— Não conheço a pessoa que me interroga, nem quero conhecer. Fiquemos cada um com o nosso incognito. Boas noites.

Balthazar Coutinho retrocedeu, dizendo entre si: «Que partido tem uma espada contra dois homens e duas pistolas?»

Simão Botelho cavalgou, e partiu para casa do hospitaleiro ferrador.

O sobrinho de Thadeu de Albuquerque entrou na sala sem denunciar levemente alteração de animo. Viu que Thereza o observara de revés, e soube dissimular-se de modo que a socegou. A pobre menina anciosa por se vêr sósinha, viu com prazer erguer-se para sahir a primeira familia, que deu rebate ás outras, menos ao de Castro d'Aire e suas irmans, que ficaram hospedados em casa de seu tio, com tenção de se demorarem oito dias em Vizeu.

Velou Thereza o restante da noite, escrevendo a Simão a longa historia dos seus terrores, e pedindo-lhe perdão de o ella não ter advertido do baile, por ficar doida de alegria com a sua vinda. No tocante ao plano de se encontrarem na seguinte noite não havia alteração na carta. Isto espantou o academico. A seu ver, o vulto era Balthazar Coutinho, e o pae de Thereza devia ser avisado naquella mesma noite.

Respondeu elle contando a historia do incidente com o encapotado; receando, porém, assustar The-

reza e privar-se da entrevista, escreveu nova carta, em que não transluzia medo de ser atacado, nem sequer receio de marear-lhe a fama. Quiz parecer a Simão Botelho que este era o digno porte de um amante corajoso.

Passou o estudante aquelle dia contando as longas horas, e meditando instantes nos funestos resultados que podia ter a sua temeraria ida, se Balthazar Coutinho era aquelle homem que reservava para melhor relance a vingança da provocação insolente. Mas de si para si tinha elle que, pensar em tal, era mais cobardia que prudencia.

O ferrador tinha uma filha, moça de vinte e quatro annos, fórmas bonitas, um rosto bello e triste. Notou Simão os reparos em que ella se demorava a contempláI-o, e perguntou-lhe a causa d'aquelle olhar melancolico com que ella o fitava. Marianna córou, abriu um sorriso triste, e respondeu:

— Não sei o que me adivinha o coração a respeito de vossa senhoria. Alguma desgraça está para lhe succeder...

— A menina não dizia isso — replicou Simão — sem saber alguma coisa da minha vida.

— Alguma coisa sei... — tornou ella.

— Ouviu contar ao arreeiro?

— Não, senhor. É que meu pae conhece o paesinho de vossa senhoria, e tambem conhece o senhor. E ha bocadinho que eu ouvi estar meu pae a dizer a meu tio, que é o arreeiro que veio com

vossa senhoria, que tinha suas razões para saber que alguma desgraça lhe estava para acontecer...

— Porquê?

— Pr'amor d'uma fidalga de Vizeu, que tem um primo em Castro d'Aire.

Simão espantou-se da publicidade do seu segredo, e ia colher pormenores do que elle julgava mysterio entre duas familias, quando o mestre ferrador João da Cruz entrou no sobrado, onde o precedente dialogo se passára. A moça, como ouvindo os passos do pae, sahira lentamente por outra porta.

— Com sua licença—disse mestre João.

Dizendo, fechou por dentro ambas as portas, e sentou-se sobre uma arca.

— Ora, meu fidalgo — continuou elle, descendo as mangas arregaçadas da camiza, e apertando-as com difficuldade nos grossos pulsos, como quem sabe as etiquetas das mangas — ha de desculpar que eu viesse assim em mangas de camisa: mas não dei com a jaqueta...

— Está muito bem, senhor João — atalhou o academico.

— Pois, senhor, eu devo um favor a seu pae, e um favor d'aquella casta. Uma vez armou-se aqui á minha porta uma desordem, a trôco d'um couce que um macho d'um almocreve deu numa egua, que eu estava ferrando, e, em tão boa hora foi, que lhe partiu rente o jarrete por aqui, salvo tal logar.

João da Cruz mostrou na sua perna o ponto por onde fôra fracturada a da egua, e continuou:

— Eu tinha ali á mão o martello, e não me tive que não pregasse com elle na cabeça do macho, que foi logo p'ra terra. O recoveiro de Carção, que era chibante, deitou as unhas a um bacamarte, que trazia entre uma carga, e desfechou commigo, sem mais tirte nem garte. «Ó alma damnada! — disse-lhe eu — pois tu vês que o teu macho me aleijou esta egua, que custou vinte peças a seu dono, e que eu tenho de pagar, e dás-me um tiro por eu te atordoar o macho!?»

— E o tiro acertou-lhe? — atalhou o Simão.

— Acertou; mas saberá vossa senhoria que me não matou; deu-me aqui por este braço esquerdo com dois quartos. E vae eu, entro em casa, vou á cabeceira da cama, e trago uma clavina, e desfecho-lh'a na taboa do peito. O almocreve cahiu como um tôrdo, e não tugiu nem mugiu. Prenderam-me, e fui para Vizeu e já lá estava ha tres annos, no anno em que o paesinho de vossa senhoria veio corregedor. Andava muita gente a trabalhar contra mim, e todos me diziam que eu ia pernear na forca. Estava lá na enxovia commigo um preso a cumprir sentença, e disse-me elle que o senhor corregedor tinha muita devoção com as sete dôres de Nossa Senhora. Uma vez que elle ia passando com a familia para a missa, disse-lhe eu: «Senhor corregedor, peço a vossa senhoria, pelas sete dôres de Maria Santissima, que me mande ir á sua pre-

ença para eu explicar a minha culpa a vossa senhoria.» O paesinho de vossa senhoria chamou o meirinho geral, e mandou tomar o meu nome. Ao outro dia fui chamado ao senhor corregedor, e contei-lhe tudo, mostrando-lhe ainda as cicatrizes do braço. Seu pae ouviu-me, e disse-me: «Vae-te embora, que eu farei o que puder». O caso é, meu fidalgo, que eu sahi absolvido, quando muita gente dizia que eu havia de ser enforcado á minha porta. Faz favor de me dizer se eu não devo andar com a cara onde o seu paesinho põe os pés?!

—Tem o senhor João motivo para lhe ser grato, não ha duvida nenhuma.

—Agora faz favor de ouvir o mais. Eu, antes de ser ferrador, fui criado de farda em casa do fidalgo de Castro d'Aire, que é o senhor Balthazar. Conhece-o vossa senhoria? Ora, se conhece!...

—Conheço de nome.

—Foi elle que me abonou dez moedas de ouro para me estabelecer; mas paguei-lh'as. Deus louvado. Ha de haver seis mezes que elle me mandou chamar a Vizeu, e me disse que tinha trinta peças para me dar se eu lhe fizesse um serviço. «O que vossa senhoria quizer, fidalgo». E vae elle disse-me que queria que eu tirasse a vida a um homem. Isto boliu cá por dentro commigo, porque, a falar a verdade, um homem que mata outro num apêrto não é matador de officio, acho eu, não é assim?

—De certo...—respondeu Simão, adivinhando

o remate da historia. — Quem era o homem que elle queria morto?

— Era vossa senhoria... Ó homem! — disse o ferrador com espanto — O senhor nem sequer mudou de côr!

— Eu não mudo nunca de côr, senhor João — disse o academico.

— Estou pasmado!

— E vocemecê não acceitou a incumbencia, pelo que vejo — tornou Simão.

— Não, senhor; e então logo que elle me disse quem era, a minha vontade era pregar-lhe com a cabeça n'uma esquina.

— E elle disse-lhe a razão porque me mandava matar?

— Não, meu fidalgo; eu lhe conto: Na semana adiante, quando soube que o senhor Balthazar (raios o partam!) tinha sahido de Vizeu, fui falar com o senhor corregedor, e contei-lhe tudo como se passára. O senhor corregedor esteve a scismar um pouquinho, e disse-me, e vossa senhoria ha de perdoar por eu lhe dizer o que o seu pae me disse tal e qual.

— Diga.

— Seu pae começou a esfregar o nariz, e disse-me: «Eu sei o que é isso. Se aquelle brejeiro de meu filho Simão tivesse honra, não olharia para a prima d'esse assassino. Cuida o patife que eu consentia que meu filho se ligasse a uma filha de Thadeu de Albuquerque!...» Ainda disse mais coisas

que me não lembram; mas eu fiquei sabendo tudo. Ora aqui tem o que houve. Agora appareceu-me aqui vossa senhoria, e a noite passada foi a Vizeu. Perdoará a minha confiança; mas vossa senhoria foi falar com a tal menina: e eu estive vai não vai a seguil-o; mas como ia meu cunhado, que é homem para tres, fiquei descansado. Elle contou-me um encontro que vossa senhoria teve á porta do quintal da menina. Se lá torna, senhor Simão, vá preparado para alguma coisa de maior. Eu bem sei que vossa senhoria não é medroso; mas d'uma traição ninguem se livra. Se quer que eu vá tambem, estou ás suas ordens; e a clavina que deu policia ao almocreve ainda ali está, e dá fogo debaixo d'agua, como diz o outro. Mas, se vossa senhoria dá licença que eu lhe diga a minha opinião, o melhor é não andar nessas encamizadas. Se quer casar com ella, vá pedir a seu pae licença, e deixe o resto cá por minha conta; ponto é que ella queira, que eu, num abrir e fechar d'olhos, atiro com ella para cima d'uma egua de chupêta, que ali tenho, e o pae e mais o primo ficam a vêr navios.

— Obrigado, meu amigo — disse Simão — Aproveitarei os seus bons serviços, quando me forem necessarios. Esta noite hei de ir, como fui a noite passada, a Vizeu. Se houver novidade, então veremos o que se ha de fazer. Conto com vocemecê, e creia que tem em mim um amigo.

Mestre João da Cruz não replicou. D'ali foi aexminar miudamente a fecharia da clavina, e en-

tender-se com o cunhado sobre cautelas necessarias, em quanto descarregava a arma, e a carregava de novo com uns zagalotes especiaes, que elle denominava «amendoas de pimpões».

Neste intervallo, Marianna, filha do ferrador, entrou no sobrado, e disse com meiguice a Simão Botelho:

— Então sempre é certo ir?

— Vou; porque não hei-de ir?!

— Pois nossa Senhora vá na sua companhia — tornou ella, sahindo logo para esconder as lagrimas.

VI

Ás dez horas e meia da noite d'aquelle dia, tres vultos convergiram para o local, raro frequentado, em que se abria a porta do quintal de Thadeu de Albuquerque. Ali se detiveram alguns minutos discutindo e gesticulando. Dos tres vultos havia um, cujas palavras eram ouvidas em silencio e sem réplicas pelos outros. Dizia elle a um dos dois:

— Não convem que estejas perto d'essa porta. Se o homem apparecesse aqui morto, as suspeitas cabiam logo sobre mim ou meu tio. Afastem-se vocês um do outro, e tenham o ouvido applicado ao tropel do cavallo. Depois apressem o passo até

o encontrarem, de modo que os tiros sejam dados longe d'aqui.

— Mas... — atalhou um — quem nos diz que elle veio hontem a cavallo, e hoje vem a pé?

— É verdade — accrescentou o outro.

— Se elle vier a pé, eu lhes darei aviso para o seguirem depois até o terem a geito de tiro, mas longe d'aqui, percebem vocês? — Disse Balthazar Coutinho.

— Sim, senhor; mas se elle sae de casa do pae, e entra sem nos dar tempo?

— Tenho a certeza de que não está em casa do pae, já lh'o disse. Basta de palavriado. Vão esconder-se atrás da igreja, e não adormeçam.

Debandou o grupo, e Balthazar ficou alguns momentos encostado ao muro. Soaram os tres quartos depois das dez. O de Castro d'Aire collou o ouvido á porta, e retirou-se acceleradamente, ouvindo o rumor da folhagem sêcca que Thereza vinha pizando.

Apenas Balthazar, cozido com o muro, desapparecêra, um vulto assomou do outro lado a passo rapido. Não parou: foi direito a todos os pontos onde uma sombra podia figurar um homem. Rodeou a igreja que estava a duzentos passos de distancia. Viu os dois vultos direitos com o recanto que formava a juncção da capella mór, e sobre o qual cahiam as sombras da torre. Fitou-os de passagem, e suspeitou: não os conheceu, mas elles disseram entre si, depois que elle desapparecêra:

— E' o João da Cruz, ferrador, ou o diabo por elle!...

— Que fará a esta hora por aqui?

— Eu sei!

— Não desconfias que elle entra n'isto?

— Agora! se entrasse era por nós. Não sabes que elle foi mochilla do nosso amo?

— E tambem sei que pôs a loja com o dinheiro do snr. Balthazar.

— Pois então que medo tens?

— Não ha medo; mas tambem sei que foi o corregedor que o livrou da forca...

— Isso que tem! O corregedor não se importa com isto, nem sabe que o filho cá está...

— Assim será; mas não estou muito contente... Elle é homem dos diabos...

— Deixál-o ser... tanto entram as balas nelle como noutro...

A discussão continuou sobre varias conjecturas. De tudo o que elles disseram uma coisa era certissima: ser o vulto o João da Cruz, ferrador.

Teria este dado trezentos passos, quando os criados de Balthazar ouviram o remoto tropel da cavalgadura.

Ao tempo que elles sahiam do seu esconderijo, sahia João da Cruz á frente do cavalleiro. Simão aperrou as pistolas, e o arreeiro uma clavina.

— Não ha novidade — disse o ferrador — mas saiba vossa senhoria que já podia estar em baixo do cavallo com quatro zagalotes no peito.

O arreeiro reconheceu o cunhado, e disse:

— E's tu, João?

— Sou eu. Vim primeiro que tu.

Simão estendeu a mão ao ferrador, e disse commovido:

— Dê cá a sua mão; quero sentir na minha a mão de um homem honrado.

— Nas occasiões é que se conhecem os homens — redarguiu o ferrador. — Ora vamos... não ha tempo para falatorio. O senhor doutor tem uma espera.

— Tenho?—disse Simão.

— Atrás da igreja estão dois homens que eu não pude conhecer; mas não se me dava de jurar que são criados do snr. Balthazar. Salte abaixo do cavallo, que ha de haver mostarda. Eu disse-lhe que não viesse; mas vossa senhoria veio, e agora é andar com a cara para a frente.

— Olhe que eu não tremo, mestre João — disse o filho do corregedor.

— Bem sei que não; mas á vista do inimigo, veremos.

Simão tinha apeado. O ferrador tomou as rédeas do cavallo, recuou alguns passos na rua, e foi prendêl-o á argola da parede de uma estalagem.

Voltou, e disse a Simão que o seguisse a elle e ao cunhado na distancia de vinte passos; e que, se os visse parar perto do quintal de Albuquerque, não passasse do ponto d'onde os visse.

Quiz o academico protestar contra um plano,

que o humilhava como protegido pela defesa dos dois homens; o ferrador, porém, não admitiu a réplica.

— Faça o que eu lhe digo, fidalgo — disse elle com energia.

João da Cruz e o cunhado, espiando todas as esquinas, chegaram defronte do quintal de Thereza, e viram um vulto a sumir-se no angulo da parede.

— Vamos sobre elles — disse o ferrador — que lá passaram para o adro da egreja; neste entrementes, o doutor chega á porta do quintal e entra; depois voltaremos para lhe guardar a sahida.

Neste proposito, moveram-se apressados, e Simão Botelho caminhou com as pistolas aperradas da direcção da porta. Em frente do muro do jardim de Thereza havia uma cascalheira escarpada, que se esplainava depois numa alamêda sombria.

Os dois criados de Balthazar, quando o tropel do cavallo parou, recordaram as ordens do amo, no caso de vir a pé Simão. Buscaram sitio azado para o espreitarem na sahida, e entraram na alamêda quando o academico chegava á porta do quintal.

— Agora está seguro — disse um.

— Se lá não ficar dentro... — respondeu o outro, vendo-o entrar, e fechar-se a porta.

— Mas além vêem dois homens... — disse o mais assustado, olhando para a outra entrada da alamêda.

— E vêem direitos a nós... Aperra lá a clavina...

— O melhor é retirarmos. Nós estamos á espera de outro, e não destes. Vamos embora d'aqui...

Este não esperou convencer o companheiro: desceu a ribanceira do cascalho. O mais intrepido teve tambem a prudencia de todos os assassinos assalariados: seguiu o assustadiço, e deu-lhe razão, quando ouviu após de si os passos velozes dos perseguidores. Sahiu-lhes o amo de frente, quando dobravam a esquina do quintal, e disse-lhes:

— Vocês a que fogem, seus poltrões?

Os homens pararam de envergonhados, aperrando os bacamartes.

João da Cruz e o arreeiro appareceram, e Balthazar caminhou para elles, bradando:

— Alto ahi!

O ferrador disse ao cunhado:

— Fala-lhe tu, que eu não quero que elle me conheça.

— Quem manda fazer alto? — disse o arreeiro.

— São tres clavinas — respondeu Balthazar.

— Olha se os demoras a dar tempo que o doutor sáia — disse João da Cruz ao ouvido do arreeiro.

— Pois nós estamos parados — replicou o criado de Simão. — Que nos querem vocês?

— Quero saber o que teem que fazer neste sitio.

— E vocês que fazem por cá?

— Não admitto perguntas — disse o de Castro d'Aire, aventurando alguns passos vacilantes para a frente. — Quero saber quem são.

Mestre João disse ao ouvido do cunhado:

— Dize-lhe que se dá mais um passo que o arrebentas.

O arreeiro replicou a clausula, e Balthazar parou. Um dos criados d'este chamou-o ao lado para lhe dizer que aquelle dos dois, que não falava, parecia ser o João da Cruz. O morgado duvidou, quiz esclarecer-se; mas o ferrador ouvira as palavras do criado, e disse ao cunhado:

— Vem commigo, que elles conhecem-me.

Dizendo, voltou as costas ao grupo e caminhou ao longo do quintal de Thadeu de Alburquerque. Os criados de Balthazar, gloriosos da retirada, como de uma derrota certa, apressaram o passo na cola dos suppostos fugitivos. O morgado ainda lhes disse que os não seguissem; mas elles, momentos antes cobardes, queriam desforrar-se agora, correndo após o inimigo tanto quanto lhe tinham fugido antes.

Simão Botelho ouvira passos ligeiros, e, compellido pelo susto de Thereza, abrira a porta do quintal, sem saber ainda de quem fossem os passos. João da Cruz, com ar galhofeiro, já quando os perseguidores se viam, disse ao filho do corregedor, se estava ajustado o casamento, que não havia panno para mangas.

Simão entendeu o perigo, apertou convulsamente a mão de Thereza, e retirou-se. Queria elle reconhecer os dois vultos parados a distancia; mas João da Cruz, com o tom imperioso de quem obriga á submissão, disse ao filho do corregedor:

—Vá por onde veio, e não olhe para trás.

Simão foi indo até encontrar o cavallo. Montou, e esperou os dois inalteraveis guardas que o seguiam a passo vagaroso. Maravilhára-os o subito desapparecimento dos criados de Balthazar, e recearam-se de alguma espera fóra da cidade. O ferrador conhecia o atalho que podia levar os da emboscada ao caminho, e revelou o seu receio a Simão, dizendo-lhe que picasse a toda a brida, que elle e o cunhado lá iriam ter. O academico recebeu com enfado a advertencia, admoestando-os a que o não tivessem em tão vil preço. E acintemente soffreou as rédeas, para não forçar os homens a aligeirar o passo.

—Vá como quizer—disse mestre João—que nós vamos por fóra do caminho.

E subiram a uma rampa de olivaes, para tornarem a descer encobertos por moitas de giestas, cosendo-se aos torcicolos d'uma parede parallela com a estrada.

—O atalho vae acolá onde a serra faz aquelle cotovêllo—disse o ferrador ao cunhado—hão de ali passar, ou já passaram. A estrada vai mesmo na quebrada d'aquelle outeirinho. Os homens é d'ali que lhe vão atirar, encobertos pelos sobreiros. Vamos depressa...

E um pouco descobertos, e outro curvados á sombra das devêzas, chegaram a um vallado d'onde ouviram os passos dos dois homens que atravessavam o pontilhão de um córrego.

—Já não vamos a tempo—disse afflicto o João da Cruz—os homens vão atirar-lhe, porque o cavallo trupa cá muito atrás.

E corriam já sem temor de serem vistos, por que os outros tinham dobrado o outeiro, em cujo valle corria a estrada.

— Os homens vão atirar-lhe... — disse o ferrador.

— Gritemos d'aqui ao doutor que não vá para diante.

— Já não é tempo... Ou o matem ou não matem quando voltarem são nossos.

Tinham já passado o pontilhão, e subiram a ladeira, quando ouviram dois tiros.

— Arriba! — exclamou João da Cruz — que não vão elles metter-se á estrada, se mataram o fidalgo.

Tinham vencido a chan, esbofados e anciados, com as clavinas aperradas. Os criados de Balthazar, ao envez da conjectura do ferrador, retrocediam pelo mesmo atalho, suppondo que os companheiros de Simão iam adiante batendo os pontos azados á emboscada, ou se tinham retardado.

— Elles ahi véem! — disse o arreeiro.

— Nós cá estamos — respondeu o ferrador, sentando-se a coberto de um cômoro.—Senta-te tambem, que não estou p'ra correr atrás d'elles.

Os assassinos, a dez passos, viram de frente erguerem-se os dois vultos, e ladearam cada qual para o seu lado, um galgando os socalcos de uma vinha e outro atirando-se a uns silveiraes.

— Atira ao da esquerda! — disse João da Cruz.

Foram simultaneas as explosões. A pontaria do ferrador fez logo um cadaver. Os balotes do arreeiro não estremaram o outro entre o carrascal onde se embrenhára.

A este tempo assomava Simão no tezo d'onde lhe tinham atirado, e corria ao ponto onde ouvira os segundos tiros.

— É vossa senhoria, fidalgo? — bradou o ferrador.

— Sou.

— Não o mataram?

— Creio que não — respondeu Simão.

— Este desalmado deixou fugir o melro—tornou João da Cruz—mas o meu lá está a pernear na vinha. Sempre lhe quero ver as trombas...

O ferrador desceu os tres socalcos da vinha, e curvou-se sobre o cadaver, dizendo:

— Alma de cantaro, se eu tivesse duas clavinas não ias sósinho para o inferno.

— Anda d'ahi!—disse o arreeiro—deixa lá esse diabo, que o senhor doutor está ferido num hombro. Vamos depressa, que está o sangue a escorrer-lhe.

— Eu vi duas cabeças a espreitarem-me de cima da ribanceira, e cuidei que eram vocês — disse Simão, em quanto o ferrador com a destreza de habil cirurgião, lhe enfeixava com lenços o braço ferido.—Parei o cavallo, e disse: «Olé! ha novidade?» Logo que me não responderam, saltei para

terra; mas ainda eu tinha o pé no estribo quando me fizeram fogo. Quiz saltar á ribanceira, mas não pude romper o matto. Dei uma volta grande para achar subida, e foi então que dei fé de estar ferido...

— Isto é uma arranhadura — disse João da Cruz — olhe que eu sei d'isto, fidalgo! Estou affeito a curar muitas feridas.

— Nos burros, mestre João?—disse o ferido, sorrindo.

— E nos christãos tambem, senhor doutor. Olhe que houve em Portugal um rei que não queria outro medico senão um alveitar. Hei-de mostrar-lhe o meu corpo, que está uma rêde de facadas, e nunca fui ao cirurgião. Com ceroto e vinagre sou capaz de ir resuscitar aquella alma do diabo que ali está a escutar a cavallaria.

Nisto ouviu-se um leve rumor de folhagem no matagal para onde tinha saltado o companheiro do morto.

João da Cruz, como galgo de fino olfacto, fitou a orelha e resmungou:

— Querem vocês vêr que ellas se armam!... Dar-se-ha caso que o outro ainda esteja por ali a tremer maleitas!

O rumor continuou e logo um bando de passaros rompeu d'entre a folhagem chilreando.

— O homen está ali—tornou o ferrador.—Passe-me cá uma pistola, senhor Simão!

Correu mestre João, e ao mesmo tempo uma

grande rostilhada se fez entre as moitas de codêços e urzes.

— Elle estrinça lenha como um porco do monte! — exclamou o ferrador. — Ó cunhado, bate este matto com alguns penedos; quero vêr sahir o javalí da moita!...

Para o outro lado da bouça estava um plaino cultivado. Simão, rodeando a sebe, conseguira saltar ao campo por sobre a pedra d'um agoeiro.

— Tenha lá mão, mestre; não vá você atirar-me! —bradou Simão ao ferrador.

— Pois o fidalgo já ahi anda!! Então está fechado o cêrco. Eu cá vou fazer de furão. Se este nos escapa, não ha nada seguro neste mundo!

Não se enganaram. O criado de Balthazar Coutinho, quando se atirára desamparado á brenha, deslocára um joelho, e cahira atordoado. O arreeiro não examinou o effeito do tiro, porque atirára á ventura, e achava natural que o fugitivo se não molestasse. Quando volveu a si do aturdimento da quéda, o homem arrastou-se até encontrar um cerrado de arvores silvestres, em que pernoitava a passarinhada. Como os melros cacarejassem, esvoaçando, o criado de Balthazar retrocedeu para o matto, cuidando que ahi escaparia; mas o arreeiro jogava enormes calhaus em todas as direcções, e alguns acertavam mais que as balas do seu bacamarte. João da Cruz tirou do bolso da jaqueta um podão, e começou a cortar a selva de carvalhas novas e giestaes que se emmaranhavam em redor do

esconderijo. Já cansado, porém, e vendo o pouco fructo do trabalho, disse ao arreeiro:

—Petisca lume, vai ali dentro buscar um pouco de restolho sêcco e vamos pegar fogo ao matto, que este ladrão ha-de morrer assado.

O perseguido, quando tal ouviu, tirou do maior perigo coragem para fugir, rompendo a espessura e saltando a parede da tapada para o campo do restolho em que o arreeiro andava apanhando palha, e Simão esperava o desfecho da montaria. Correram a um tempo o arreeiro e o academico sobre elle. O fugitivo, sentindo-se alcançado, lançou-se de joelhos e mãos erguidas, pedindo perdão, e dizendo que o amo o obrigára áquella desgraça. Já a coronha do bacamarte do arreeiro lhe ia direita ao peito, quando Simão lhe reteve o braço.

—Não se bate assim num homem ajoelhado!—disse o moço—Levanta-te, rapaz!

—Eu não posso, senhor. Tenho uma perna quebrada, e estou aleijado para a minha vida.

Neste comenos, chegou o ferrador, e exclamou:

—Pois esse tratante ainda está vivo!

E correu sobre elle com o podão.

—Não mate o homem, senhor João!—disse o filho do corregedor.

—Que o não mate! essa é de cabo de esquadra! Com que então o fidalgo quer pagar-me com a forca o favor de o acompanhar... hein?

—Com a forca!?—atalhou Simão.

—Pudéra não! Quer que este homem fique para



Não se bate assim num homem ajoelhado!

ir contar a historia? Acha bonito? Lá vossa senhoria, como é filho de ministro, não terá perigo; mas eu, que sou ferrador, posso contar que d'esta vez tenho o baraço no pescoço. Não me faz geito o negocio. Deixe-me cá com o homem...

— Não o mate, senhor João; peço-lhe eu que o deixe ir. Uma testemunha não nos pode fazer mal.

— O quê!—redarguiu o ferrador—vossa senhoria é doutor, saberá muito, mas de justiça não sabe nada, e ha de perdoar o meu atrevimento. Basta uma só testemunha para guiar a justiça na devassa. A's duas por tres, uma testemunha de vista, e quatro de ouvir dizer, com o fidalgo de Castro d'Aire a mecher os pausinhos, é forca certa, como dois e dois serem quatro.

— Eu não digo nada; não me matem que eu não torno a ir para Castro d'Aire — exclamou o homem.

— Deixe-o ficar, João da Cruz... vámos embora...

— Isso! — acudiu o ferrador — chame-me João da Cruz!... para este maroto ficar bem certo de que sou o João da Cruz!... Com effeito, não sei o que me parece vossa senhoria querer deixar com vida um alma do diabo que lhe deu um tiro para o matar.

— Pois sim, tem você razão; mas eu não sei castigar miseraveis que me não resistem.

— E se elle o tivesse matado, castigava-o? Responda a isto, senhor doutor.

— Vamos embora — tornou Simão — deixemos para ahi esse miseravel.

Mestre João scismou alguns momentos, coçando a cabeça, e resmungou com descontentamento:

— Vamos lá... Quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe morre.

Tinha já sahido do plaino e saltado a tapada, e iam descendo para a estrada, quando o ferrador exclamou:

— Lá me ficou a minha clavina encostada á sébe. Vão indo que eu venho já.

O arreiro conduzia o cavallo, que pacificamente estivera tozando a relva das paredes marginaes da estrada, quando Simão ouviu gritos. Conjecturou com certeza o que era.

— O João lá está a fazer justiça! — disse o arreeiro. — Deixal-o lá, meu amo, que elle é homem que sabe o que faz.

João da Cruz appareceu d'ahi a pouco, limpando com fentos o podão ensanguentado.

— Você é cruel, snr. João — disse o academico.

— Não sou cruel — disse o ferrador — o fidalgo está enganado commigo; é que diz lá o dictado, morrer por morrer, morra meu pae que é mais velho. Tanto faz matar um como dois. Quando se está com a mão na massa, tanto faz amassar um alqueire como tres. As obras devem ser acabadas, ou então o melhor é não se metter a gente nellas. Agora, levo a minha consciencia socegada. A justiça que prove, se quizer; mas não hade ser porque lh'o

digam aquelles dois que eu mandei de presente ao diabo.

Simão teve um instante de horror de homicida, e de arrependimento de se ter ligado com tal homem.

VII

O ferimento de Simão Botelho era melindroso de mais para obedecer promptamente ao curativo do ferrador, enfronhado em aforismos de alveitaria. A bala passára-lhe de revés a porção muscular do braço esquerdo; mas algum vaso importante rompêra, que não bastavam compressas a vedar-lhe o sangue. Horas depois de ferido, o academico deitou-se febril, deixando-se medicar pelo ferrador. O arreeiro partiu para Coimbra, encarregado de espalhar a noticia de ter ficado no Porto Simão Botelho.

Mais que as dôres e o receio da amputação, o mortificava a ancia de saber novas de Thereza. João da Cruz estava sempre de sobre-rolda, precavido contra algum procedimento judicial por suspeitas d'elle. As pessoas que vinham de feirar na cidade contavam todas que dois homens tinham apparecido mortos, e constava serem creados d'um fidalgo de Castro d'Aire. Ninguem, porém, ouvira imputar o assassinio a determinadas pessoas.

Na tarde d'esse dia recebeu Simão a seguinte carta de Thereza:

«Deus permitta que tenhas chegado sem perigo «a casa d'essa boa gente. Eu não sei o que se «passa, mas ha coisa mysteriosa que eu não posso «adivinhar. Meu pae tem estado toda a manhan fe«chado com o primo, e a mim não me deixa sahir «do quarto. Mandou-me tirar o tinteiro; mas eu «felizmente estava prevenida com outro. Nossa Se«nhora quiz que a pobre viesse pedir esmola de«baixo da janella do meu quarto; senão, eu nem «tinha modo de lhe dar signal para ella esperar «esta carta. Não sei o que ella me disse. Falou-me «em criados mortos; mas eu não pude entender... «Tua mana Rita está-me acenando por trás dos vi«dros do teu quarto.

«Disse-me agora tua mana que os moços de «meu primo tinham apparecido mortos perto da «estrada. Agora já sei tudo. Estive para lhe dizer «que tu ahi estás; mas não me deram tempo. Meu «pae de hora a hora dá passeios no corredor, e solta «uns ais muito altos.

«Ó meu querido Simão, que será feito de ti?... «Estarás tu ferido? Serei eu a causa da tua morte?

«Dize-me o que souberes. Eu já não peço a «Deus senão a tua vida. Foge d'esses sitios: vae «para Coimbra, e espera que o tempo melhore a «nossa situação. Tem confiança nesta desgraçada, «que é digna da tua dedicação... Chega a pobre: «não quero demorál-a mais... Perguntei-lhe se se

«dizia de ti alguma coisa, e ella respondeu que «não. Deus o queira».

Respondeu Simão a querer tranquilizar o animo de Thereza. Do seu ferimento falava tão de passagem, que dava a suppôr que nem o curativo era necessario. Promettia partir para Coimbra logo que o pudesse fazer sem receio de Thereza soffrer na sua ausencia. Animava-a a chamál-o, assim que as ameaças do convento passassem a ser realizadas.

Entretanto, Balthazar Coutinho, chamado ás autoridades judiciarias para esclarecer a devassa instaurada, respondeu que effectivamente os homens mortos eram seus criados, de quem elle e sua familia se acompanhára de Castro d'Aire. Acrescentou que não sabia que elles tivessem inimigos em Vizeu, nem tinha contra alguem as mais leves presumpções.

Os mais proximos vizinhos da localidade, onde os cadaveres tinham apparecido, apenas depunham que, alta noite, tinham ouvido dois tiros ao mesmo tempo, e outro, pouco depois. Um apenas adiantava coisa que não podia allumiar a justiça, e vinha a ser que o matto, nas visinhanças do local, fôra chapotado. Nesta escuridade a justiça não podia dar passo algum.

Thadeu de Albuquerque era connivente no attentado contra a vida de Simão Botelho. Fôra seu o alvitre, quando o sobrinho denunciou a causa das sahidas frequentes de Thereza, na noite do baile. Tanto ao velho como ao morgado convinha apagar

algum indicio que pudesse envolvêl-os no mysterio d'aquellas duas mortes. Os criados não mereciam a pena d'um esforço que implicasse o desdouro de seus amos. Provas contra Simão Botelho não podiam adduzil-as. Áquella hora o suppunham elles a caminho de Coimbra, ou refugiado em casa de seu pae. Restava-lhes ainda a esperança de que elle tivesse sido ferido, e fosse acabar longe do local em que o tinham assaltado.

Em quanto a Thereza, resolveu Albuquerque encerral-a num convento do Porto, e escolheu Monchique, onde era prioreza uma sua proxima parenta. Escreveu á prelada para lhe preparar aposentos, e ao procurador para negociar as licenças ecclesiasticas para a entrada. Todavia, receando o velho algum incidente no espaço de tempo que medeava até se conseguirem as licenças, resolveu não ter comsigo Thereza, e solicitou a retenção temporaria d'ella num convento de Vizeu.

Acabára Thereza de lêr e esconder no seio a resposta de Simão Botelho, que a mendiga lhe passára ao escurecer, pendente de uma linha, quando o pae entrou no seu quarto, e a mandou vestir-se. A menina obedeceu, tomando uma capa e um lenço.

— Vista-se como quem é: lembre-se que ainda tem os meus appelidos — disse com severidade o velho.

— Cuidei que não era preciso vestir-me melhor para sahir á noite... — disse Thereza.

— E a senhora sabe para onde vae?

— Não sei... meu pae.

— Então vista-se, e não me dê leis.

— Mas, meu pae, attenda-me um momento.

— Diga.

— Se a sua ideia é obrigar-me a casar com meu primo...

— E d'ahi?

— De certo não caso; morro, e morro contente, mas não caso.

— Nem elle a quer. A senhora é indigna de Balthazar Coutinho. Um homem do meu sangue não aceita para esposa uma mulher que fala de noite aos amantes nos quintaes. Vista-se depressa, que vai para um convento.

— Promptamente, meu pae. Esse destino lh'o pedi eu muitas vezes.

— Não quero reflexões. D'aqui a pouco appareça-me vestida. Suas primas esperam-a para a acompanharem.

Quando se viu sósinha, Thereza debulhou-se em lagrimas e quiz escrever a Simão. Áquella hora quem lhe levaria a carta? Appellou para o retabulo da Virgem, que ella fizera confidente do seu amor. Pediu-lhe de joelhos que a protegesse, e désse forças a Simão para resistir ao golpe, e guardar-lhe constancia através dos trabalhos que succedessem. Depois vestiu-se, comprimindo contra o seio o embrulho em que levava o tinteiro, o papel e o macête das cartas de Simão. Sahiu do seu quarto, relanceando os olhos lagrimosos para o painel da

Virgem, e encontrando o pae, pediu-lhe licença para levar comsigo aquella devota imagem.

— Lá irá ter — respondeu elle. — Se tivesse tanta vergonha como devoção, seria mais feliz do que ha de ser.

Uma das primas, irmans de Balthazar, chamou-a de parte, e segredou-lhe:

— Ó menina! estava ainda na tua mão dares remedio á desordem d'esta casa...

— Qual remedio?! — perguntou Thereza com artificial seriedade.

— Dize a teu pae que não duvidas casar com o mano Balthazar.

— O primo Balthazar não me quer — replicou ella sorrindo.

— Quem te disse isso, Therezinha?

— Disse-m'o meu pae.

— Deixa falar teu pae, que está desatinado com o amor que te tem. Queres tu que eu lhe fale?

— Para que?

— Para se remediar d'este modo a desgraça de todos nós.

— Estás a brincar, prima! — redarguiu Thereza. — Eu hei de ser tua cunhada, quando não tiver coração. Teu mano tem a certeza de que eu amo outro homem. Queria viver para elle; mas se quizerem que eu morra por elle, abençoarei todos os meus algozes. Pódes dizer isso ao primo Balthazar, e dize-lh'o antes que te esqueça.

— Então, vamos?! — disse o velho.

—Estou prompta, meu pae.

Abriu-se a portaria do mosteiro. Thereza entrou sem uma lagrima. Beijou a mão de seu pae, que elle não ousou recusar-lhe na presença das freiras. Abraçou suas primas com semblante de regosijo; e, ao fechar-se a porta, exclamou com grande espanto das monjas:

—Estou mais livre que nunca. A liberdade do coração é tudo.

As freiras olharam-se entre si, como se ouvissem na palavra «coração» uma heresia, uma blasphemia proferida na casa do Senhor.

—Que diz a menina?!—perguntou a prioreza, fitando-a por cima dos oculos, e apanhando no lenço de Alcobaça a destillação do esturrinho.

—Disse eu que me sentia aqui muito bem, minha senhora.

—Não diga *minha senhora*—atalhou a escrivan.

—Como hei de dizer?

—Diga «nossa madre prioreza.»

—Pois sim, nossa madre prioreza, disse eu que me sentia aqui muito bem.

—Mas quem vem para estas casas de Deus não vem para se sentir bem—tornou a nossa madre prioreza.

—Não?!—disse Thereza com sincera admiração.

—Quem para aqui vem, menina, ha de mortificar o espirito, e deixar lá fóra as paixões mundanas. Ora pois! Aqui está a nossa madre mestra

de noviças, a quem compete encaminhál-a e dirigil-a.

Thereza não redarguiu: fez um gesto de respeito á mestra de noviças, e seguiu o caminho que a prelada lhe ia indicando.

A nossa madre entrou nos seus aposentos, e disse a Thereza que era sua hospeda emquanto alli estivesse; e ajuntou que não sabia se seu pae escolheria aquelle convento ou outro.

— Que importa que seja um ou outro? — disse Thereza.

— É conforme. Seu pae póde querer que a menina professe em ordem rica das bentas ou bernardas.

— Professe! — exclamou Thereza. — Eu não quero ser freira aqui, nem noutra parte.

— A senhora ha de ser o que seu pae quizer que seja.

— Freira!? a isso não póde ninguem obrigar-me! — recalcitrou Thereza.

— Isso assim é — retorquiu a prioreza — mas como a menina tem de noviciado um anno, sobra-lhe tempo para se habituar a esta vida, e verá que não ha vida mais descansada para o corpo, nem mais saudavel para a alma.

— Mas a nossa madre — tornou Thereza, sorrindo como se a ironia lhe fosse habitual — já disse que a estas casas ninguem vem para se sentir bem...

— É um modo de falar, menina. Todos temos as nossas mortificações e obrigações de côro e de

serviços para que nem sempre o espirito está bem disposto. Ora vês-ahi. Mas, em comparação do que lá vae pelo mundo, o convento é um paraizo. Aqui não ha paixões, nem cuidados que tirem o somno, nem a vontade de comer, bemdito seja o Senhor! Vivemos umas com as outras, como Deus com os anjos. O que uma quer, querem todas. Más linguas é coisa que a menina não ha de achar aqui, nem intriguistas, nem murmurações de soalheiro. Emfim, Deus fará o que fôr servido. Eu vou á cozinha buscar a ceia da menina, e já volto. Aqui a deixo com a senhora madre organista, que é uma pomba, e com a nossa mestra de noviças, que sabe dizer melhor que eu o que é a virtude nestas santas casas.

Apenas a prioreza voltou costas, disse a organista á mestra de noviças:

— Que impostora!

— E que estupida! — acudiu a outra. — A menina não se fie nesta trapalhona, e veja se seu pae lhe dá outra companhia emquanto cá estiver, que a prioreza é a maior intriguista do convento. Depois que fez sessenta annos, fala das paixões do mundo como quem as conhece por dentro e por fóra. Emquanto foi nova era a freira que mais escandalos dava na casa: depois de velha era a mais ridicula, porque ainda queria amar e ser amada; agora, que está decrepita, anda sempre este mostrengo a fazer missões, e a curar indigestões.

Thereza, apesar da sua dôr, não pôde reprimir

uma risada, lembrando-se da *vida de Deus com os anjos*, que as esposas do Senhor ali viviam, no dizer da madre prioreza.

Pouco depois, entrou a prelada com a ceia, e sahiram as duas freiras.

— Que lhe pareceram as duas religiosas que ficaram com a menina? — disse ella a Thereza.

— Pareceram-me muito bem.

A velha distendeu os beiços matizados de meandros de esturrinho liquido, e regougou:

— *Hum!*... está feito, está feito!... Ainda não são das peores; mas, se fossem melhores, não se perdia nada... Ora vamos a isto, menina: aqui tem duas pernas de gallinha, e um caldo que o podem comer os anjos.

— Eu não cômo nada, minha senhora — disse Thereza.

— Ora essa! não come nada!? Ha de comer; sem comer ninguem resiste. Paixões... que as leve o porco-sujo!... As mulheres é que ficam logradas, e elles não teem que perder!... Que eu cá de mim, até ao presente, Deus louvado, não sei o que sejam paixões; mas, quem tem cincoenta e cinco annos de convento, tem muita experiencia do que vê penar ás outras doidivanas. E para não ir mais longe, estas duas, que d'aqui sairam, teem pagado bem o seu tributo á asneira, Deus me perdôe se pecco. A organista tem já os seus quarenta bons, e ainda vae ao locutorio derreter-se em finezas; a outra, apesar de ser mestra de noviças á falta d'outra que qui-

zesse sêl-o, se eu lhe não andasse com o olho em cima estragava-me as raparigas.

Este edificante discurso de caridade foi interrompido pela madre escrivan, que vinha palitando os dentes, pedir á prelada um copinho de certo vinho estomacal com que todas as noites era brindada.

— Estava eu a dizer a esta menina as peças que são a organista e a mestra — disse a prioreza.

— Oh! são para o que eu lhe préstar! Lá foram ambas para a cella da porteira. A esta hora está a menina a ser cortada por aquellas linguas, que não perdoam a ninguem.

— Vaes tu vêr se ouves alguma coisa, minha flôr? — disse a prelada.

A escrivan, contente da missão, foi imperceptivelmente ao longo dos dormitorios até parar a uma porta que não vedava o ruido estridente das risadas.

No emtanto, dizia a prelada a Thereza:

— Esta escrivan não é má rapariga: só tem o defeito de se tomar da pingoleta: depois, não ha quem a ature. Tem uma boa tença, mas gasta tudo em vinho, e tem occasiões de entrar no côro a fazer *ss*, que é mesmo uma desgraça. Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. É verdade que ás vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitorios, e fechou por dentro a porta) é verdade que ás vezes, quando anda azuratada, dá por paus e por pedras e descobre os de-

feitos das suas amigas. A mim já ella me assacou um aleive, dizendo que eu, quando sahia a ares, não ia só a ares, e andava por lá a fazer o que fazem as outras. Forte pouca vergonha! Lá que outra falasse, vá; mas ella, que tem sempre uns namorados pandilhas que bebem com ella na grade, isso lá me custa; mas, emfim, não ha ninguem perfeito!... Boa rapariga é ella... se não fosse aquelle maldito vicio...

Como tocasse ao côro nesta occasião, a veneranda prioreza bebeu o segundo calice do vinho estomacal, e disse a Thereza que a esperasse um quarto de hora, que ella ia ao côro, e pouco se demoraria. Tinha ella sahido, quando a escrivan entrou a tempo que Thereza, com as mãos abertas sobre a face, dizia em si: «Um convento, meu Deus! isto é que é um convento!»

— Está sósinha? — disse a escrivan.

— Estou, minha senhora.

— Pois aquella grosseira vae-se embora, e deixa uma hospeda sósinha? Bem se vê que é filha de funileiro!... Pois tinha tempo de ter pratica do mundo, que tem andado por lá que farte... Eu havia de ir ao côro; mas não vou para lhe fazer companhia, menina.

— Vá, vá, minha senhora, que eu fico bem sósinha — disse Thereza, com a esperança de poder desafogar em lagrimas a sua afflicção.

— Não vou, não!... A menina aqui estarrecia de mêdo; mas a prelada não tarda ahi. Ella, se

pôde escapar-se do côro, não pára lá muito tempo. A apostar que ella lhe esteve a falar mal de mim?

— Não, minha senhora, pelo contrario...

— Ora diga a verdade, menina! Eu sei que esta cegonha não fala bem de ninguem. Para ella tudo são libertinas e bebedas.

— Nada, não, minha senhora: nada me disse a respeito d'alguma freira.

— E se disse, deixál-a dizer. Ella o vinho não o bebe, suga-o; é uma esponja viva. Emquanto á libertinagem, tomará eu tantos mil cruzados como de amantes ella tem tido! Faz lá uma pequena ideia, menina!

A escrivan bebeu um calice de vinho da sua prelada, e continuou:

— Faz lá uma pequena ideia! Ella é velhissima como a sé. Quando eu professei já ella era velha como agora, com pouca differença. Ora eu sou freira ha vinte e seis annos; calcule a menina quantas arrobas de esturrinho ella tem atulhado naquelles narizes! Pois, olhe, quer me creia, quer não, tenho-lhe conhecido mais de uma duzia de chichesbéos, não fallando do padre capellão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, á nossa custa, entende-se. É uma dissipadora dos rendimentos da casa. Eu, que sou escrivan, é que sei o que ella rouba. Eu tenho immensa pena de vêr a menina hospedada em casa d'esta hypocrita. Não se deixe levar das imposturices d'ella, meu anjinho. Eu sei que seu pae lhe mandou falar, e a encarregou de

a não deixar escrever, nem receber cartas; mas olhe, minha filha, se quizer escrever, eu dou-lhe tinteiro, papel, obreias, e o meu quarto, se para lá quizer ir escrever. Se tem alguem que lhe escreva, diga-lhe que mande as cartas em meu nome; eu chamo-me Dionizia da Immaculada Conceição.

— Muito agradecida, minha senhora — disse Thereza, animada pelo offerecimento. — Quem me déra poder mandar um recado a uma pobre que mora no bêco do...

— O que quizer, menina. Eu mando logo que fôr dia. Esteja descançada. Não se fie d'alguem, senão de mim. Olhe que a mestra de noviças e a organista são duas falsas. Não lhes dê trela, que, se as admitte á sua confiança, está perdida. Ahi vem a lesma... Falemos noutra coisa...

A prelada vinha entrando, e a escrivan proseguiu assim:

— Não ha, não ha nada mais agradavel que a vida do convento, quando se tem a fortuna de ter uma prelada como a nossa... Ai! eras tu, menina? Olha, se estivessemos a fallar mal de ti!

— Eu sei que tu nunca falas mal de mim — disse a prelada, piscando o olho a Thereza. — Ahi está essa menina que diga o que eu lhe estive a dizer das tuas boas qualidades...

— Pois o que eu disse de ti — respondeu soror Dionizia da Immaculada Conceição — não precisas de perguntar, porque felizmente ouviste o que eu estava dizendo. Oxalá que se pudesse dizer o

mesmo das outras que deshonram a casa, e trazem aqui tudo intrigado numa meada, que é mesmo coisa de peccado.

— Então não vaes ao côro, Nini? — tornou a prioreza.

— Já agora é tarde... Tu absolves-me da falta, sim?

— Absolvo, absolvo; mas dou-te como penitencia beberes um copinho...

— Do estomacal?

— Pudera!

Dionizia cumpriu a penitencia, e sahiu para, dizia ella, deixar a prelada na sua hora de oração.

Não delongaremos esta amostra do evangelico e exemplar viver do convento onde Thadeu de Albuquerque mandára sua filha a respirar o purissimo ar dos anjos, emquanto se lhe prepara o crysol mais depurador dos sedimentos do vicio no convento de Monchique.

Encheu-se o coração de Thereza de amargura e nojo naquellas duas horas de vida conventual. Ignorava ella que o mundo tinha d'aquillo. Ouvira falar dos mosteiros como de um refugio da virtude, da innocencia e das esperanças immorredoiras. Alguмos cartas lêra de sua tia, prelada em Monchique, e por ellas formára conceito do que devia ser uma santa. D'aquellas mesmas dominicanas, em cuja casa estava, ouvira dizer ás velhas e devotas fidalgas de Vizeu virtudes, maravilhas de caridade, e até mila-

gres. Que desillusão tão triste e, ao mesmo tempo, que ancia de fugir d'ali!

A cama de D. Thereza estava na mesma cella da prioreza, em alcova separada com cortinas de cassa.

Quando a prelada lhe disse que podia deitar-se, querendo, perguntou-lhe a menina se poderia escrever a seu pae. A freira respondeu que no dia seguinte o faria, posto que o Senhor Albuquerque ordenasse que sua filha não escrevesse: assim mesmo, ajuntou ella, que lh'o não prohibiria, se tivesse tinteiro e papel na cella.

Thereza deitou-se e a prelada ajoelhou diante d'um oratorio, rezando a corôa a meia voz. Se o murmurio da oração enfadasse a hospeda, não teria ella muita razão de queixa, porque a devota monja, ao segundo *Padre Nosso*, cabeceava de modo que já não atinou com a primeira *Ave Maria*. Levantou-se cambaleando uma mesura ás imagens do santuario, foi deitar-se, e pegou a resonar.

Thereza afastou subtilmente as cortinas do quarto, e tirou de entre o seu fato o tinteiro de tarracha e o papel.

A lampada do oratorio lançava um frouxo raio sobre a cadeira, em que Thereza puzera os seus vestidos. Desceu da cama, ajoelhou ao pé da cadeira, e escreveu a Simão, relatando-lhe miudamente os successos d'aquelle dia. A carta rematava assim:

«Não receeies nada por mim, Simão. Todos es-«tes trabalhos me parecem leves, se os comparo «aos que tens padecido por amor de mim. A des-«graça não abala a minha firmeza, nem deve inti-«midar os teus projectos. São alguns dias de tem-«pestade, e mais nada. Qualquer nova resolução «que meu pae tome dir-t'a-hei logo, podendo, ou «quando puder. A falta das minhas noticias deves «attribuil-a sempre ao impossivel. Ama-me assim «desgraçada, porque me parece que os desgraça-«dos são os que mais precisam de amor e de con-«fôrto. Vou vêr se posso esquecer-me, dormindo. «Como isto é triste, meu querido amigo!... Adeus.»

VIII

Marianna, a filha de João da Cruz, quando viu seu pae pensar a chaga do braço de Simão, perdeu os sentidos. O ferrador riu estrondosamente da fraqueza da moça, e o academico achou estranha sensibilidade em mulher affeita a curar as feridas com que seu pae vinha laureado de todas as feiras e romarias.

— Não ha ainda um anno que me fizeram tres buracos na cabeça, quando eu fui á Senhora dos Remedios, a Lamego, e foi ella que me tosqueou e rapou o casco á navalha — disse o ferrador. —

Pelo que vejo, o sangue do fidalgo deu volta ao estomago da rapariga!... Estamos então bem aviados! Eu tenho cá a minha vida, e queria que ella fosse a enfermeira do meu doente... És ou não és, rapariga?—disse elle á filha, quando ella abriu os olhos, com semblante de envergonhada da sua fraqueza.

—Serei com muito gosto, se o pae quizer.

—Pois, então, moça, se has de ir costurar para a varanda, vem aqui para a beira do senhor Simão. Dá-lhe caldos a miudo, e trata-lhe da ferida; vinagre e mais vinagre, quando ella estiver assim a modo de rôxa. Conversa com elle, não o deixes estar a malucar, nem escrever muito, que não é bom quando se está fraco do miôlo. E vossa senhoria não tenha aquellas de cerimonia, nem me diga á Marianna—a menina isto, a menina aquillo. É—rapariga, dá cá um caldo; rapariga, lava-me o braço, dá cá as compressas—e nada de politicas. Ella está aqui como sua criada, porque eu já lhe disse que, se não fosse o pae de vossa senhoria, já ella ha muito tempo que andava por ahi ás esmolas, ou peor ainda. É verdade que eu podia deixar-lhe uns benzinhos, ganhos ali a suar na bigorna ha dez annos, afóra uns quatrocentos mil reis que herdei de minha mãe, que Deus haja; mas vossa senhoria bem sabe que, se eu fosse á forca ou pela barra fóra, vinha a justiça, e tomava conta de tudo para as custas.

—Se vocemecê tem uma casinha soffrivel—ata-

lhou Simão — póde, querendo, casar a sua filha numa boa casa de lavoira.

— Assim ella quizesse. Maridos não lhe faltam; até o alferes da casa da Igreja a queria, se eu lhe fizesse doação de tudo, que pouco é, mas ainda vale quatro mil cruzados bons; o caso é que a moça não tem querido casar, e eu, a falar a verdade, sou só e mais ella, e tambem não tenho grande vontade de ficar sem esta companhia, para quem trabalho como moiro. Se não fosse ella, fidalgo, muita asneira tinha eu feito! Quando vou ás feiras ou romarias, se a levo commigo, não bato, nem apanho; indo sósinho, é desordem certa. A rapariga já conhece quando a pinga me sobe ao capacete do alambique; puxa-me pela jaqueta, e por bons modos põe-me fóra do arraial. Se alguem me chama para beber mais um quartilho, ella não me deixa ir, e eu acho graça á obediencia com que me deixo guiar pela moça, que me pede que não vá por alma da mãe. Eu cá, em ella me pedindo por alma da minha santa mulher, já não sei de que freguezia sou.

Marianna ouviu o pae, escondendo meio rosto no seu alvissimo avental de linho. Simão estava-se gosando da simpleza d'aquelle quadro rustico, mas sublime de naturalidade.

João da Cruz foi chamado para ferrar um cavallo, e despediu-se nestes termos:

— Tenho dito, rapariga; aqui te entrego o nosso doente; trata-o como quem é, e como se fosse teu irmão ou marido.

O rosto de Marianna acerejou-se quando aquella ultima palavra sahiu, natural como todas, da bôca de seu pae.

A moça ficou encostada ao batente da alcova de Simão.

— Não foi nada boa esta praga que lhe cahiu em casa, Marianna! — disse o academico — Fazerem-na enfermeira d'um doente, e privarem-na talvez de ir costurar na sua varanda e conversar com as pessoas que passam...

— Que se me dá a mim d'isso! — respondeu ella sacudindo o avental, e baixando o cóz ao logar da cintura com infantil graça.

— Sente-se, Marianna; seu pae disse-lhe que se sentasse... Vá buscar a sua costura, e dê-me d'alli uma folha de papel e um lapis que está na carteira.

— Mas o pae tambem me disse que o não deixasse escrever... — replicou ella, sorrindo.

— Pouco, não faz mal. Eu escrevo apenas algumas linhas.

— Veja lá o que faz... — tornou ella dando-lhe o papel e o lapis — Olhe se alguma carta se perde e se descobre tudo...

— Tudo, o quê, Marianna? Pois sabe alguma coisa!?

— Era preciso que eu fosse tola. Eu não lhe disse já que sabia da sua amizade a uma menina fidalga da cidade?

— Disse; mas que tem isso?

— Aconteceu o que eu receava. Vossa senhoria

está ahi ferido, e toda a gente fala nuns homens que appareceram mortos.

— Que tenho eu com os homens que appareceram mortos?

— Para que está a fingir-se de novas!? Pois eu não sei que esses homens eram criados do primo da tal senhora? Parece que vossa senhoria desconfia de mim, e está a querer guardar um segredo que eu tomára que ninguem soubesse, para que meu pae e o senhor Simão não tenham alguns trabalhos maiores...

— Tem razão, Marianna, eu não devia esconder de si o mau encontro que tivemos...

— E Deus queira que seja o ultimo!... Tanto tenho pedido ao Senhor dos Passos que lhe dê remedio a essa paixão!... O peor futuro é o que ainda está por passar...

— Não menina, isto acaba assim: eu vou para Coimbra, logo que esteja bom, e a menina da cidade fica em sua casa.

— Se assim fôr, já prometti dois arrateis de cera ao Senhor dos Passos; mas não me diz o coração que vossa senhoria faça o que diz...

— Muito agradecido lhe estou pelo bem que me deseja — disse Simão commovido. — Não sei o que lhe fiz para lhe merecer a sua amizade.

— Basta vêr o que seu paesinho fez pelo meu — disse ella, limpando as lagrimas. — O que seria de mim, se me elle faltasse, e se fosse á forca como toda a gente dizia!... Eu era ainda muito nova

quando elle estava na enxovia. Teria treze annos; mas estava resolvida a atirar-me ao poço, se elle fosse condemnado á morte. Se o degredassem, então ia com elle, ia morrer onde elle fosse morrer. Não ha dia nenhum que eu não peça a Deus que dê a seu pae tantos prazeres como estrellas tem o céo. Fui de proposito á cidade para beijar os pés á sua mãesinha, e vi suas manas, e uma, que era a mais nova, deu-me uma saia de lapim, que eu ainda ali tenho guardada como uma reliquia. Depois, cada vez que ia á feira, dava uma grande volta para vêr se acertava de encontrar a senhora D. Ritinha á janella; e muitas vezes vi o senhor Simão. E talvez não saiba que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, ha dois para trez annos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um reboliço que parecia o fim do mundo. Eu vim contar ao pae, e elle até cahiu ao chão a dar risadas como um doido... Depois nunca mais o vi senão quando vossa senhoria entrou com o tio de Coimbra: mas já sabia que vinha para esta desgraça, porque tinha tido um sonho, em que via muito sangue, e eu estava a chorar, porque via uma pessôa muito minha amiga a cahir numa cova muito funda...

— Isso são sonhos, Marianna!...

— São sonhos, são; mas eu nunca sonhei nada que não acontecesse. Quando o meu pae matou o almocreve, tinha eu sonhado que o via a dar um tiro n'outro homem; antes de minha mãe morrer,

acordei eu a chorar por ella, e mais ainda viveu dois mezes... A gente da cidade ri-se dos sonhos, mas Deus sabe o que isto é... Ahi vem meu pae... Senhor dos Passos! não vá ser alguma má nova!

João da Cruz entrou com uma carta que recebêra da pobre do costume. Emquanto Simão leu a carta escripta do convento, Marianna fitou os seus grandes olhos azues no rosto do academico, e, a cada contracção do rosto d'elle, angustiava-se-lhe a ella o coração. Não teve mão da sua ancia e perguntou:

— É noticia má?

— Tu és muito atrevida, rapariga! — disse João da Cruz.

— Não é, não — atalhou o estudante. — Não é má noticia, Marianna. Senhor João, deixe que eu tenha na sua filha uma amiga, que os desgraçados é que sabem avaliar os amigos.

— Isso é verdade; mas eu não me atrevia a perguntar o que a carta diz.

— Nem eu perguntei, meu pae; foi porque me pareceu que o snr. Simão estava afflicto quando lia.

— E não se enganou — tornou o doente voltando-se para o ferrador. — O pae arrastou Thereza ao convento.

— Sempre é patife d'uma vez — disse o ferrador, fazendo com os braços instinctivamente um movimento de quem aperta entre as mãos um pescoço.

Neste lance, um observador perspicaz veria lu-

zir nos olhos de Marianna um clarão de innocente alegria.

Simão sentou-se, e escreveu sobre uma cadeira, que Marianna espontaneamente lhe chegou, dizendo:

— Em quanto escreve, vou olhar pelo caldinho, que está a ferver.

«É necessario arrancar-te d'ahi — dizia a carta «de Simão. — Esse convento ha de ter uma eva-«siva. Procura-a, e dize-me a noite e a hora em que «devo esperar-te. Se não puderes fugir, essas por-«tas hão de abrir-se diante da minha cólera. Se «d'ahi te mandarem para outro convento mais «longe, avisa-me, que eu irei, sósinho ou acompa-«nhado, roubar-te ao caminho. É indispensavel que «te refaças de animo para te não assustarem os «arrojos da minha paixão. És minha! não sei de «que me serve a vida, se a não sacrificar a sal-«var-te. Creio em ti, Thereza, creio. Ser-me-has «fiel na vida e na morte. Não soffras com pacien-«cia; lucta com heroismo. A submissão é uma «ignominia, quando o poder paternal é uma af-«fronta. Escreve-me a toda a hora que possas. Eu «estou quasi bom. Dize-me uma palavra, chama-me, «e eu sentirei que a perda do sangue não diminue «as forças do coração.»

Simão pediu a sua carteira, tirou dinheiro em prata, deu-o ao ferrador, e recommendou-lhe que o entregasse á pobre com a carta.

Depois ficou relendo a de Thereza, e recordando-se da resposta que déra.

Mestre João foi á cozinha e disse a Marianna:

— Desconfio d'uma coisa, rapariga.

— O que é, meu pae?

— O nosso doente está sem dinheiro.

— Porquê? O pae como sabe isso?

— É que elle pediu-me a carteira para tirar dinheiro, e ella pezava tanto como uma bexiga de porco cheia de vento. Isto bole-me cá por dentro! Queria offerecer-lhe dinheiro, e não sei como ha de ser...

— Eu pensarei nisso, meu pae — disse Marianna, reflectindo.

— Pois sim; cogita lá tu, que tens melhores idéias que eu.

— E se o pae não quizer bolir nos seus quatro centos, eu tenho aquelle dinheiro dos meus bezerros; são onze moedas d'ouro menos um quarto.

— Pois falaremos: pensa tu no modo de elle acceitar sem *remorsos*.

Remorsos, na linguagem pouco castigada de mestre João, era synonymo de *escrupulos*, ou *repugnancia*.

Foi Marianna levar o caldo a Simão, que lh'o rejeitou como distrahido em profundo scismar.

— Pois não toma o caldinho? — disse ella com tristeza.

— Não posso, não tenho vontade, menina; será logo. Deixe-me sósinho algum tempo; vá, vá; não

passe o seu tempo ao pé d'um doente aborrecido.

—Não me quer aqui? irei, e voltarei quando vossa senhoria chamar.

Dissera isto Marianna com os olhos a revêrem lagrimas.

Simão notou as lagrimas, e pensou um momento na dedicação da moça; mas não lhe disse palavra alguma.

E ficou pensando na sua espinhosa situação. Deviam de occorrer-lhe ideias afflictivas, que os romancistas raras vezes attribuem aos seus heroes. Nos romances todas as crises se explicam, menos a crise ignobil da falta de dinheiro. Entendem os novellistas que a materia é baixa e plebêa. O estylo vai de má vontade para coisas razas. Balzac fala muito em dinheiro; mas dinheiro a milhões: não conheço, nos cincoenta livros que tenho delle, um galan num entre-acto da sua tragedia a scismar no modo de arranjar uma quantia com que pague ao alfaiate, ou se desembarace das rêdes que um usurario lhe lança, desde a casa do juiz de paz a todas as esquinas, d'onde o assaltam o capital e juro de oitenta por cento. D'isto é que os mestres em romance se escapam sempre. Bem sabem elles que o interesse do leitor se gela a passo igual que o heroe se encolhe nas proporções d'estes heroesinhos de botequim, de quem o leitor dinheiroso foge por instincto, e outro foge tambem, porque não tem que fazer com elle. A coisa é vilmente prosaica, de todo

o meu coração o confesso. Não é bonito deixar a gente vulgarisar-se o seu heroe a ponto de pensar na falta de dinheiro, um momento depois que escreveu á mulher estremecida uma carta como aquella de Simão Botelho. Quem a lêsse, diria que o rapaz tinha postadas, em differentes estações das estradas do paiz, carroças e folgadas parelhas de mulas para transportarem a Paris, a Veneza, ou ao Japão a bella fugitiva! As estradas, naquelle tempo, deviam ser boas para isso; mas não tenho a certeza de que houvesse estradas para o Japão. Agora creio que ha, porque me dizem que ha tudo.

Pois eu já lhes fiz saber, leitores, pela bôca de mestre João, que o filho do corregedor não tinha dinheiro. Agora lhe digo que era em dinheiro que elle scismava, quando Marianna lhe trouxe o caldo rejeitado.

Ao meu ver, deviam attribulál-o estes pensamentos.

Como pagaria a hospitalidade de João da Cruz?

Com que agradeceria os desvelos de Marianna?

Se Thereza fugisse, com que recursos proveria á subsistencia de ambos?

Ora, Simão Botelho sahira de Coimbra com a sua mesada, que não era grande, e quasi lh'a absorvêra o aluguel da cavalgadura, e a gorgeta generosa que déra ao arreeiro, a quem devia o conhecimento do prestante ferrador.

As reliquias d'esse dinheiro déra-as elle á portadora da carta naquelle dia. Má situação!

Lembrou-se de escrever á mãe. Que lhe diria elle? Como explicaria a sua residencia naquella casa? D'este modo não iria elle dar indicios da morte mysteriosa dos dois criados de Balthazar Coutinho?

Além de que, sobejamente sabia elle que sua mãe o não amava; e, a mandar-lhe algum dinheiro em segredo, seria escassamente o necessario para a jornada até Coimbra. Pessima situação!

Cansado de pensar, favoreceu-o a providencia dos infelizes com um somno profundo.

E Marianna entrára pé ante pé na sala, e, ouvindo-lhe a respiração alta, aventurou-se a entrar na alcova. Lançou-lhe um lenço de cassa sobre o rosto, em roda do qual zumbia um enxame de moscas. Viu a carteira sobre uma banqueta que adornava o quarto, pegou nella, e sahiu pé ante pé. Abriu a carteira, viu papeis, que não soube lêr e num dos repartimentos duas moedas de seis vintens. Foi restituir a carteira no seu logar, e tomou d'um cabide as calças, collete e jaqueta á hespanhola, do hospede. Examinou os bolsos e não encontrou um ceitil.

Retirou-se para um canto escuro do sobrado, e meditou. Esteve meia hora assim, e meditava angustiada a nobre rapariga. Depois ergueu-se de golpe, e conversou longo tempo com o pae. João da Cruz escutou-a, contrariou-a mas ia de vencida sempre pelas réplicas da filha, até que, afinal, disse:

— Farei o que dizes, Marianna. Dá-me cá o teu dinheiro, que não vou agora levantar a pedra da

lareira para bolir no caixote dos quatro centos mil reis. Tanto faz um como o outro: teu é elle todo.

Marianna deu-se pressa em ir á arca, d'onde tirou uma bolsa de linho com dinheiro em prata, e alguns cordões, anneis e arrecadas. Guardou o seu oiro numa bocceta, e deu a bolsa ao pae.

João da Cruz apparelhou a egua, e sahiu. Marianna foi para a sala do doente.

Acordou Simão.

— Não sabe!? — exclamou ella com semblante entre alegre e assustado, perfeitamente contrafeito.

— Que é, Marianna?

— Sua mãesinha sabe que vossa senhoria aqui está.

— Sabe?! isso é impossivel! Quem lh'o disse?

— Não sei; o que sei é que ella mandou chamar meu pae.

— Isso espanta-me!... E não me escreveu?

— Não, senhor!... Agora me lembro que talvez ella soubesse que o senhor aqui esteve, e cuide que já não está, e por isso lhe não escreveu... Poderá ser?

— Poderá, mas quem lh'o diria!? Se isto se sabe, então podem suspeitar da morte dos homens.

— Pode ser que não; e ainda que desconfiem, não ha testemunhas. O pae disse que não tinha medo nenhum. O que fôr soará. Não esteja agora a scismar nisso... Vou-lhe buscar o caldinho, sim?

— Vá, se quer, Marianna. O céo deparou-me em si a amizade de uma irman.

Não achou a moça na sua alegre alma palavras em resposta á doçura que o rosto do mancebo exprimia.

Veio com o «caldinho» — diminutivo que a rhetorica d'uma linguagem meiga sancciona; mas contra o qual protestava a larga e funda malga branca, ao lado da travessa com meia gallinha loira de gorda.

— Tanta coisa! exclamou, sorrindo, Simão.

— Côma o que puder — disse ella córando. — Eu bem sei que os senhores da cidade não comem em malgas tamanhas, mas eu não tinha outra mais pequena; e côma sem nôjo, que esta malga nunca serviu, que a fui eu comprar á loja, por pensar que vossa senhoria não quizera hontem comer por se atrigar da outra.

— Não, Marianna, não seja injusta, eu não comi hontem pela mesma razão por que não cômo agora: não tinha nem tenho vontade.

— Mas côma por eu lhe pedir... Perdôe o meu atrevimento... Faça de conta que é uma sua irman que lhe pede. Ainda agora me disse...

— Que o céo me dava em si a amizade d'uma irman...

— Pois ahi está.

Simão achou tão necessario á sua conservação o sacrificio, como ao contentamento da carinhosa Marianna. Passou-lhe na mente, sem sombra de vaidade, a conjectura de que era amado d'aquella doce creatura. Entre si dizia que seria uma crueza mos-

trar-se conhecedor de tal affeição, quando não tinha alma para lh'a premiar, nem para lhe mentir. Assim mesmo, bem longe de se affligir, lisonjeavam-o os desvelos da gentil moça. Ninguem sente em si o pêso do amor que se inspira e não comparte. Nas maximas afflições, nas derradeiras horas do coração e da vida, é grato ainda sentir-se amado quem já não póde achar no amor diversão das penas, nem soldar o ultimo fio que se está partindo. Orgulho ou insaciabilidade do coração humano, seja o que fôr, no amor que nos dão é que nós graduamos o que valemos em nossa consciencia.

Não desprazia, portanto, o amor de Marianna ao amante apaixonado de Thereza. Isto será culpa no severo tribunal das minhas leitoras; mas, se me deixam ter opinião, a culpa de Simão Botelho está na fraca natureza, que é toda de galas no céo, no mar e na terra, e toda incoherencias, absurdezas e vicios no homem, que se acclamou a si proprio rei da creação, e nesta boa fé dynastida vae vivendo e morrendo.

IX

Duas horas se detivera João da Cruz fóra de casa. Chegou quando a curiosidade do estudante era já soffrimento.

— Estará seu pae preso?! — dissera elle a Marianna.

— Não m'o diz o coração, e o meu coração nunca me engana — respondêra ella.

E Simão replicára:

— E que lhe diz o coração a meu respeito, Marianna? Os meus trabalhos ficarão aqui?

— Vou-lhe dizer a verdade, senhor Simão... mas não digo...

— Diga que lh'o peço, porque tenho fé no bom anjo que fala em sua alma. Diga...

— Pois sim... o meu coração diz-me que os seus trabalhos ainda estão no começo...

Simão ouviu-a attentamente e não respondeu. Assombrou-lhe o animo esta ideia tôrva, e affrontosa á singela rapariga: — «Pensará ella em me desviar de Thereza, para se fazer amar?»

Pensava assim quando chegou o ferrador.

— Aqui estou de volta — disse elle com semblante festivo. — Sua mãe mandou-me chamar...

— Já sei... E como soube ella que eu estava aqui?

— Ella sabia que o fidalgo estivera cá: mas cuidava que vossa senhoria já tinha ido para Coimqra. Quem lh'o disse não sei, nem perguntei; porque a uma pessoa de respeito não se fazem perguntas. Dizia ella que sabia o fim a que o senhor viera esconder-se aqui. Ralhou alguma coisa: mas eu, cá como pude, accommodei-a, e não ha novidade. Perguntou-me o que estava o menino fazendo aqui depois que a fidalguinha fôra para o convento. Disse-lhe que vossa senhoria estava adoen-

tado de uma queda que dera do cavallo abaixo. Tornou ella a perguntar-me se o senhor tinha dinheiro; e eu disse que não sabia. E vae ella foi dentro, e voltou d'ahi a pouco com este embrulho, para eu lhe entregar. Ahi o tem tal e qual; não sei quanto é.

—E não me escreveu?

—Disse que não podia ir á escrivaninha, porque estava lá o senhor corregedor—respondeu com firmeza mestre João—e tambem recommendou que não lhe escrevesse vossa senhoria senão de Coimbra, porque, se seu pae soubesse que o menino cá estava, ia tudo razo lá em casa. Ora ahi está.

—E não lhe falou nos criados de Balthazar?

—Nem um pio!... Lá na cidade ninguem já falava nisso hoje.

—E que lhe disse da senhora D. Thereza?

—Nada, senão que ella fôra para o convento. Agora deixe-me ir amantar a egua, que está a escorrer em fio. Ó rapariga, traze-me cá a manta.

Emquanto Simão contava onze moedas menos um quartinho, maravilhado da estranha liberalidade, Marianna, abraçando o pae no repartimento vizinho da casa, exclamava:

—Arranjou muito bem a mentira!

—Ó rapariga, quem mentiu foste tu! Aquillo lá o arranjaste tu com essa tua cabecinha! Mas a coisa sahiu ao pintar, eim? Elle comeu-a que nem confeitos! Anda lá, que ficaste sem os bezerros

mas lá virá tempo em que elle te dê bois a troco de bezerros.

— Eu não fiz isto por interesse, meu pae... — atalhou ella resentida.

— Olha o milagre! isso sei eu: mas, como diz lá o dictado: quem semeia colhe.

Marianna quedou pensativa, e dizendo entre si: — Ainda bem que elle não póde pensar de mim o que meu pae pensa. Deus sabe que não tenho esperanças nenhumas interesseiras no que fiz.

Simão chamou o ferrador, e disse-lhe:

— Meu caro João, se eu não tivesse dinheiro, acceitava sem repugnancia os seus favores e creio que vocemecê m'os faria sem esperança de ganhar com elles; mas, como recebi esta quantia, ha de consentir que lhe dê parte d'ella para os meus alimentos. Motivos de gratidão a dividas que se não pagam, ainda me ficam muitos para nunca me esquecer de si, e da sua boa filha. Tome este dinheiro.

— As contas fazem-se no fim — respondeu o ferrador, retirando a mão — e ninguem nos ha de ouvir, se Deus quizer. Precisando eu de dinheiro, cá venho. Por ora, ainda está a capoeira cheia de gallinhas, e o pão coze-se todas as semanas.

— Mas acceite — instou Simão — e dê-lhe a applicação que quizer.

— Em minha casa ninguem dá leis senão eu — replicou mestre João, com simulado enfadamento. — Guarde lá o seu dinheiro, fidalgo, e não falêmos

mais nisso, so quer que o negocio vá direito até ao fim. *E victo sério!*

Nos cinco subsequentes dias recebeu Simão regularmente cartas de Thereza, umas resignadas e confortadoras, outras escriptas na violencia exasperada da saudade. Em uma dizia:

«Meu pae deve saber que estás ahi, e emquanto «ahi estiveres, de certo me não tira do convento. «Seria bom que fosses para Coimbra, e deixassemos «esquecer a meu pae os ultimos acontecimentos. «Senão, meu querido esposo, nem elle me dá liber«dade, nem sei como hei de fugir deste inferno. «Não fazes ideia do que é um convento! Se eu pu«desse fazer do meu coração sacrificio a Deus, te«ria de procurar uma atmosphera menos viciosa «que esta. Creio que em toda a parte se póde orar «e ser virtuosa, menos neste convento.»

Noutra carta exprimia-se assim: «Não me des«ampares, Simão; não vás para Coimbra. Eu re«ceio que meu pae me queira mudar d'este con«vento para outro mais rigoroso. Uma freira me «disse que eu não ficava aqui; outra positivamente «me affirmou que o pae diligenceia a minha ida «para um mosteiro do Porto. Sobre tudo, o que «me aterra, mas não me dobra, é saber eu que o «intento do pae é fazer-me professar. Por mais que «imagine violencias e tyrannias, nenhuma vejo ca«paz de me arrancar os votos. Eu não posso pro«fessar sem ser noviça um anno, e ir a perguntas «trez vezes; hei de responder sempre que não. Se

«eu pudesse fugir d'aqui... Hontem fui á cêrca, «e vi lá uma porta de carro que dá para o caminho. Soube que algumas vezes aquella porta se «abre para entrarem carros de lenha; mas infelizmente não se torna a abrir até ao principio do «inverno. Se não puder antes, meu Simão, fugirei «nesse tempo.»

Tiveram, entretanto, bom e prompto exito as diligencias de Thadeu de Albuquerque. A prelada de Monchique, religiosa de summas virtudes, cuidando que a filha de seu primo, muito de sua devoção e amor a Deus se recolhia ao mosteiro, preparou-lhe casa, e congratulou-se com a sobrinha de tão piedosa resolução. A carta congratulatoria não a recebeu Thereza, porque viera á mão de seu pae. Continha ella reflexões tendentes a desvanecêl-a do proposito, se algum desgosto passageiro a impellia á imprudencia de procurar um refugio onde as paixões se exacerbavam mais.

Tomadas todas as precauções, Thadeu de Albuquerque fez avisar sua filha de que sua tia de Monchique a queria ter em sua companhia algum tempo, e que a jornada se faria na madrugada do dia seguinte.

Thereza, quando recebeu a surprehendente nova já tinha enviado a carta d'aquelle dia a Simão. Em sua afflicta perplexidade, resolveu fazer-se doente, e tão febril estava das commoções, que dispensava o artificio. O velho não queria transigir com

a doença; mas o medico do mosteiro reagiu contra a deshumanidade do pae e da prioreza, interessada na violencia. Quiz Thereza nessa noite escrever a Simão; mas a criada da prelada, obedecendo ás suspeitas da ama, não desamparou a cabeceira do leito da enferma. Era causa a esta espionagem ter dito a escrivan, numa hora de má digestão d'aquelle certo vinho estomacal, que Thereza passava as noites em oração mental, e tinha correspondencia com um anjo do céo por intervenção d'uma mendiga. Algumas religiosas tinham visto a mendiga no páteo do convento esperando a esmola de Thereza; mas cuidaram que era aquella pobre uma devoção da menina. As palavras ironicas da escrivan foram commentadas, e a mendiga recebeu ordem de sahir da portaria. Thereza, num impeto de angustia, quando tal soube, correu a uma janella, e chamou a pobre, que se retirava assustada, e lançou-lhe ao páteo um bilhete com estas palavras: «E' impossivel a nossa correspondencia. Vou ser tirada d'aqui para outro convento. Espera em Coimbra noticias minhas.» Isto foi rapidamente ao conhecimento da prioreza, e logo, ás ordens d'ella, partiu o hortelão no encalço da pobre. O hortelão seguiu-a até fóra de portas, espancou-a, tirou-lhe o bilhete, e foi do convento apresentál-o a Thadeu de Albuquerque. A mendiga não retrocedeu; caminhou a casa do ferrador e contou a Simão o acontecido.

Simão lançou-se fóra do leito e chamou João da Cruz. Naquelle apêrto queria ouvir uma voz,

queria poder chamar amigo a um homem, que lhe estendesse mão capaz de apertar o cabo d'um punhal. O ferrador ouviu a historia e deu o seu voto: «esperar até vêr». Simão repelliu a prudencial frieza do confidente, e disse que partia para Vizeu immediatamente.

Marianna estava ali; ouvira a confidencia, e achára acertada a opinião de seu pae. Vendo, porém, a impaciencia do hospede, pediu licença para falar onde não era chamada, e disse:

—Se o senhor Simão quer, eu vou á cidade e procuro no convento a Brito, que é uma rapariga minha conhecida, moça d'uma freira, e dou-lhe uma carta sua para entregar á fidalga.

—Isso é possivel, Marianna?—exclamou Simão, a ponto de abraçar a moça.

—Pois então!—disse o ferrador—o que póde fazer-se, faz-se. Vae-te vestir, rapariga, que eu vou botar o albardão á egua.

Simão sentou-se a escrever. Tão embaralhadas lhe acudiam as ideias, que não atinava a formar o designio mais proveitoso á situação de ambos. Ao cabo de longa vacillação, disse a Thereza que fugisse, á hora do dia, quando a porta estivesse aberta ou violentasse a porteira a abrir-lh'a. Dizia-lhe que marcasse ella a hora do dia seguinte em que elle a devia esperar com cavalgaduras para a fuga. Em recurso extremo, promettia assaltar com homens armados o mosteiro, ou incendiál-o para se abrirem as portas. Este programma era o mais pa-

recido com o espirito do academico. Em vivo fogo ardia aquella pobre cabeça! Fechada a carta, começou a passear em torcicollos, como se obedecesse a desencontrados impulsos. Encravava as unhas na cabeça, e arrancava os cabellos. Investia como cégo contra as paredes, e sentava-se um momento para erguer-se de mais furioso impeto. Machinalmente aferrava das pistolas, e sacudia os braços vertiginosos. Abria a carta para relêl-a, e estava a ponto de rasgál-a, cuidando que iria tarde, ou não lhe chegaria ás mãos. Neste conflicto de contrarios projectos, entrou Marianna, e muito allucinado devia de estar Simão para lhe não vêr as lagrimas.

O que tu soffrias, nobre coração de mulher pura! Se o que fazes por esse moço é gratidão ao homem que salvou a vida de teu pae, que rara virtude a tua! Se o amas, se por lhe dar allivio ás dôres tu mesma lhe desempeces o caminho por onde te elle ha de fugir para sempre, que nome darei ao teu heroismo! que anjo te fadou o coração para a santidade d'esse obscuro martyrio!

— Estou prompta, disse Marianna.

— Aqui tem a carta, minha boa amiga. Faça muito por não vir sem resposta — disse Simão dando-lhe com a carta um embrulho de dinheiro.

— E o dinheiro tambem é para a senhora? — disse ella.

— Não, é para si, Marianna: compre um annel.

Marianna tomou a carta e voltou rapidamente

as costas para que Simão lhe não visse o gosto de despeito, senão desprezo.

O academico não ousou insistir vendo-a apressar-se na descida para o quinteiro, onde o ferrador enfreava a egua.

—Não lhe chegues muito com a vara—disse João da Cruz a Marianna, que, d'um pulo, se assentou no albardão, coberto d'uma colcha escarlate.—Tu vais amarella como cidra, moça!—exclamou elle reparando na pallidez da filha—Tu que tens?

—Nada; que hei de eu ter?! dê-me cá a vara, meu pae.

A egua partiu a galope, e o ferrador, no meio da estrada, a revêr-se na filha e na egua, dizia em soliloquio, que Simão ouvira:

—Vales tu mais, rapariga, que quantas fidalgas tem Vizeu! Pela mais pintada não dava eu a minha egua; e, se cá viesse o Miramolim de Marrocos pedir-me a filha, os diabos me levem se eu lh'a dava! Isto é que são mulheres, e o mais é uma historia!

X

Apeou Marianna defronte do mosteiro, e foi á portaria chamar a sua amiga Brito.

—Que boa moça!—disse o padre capellão, que estava no raro lateral da porta, praticando com a

prioreza, ácerca da salvação das almas, e d'umas ancoretas de vinho do Pinhão, que elle recebêra naquelle dia, e do qual já tinha engarrafado um almude para tonizar o estomago da prelada.

— Que boa moça! — tornou elle, com um olho nella e outro no raro, onde a ciumosa prioreza se estava mordendo.

— Deixe lá a moça, e diga quando ha de ir a servente buscar o vinho.

— Quando quizer, senhora prioreza; mas repare bem nos olhos, no feitio, naquelle todo da rapariga!

— Pois repare o senhor padre João — replicou a freira — que eu tenho mais que fazer.

E retirou-se com o coração mal ferido, e o queixo superior escorrendo lagrimas... de simonte.

— D'onde é vocemecê? — disse brandamente o padre capellão.

— Sou da aldeia — respondeu Marianna.

— Isso vejo eu; mas de que aldeia é?

— Não me confesso agora.

— Mas não faria mal se se confessasse a mim, menina, que sou padre...

— Bem vejo.

— Que mau genio tem!...

— É isto que vê.

— Quem procura cá no convento?

— Já disse lá para dentro quem procuro.

— Marianna! és tu?! Anda cá!

A moça fez uma cortezia de cabeça ao padre capellão, e foi ao locutorio d'onde vinha aquella voz.

— Eu queria falar comtigo em particular, Joaquina — disse Marianna.

— Eu vou vêr se arranjo uma grade: espera ahi.

O padre tinha sahido do pateo, e Marianna, emquanto esperava, examinou, uma a uma, as janellas do mosteiro. Numa das janellas, através das rechas de ferro, viu ella uma senhora sem habito.

— Será aquella? — perguntou Marianna ao seu coração, que palpitava — Se eu fosse amada como ella!...

— Sobe aquellas escadinhas, Marianna, e entra na primeira porta do corredor, que eu lá vou — disse Joaquina.

Marianna deu alguns passos, olhou novamente para a janella onde vira a senhora sem habito, e repetiu ainda:

— Se eu fosse amada como ella!...

Mal entrou na grade, disse á sua amiga:

— Olha lá, Joaquina, quem é uma menina muito branca, alva como leite, que estava ali agora numa janella?

— Seria alguma noviça, que ha duas cá muito lindas.

— Mas ella não tinha vestimenta nenhuma de freira.

— Ah! já sei; é a D. Therezinha d'Albuquerque.

— Então não me enganei — disse Marianna pensativa.

— Pois tu conhécel-a?

—Não; mas por amor d'ella, é que eu cá vim falar comtigo.

—Então que é?! Que tens tu com a fidalga?

—Eu, cá por mim, nada; mas conheço uma pessoa que lhe quer muito.

—O filho do corregedor?

—Esse mesmo.

—Mas esse está em Coimbra.

—Não sei se está, nem se não. Fazes-me tu um favor?

—Se eu puder...

—Pódes... Eu queria falar com ella.

—Ó dianho! isso não sei se poderá ser, porque a trazem as freiras debaixo d'olho e ella vai-se embora amanhan.

—Para onde vai?

—Vai para outro convento, não sei se de Lisboa, se do Porto. Os bahus já estão preparados, e ella está morta por sahir. E tu que lhe queres?

—Não t'o posso dizer, porque não sei... Queria dar-lhe um papel... Faze com que ella cá venha, que eu dou-te chita para um vestido.

—Como tu estás rica, Marianna!...—atalhou, rindo, Joaquina.—Eu não quero a tua chita, rapariga. Se eu puder dizer-lhe que venha, sem que alguem me ouça, digo-lh'o. E agora é boa maré, porque tocou ao côro... Deixa-me lá ir...

Joaquina sahiu-se bem da difficil commissão. Thereza estava sósinha, absorvida a scismar com os olhos fitos no ponto onde vira Marianna.

— A menina faz favor de vir commigo depressinha? — disse-lhe a criada.

Seguiu-a Thereza, e entrou na grade, que Joaquina fechou dizendo:

— O mais breve que possa bata por dentro para eu lhe abrir a porta. Se perguntarem por vossa excellencia, digo-lhe que a menina está no mirante.

A voz de Marianna tremia, quando D. Thereza lhe perguntou quem era.

— Sou uma portadora d'esta para vossa excellencia.

— É de Simão! exclamou Thereza.

— Sim, minha senhora.

A recluza leu convulsiva a carta duas vezes, e disse:

— Eu não posso escrever-lhe que me roubaram o meu tinteiro, e ninguem me empresta um. Diga-lhe que vou de madrugada para o convento de Monchique do Porto. Que se não afflija, porque eu sou sempre a mesma. Que não venha cá, porque isso seria inutil, e muito perigoso. Que vá ver-me ao Porto, que hei de arranjar modo de lhe falar. Diga-lhe isto, sim?

— Sim, minha senhora.

— Não se esqueça, não? Vir cá, por modo nenhum. É impossivel fugir, e vou muito acompanhada. Vai o primo Balthazar e as minhas primas, e meu pae, e não sei quantos criados de bagagem e das liteiras. Tirar-me no caminho é uma loucura com resultados funestos. Diga-lhe tudo, sim?

Joaquina disse fóra da porta:

— Menina, olhe que a prioreza anda lá por dentro a procurál-a.

— Adeus, adeus — disse Thereza sobressaltada. — Tome lá esta lembrança como prova da minha gratidão.

E tirou do dedo um anel de ouro, que offereceu a Marianna.

— Não acceito, minha senhora.

— Porque não acceita?

— Porque não fiz algum favor a vossa excellencia. A receber alguma paga ha de ser de quem me cá mandou. Fique com Deus, minha senhora, e oxalá que seja feliz.

Sahiu Thereza, e Joaquina entrou na grade.

— Já te vaes embora, Marianna?

— Vou que é pressa; um dia virei conversar comtigo, muito. Adeus, Joaquina.

— Pois não me contas o que isso é? O amor da fidalga está perto d'aqui? Conta, que eu não digo nada, rapariga!...

— Outra vez, outra vez; obrigada, Joaquininha.

Marianna, durante a veloz caminhada, foi repetindo o recado da fidalga· e se alguma vez se distrahia d'este exercicio de memoria, era para pensar nas feições da amada do seu hospede, e dizer, como em segredo, ao seu coração: «Não lhe bastava ser fidalga e rica: é, além de tudo, linda como nunca vi outra!» E o coração da pobre moça, avergando ao que a consciencia lhe ia dizendo, chorava.

Simão, de uma fresta do postigo do seu quarto, espreitava ao longo do caminho, ou escutava a estropeada da cavalgadura.

Ao descobrir Marianna, desceu ao quinteiro, desprezando cautelas e esquecido já do ferimento cuja crise de perigo peorára naquelle dia, que era o oitavo depois do tiro.

A filha do ferrador deu o recado, e sem alteração de palavra. Simão escutára-a placidamente até ao ponto em que lhe ella disse que o primo Balthazar a acompanhava ao Porto.

— O primo Balthazar!... —murmurou elle com um sorriso sinistro — sempre este primo Balthazar cavando a sua sepultura e a minha!...

— A sua, fidalgo! — exclamou João da Cruz — morra elle, que o levem trinta milhões de diabos! mas vossa senhoria ha de viver emquanto eu fôr João. Deixe-a ir para o Porto, que não tem perigo no convento. D'hora a hora Deus melhora. O senhor doutor vae para Coimbra, está por lá algum tempo, e ás duas por tres, quando o velho mal se precatar, a fidalguinha engrampa-o, e é sua tão certo como esta luz que nos allumia.

— Eu hei-de vêl-a antes de partir para Coimbra — disse Simão.

— Olhe que ella recommendou-me muito que não fosse lá — acudiu Marianna.

— Por causa do primo — tornou o academico ironicamente.

— Acho que sim, e por talvez não servir de na-

da lá ir vossa senhoria — respondeu timidamente a moça.

— Lá se quer, — bradou mestre João — a mulher vai-se-lhe tirar ao caminho. Não tem mais que dizer.

— Meu pae! não mêtta este senhor em maiores trabalhos! — disse Marianna.

— Não tem duvida, menina — atalhou Simão — eu é que não quero metter ninguem em trabalhos. Com a minha desgraça, por maior que ella seja, hei de eu lutar sósinho.

João da Cruz, assumindo uma gravidade de que a sua figura raras vezes se ennobrecia, disse:

— Senhor Simão, vossa senhoria não sabe nada do mundo. Não mêtta sósinho a cabeça aos trabalhos, que elles, como o outro que diz, quando pegam de ensarilhar um homem, não lhe deixam tomar fôlego. Eu sou um rustico; mas a bem dizer, estou naquella d'aquelle que dizia que o mal dos seus burrinhos o fizera alveitar. Paixões, que as leve o diabo, e mais quem com ellas engorda. Por causa de uma mulher, ainda que ella seja filha do rei, não se ha de um homem botar a perder. Mulheres ha tantas como a praga, e são como as rans do charco, que mergulha uma, e apparecem quatro á tona d'agua. Um homem rico e fidalgo como vossa senhoria, onde quer topa uma com um palmo de cara como se quer e, um dote de encher o olho. Deixe-a ir com Deus ou com a breca, que ella, se tiver de ser sua, á mão lhe ha de vir dar, tanto faz andar

p'ra trás como p'ra diante; é dictado dos antigos. Olhe que isto não é medo, fidalgo; tome sentido, que João da Cruz sabe o que é pôr dois homens d'uma feita a olhar o sete-estrello, mas não sabe o que é medo. Se o senhor quer sahir á estrada e tirar a tal pessoa ao pae, ao primo, e a um regimento, se fôr necessario, eu vou montar na egua, e d'aqui a tres horas estou de volta com quatro homens, que são quatro dragões.

Simão fitára os olhos chammejantes nos do ferrador, e Marianna exclamára, ajuntando as mãos sobre o seio:

— Meu pae! não lhe dê esses conselhos!...

— Cala-te ahi, rapariga! — disse mestre João — Vai tirar o albardão á egua, amanta-a, e bota-lhe secco. Não és aqui chamada.

— Não vá afflicta, senhora Marianna — disse Simão á moça, que se retirava amargurada. — Eu não aproveito alguns dos conselhos de seu pae. Ouço-o com boa vontade, porque sei que quer o meu bem; mas hei-de fazer o que a honra e o coração me aconselharem.

Ao anoitecer, Simão, como estivesse sósinho, escreveu uma longa carta, da qual extractamos os seguintes periodos:

«Considero-te perdida, Thereza. O sol de ámanhan póde ser que o não veja. Tudo, em volta de «mim, tem uma côr de morte. Parece que o frio da «minha sepultura me está passando o sangue e os «ossos.

«Não posso ser o que tu querias que eu fosse. «A minha paixão não se conforma com a desgraça. «Eras a minha vida: tinha a certeza de que as «contrariedades me não privavam de ti. Só o re«ceio de perder-te me mata. O que me resta do «passado é a coragem de ir buscar uma morte «digna de mim e de ti. Se tens força para uma ago«nia lenta, eu não posso com ella.

«Poderia viver com a paixão infeliz; mas este «rancor sem vingança é um inferno. Não hei de «dar barata a vida, não. Ficarás sem mim, Thereza; «mas não haverá ahi um infame que te persiga de«pois da minha morte. Tenho ciumes de todas as «tuas horas. Has de pensar com muita saudade no «teu esposo do ceu, e nunca tirarás de mim os «olhos da tua alma para vêres ao pé de ti o mise«ravel que nos matou a realidade de tantas espe«ranças formosas.

«Tu verás esta carta quando eu já estiver num «outro mundo, esperando as orações das tuas lagri«mas. As orações! Admiro-me d'esta faisca de fé «que me allumia nas minhas trevas!... Tu dé«ras-me com o amor a religião, Thereza. Ainda «creio; não se apaga a luz que é tua; mas a provi«dencia divina desamparou-me.

«Lembra-te de mim. Vive, para explicares ao «mundo, com a tua lealdade a uma sombra, a ra«zão porque me attrahiste a um abysmo. Escutarás «com gloria a voz do mundo, dizendo que eras di«gna de mim.

«A hora em que lêres esta carta...»

Não o deixaram continuar as lagrimas, nem depois a presença de Marianna. Vinha ella pôr a mesa para a ceia, e, quando desdobrava a toalha, disse em voz abafada, como se a si mesma sómente o dissesse:

—E' a ultima vez que ponho a meza ao senhor Simão em minha casa!

—Porque diz isso, Marianna?

—Porque m'o diz o coração.

D'esta vez, o academico ponderou supersticiosamente os dictames do coração da moça, e com o silencio meditativo deu-lhe a ella a evidencia antecipada do vaticinio.

Quando voltou com a travessa da gallinha, vinha chorando a filha do João da Cruz.

—Chora com pena de mim Marianna? — disse Simão enternecido.

—Choro, porque me parece que o não tornarei a vêr; ou, se o vir, será de modo que oxalá que eu morrêsse antes de o vêr.

—Não será, talvez, assim, minha amiga...

—Vossa senhoria não me faz uma coisa que eu lhe peço?

—Verêmos o que pede, menina.

—Não saia esta noite, nem amanhan.

—Pede o impossivel, Marianna. Hei-de sahir, porque me mataria se não sahisse.

—Então perdôe a minha ousadia. Deus o tenha da sua mão.

A rapariga foi contar ao pae as intenções do academico. Acudiu logo mestre João combatendo a ideia da sahida, com encarecer os perigos do ferimento. Depois, como não conseguisse dissuadil-o, resolveu acompanhál-o. Simão agradeceu a companhia, mas rejeitou-a com decisão. O ferrador não cedia do proposito, e estava já preparando a clavina, e arraçoando com medida dobrada a egua — para o que désse e viésse — dizia elle, quando o estudante lhe disse que, melhor avisàdo, resolvêra não ir a Vizeu, e seguir Thereza ao Porto, passados os dias de convalescença. Facilmente o acreditou João da Cruz; mas Marianna, submissa sempre ao que o seu coração lhe bacorejava, duvidou da mudança, e disse ao pae que vigiasse o fidalgo.

Ás onze horas da noite, ergueu-se o academico e escutou o movimento interior da casa: não ouviu o mais ligeiro ruido, a não ser o rangido da egua na manjedoura. Escorvou de polvora nova as duas pistolas. Escreveu um bilhete subrescriptado a João da Cruz e ajuntou á carta que escrevêra a Thereza. Abriu as portas da janella do seu quarto, e passou d'alli para a varanda de pau, da qual o salto á estrada era sem risco. Saltou, e tinha dado alguns passos, quando a fresta, lateral á porta da varanda se abriu, e a voz de Marianna lhe disse:

— Então adeus, senhor Simão. Eu fico pedindo a Nossa Senhora que vá na sua companhia.

O academico parou, e ouviu a voz intima que lhe dizia «O teu anjo da guarda fala pela bôca

d'aquella mulher, que não tem mais intelligencia que a do coração allumiado pelo seu amor.»

— Dê um abraço em seu pae, Marianna — disse Simão — e adeus...—até logo, ou...

— Até ao juizo final... — atalhou ella.

— O destino ha de cumprir-se... Seja o que o céo quizer.

Tinha Simão desapparecido nas trevas, quando Marianna accendeu a lampada do santuario, e ajoelhou orando com o fervor das lagrimas.

Era uma hora, e estava Simão defronte do convento, contemplando uma a uma as janellas. Em nenhuma vira clarão de luz; luz só a do lampadario do Sacramento se coava baça e pallida na vidraça d'uma fresta do templo. Sentou-se nas escaleiras da igreja, ouviu ali, immovel, as quatro horas. Das mil visões que lhe relancearam no atribulado espirito, a que mais a miudo se repetia era a de Marianna supplicante, com as mãos postas; mas, ao mesmo tempo, cria elle ouvir os gemidos de Thereza, torturada pela saudade, pedindo ao céo que a salvasse das mãos de seus algozes. O vulto de Thadeu de Albuquerque, arrastando a filha a um convento, não lhe afogueava a sêde da vingança; mas cada vez que lhe acudia á mente a imagem odiosa de Balthazar Coutinho, instinctivamente as mãos do academico se asseguravam da posse das pistolas.

Ás quatro horas e um quarto, acordou a natureza toda em hymnos e acclamações ao radiar da

alva. Os passarinhos trinavam na cerca do mosteiro melodias interrompidas pelo toque solemne das Ave-Marias na torre. O horizonte passára de escarlate a alvacento. A purpura da aurora, como lavareda enorme, desfizera-se em particulas de luz, que ondeavam no declive das montanhas, e se distendiam nas planicies e nas varzeas, como se o anjo do Senhor, á voz de Deus, viesse desenrolando aos olhos da creatura as maravilhas do repontar d'um dia estivo.

E nenhuma d'estas galas do céo e da terra enlevava os olhos do moço poeta !

Ás quatro horas e meia, ouviu Simão o tinido de liteiras, dirigindo-se áquelle ponto. Mudou de local, tomando por uma rua estreita, fronteira ao convento.

Pararam as liteiras vasias na portaria, e logo depois chegaram tres senhoras vestidas de jornada, que deviam ser as irmãos do Balthazar, acompanhadas de dois mochilas com as mulas á redea. As damas foram sentar-se nos bancos de pedra, lateraes á portaria. Em seguida abriu-se a grossa porta, rangendo nos gonzos, e as tres senhoras entraram.

Momentos depois, viu Simão chegar á portaria Thadeu de Albuquerque encostado ao braço de Balthazar Coutinho. O velho denotava quebranto e desfallecimento a espaços. O de Castro d'Aire, bem composto de figura e caprichosamente vestido á castelhana, gesticulava com o aprumo de quem

dá as suas irrefutaveis razões, e consola tomando a riso a dôr alheia.

— Nada de lamurias, meu tio! — dizia elle — Desgraça seria vêl-a casada! Eu prometto-lhe antes de um anno restituir-lh'a curada. Um anno de convento é um optimo vomitorio do coração. Não ha nada como isso para limpar o sarro do vicio em corações de meninas creadas á discreção. Se meu tio a obrigasse, desde menina, a uma obediencia cega, tel-a-ia agora submissa, e ella não se julgaria autorisada a escolher marido.

— Era uma filha unica, Balthazar! — dizia o velho, soluçando.

— Pois por isso mesmo — replicou o sobrinho — Se tivesse outra, ser-lhe-ia menos sensivel a perda, e menos funesta a desobediencia. Faria a sua casa na filha mais querida, embora tivesse de impetrar uma licença régia para desherdar a primogenita. Assim, agora, não lhe vejo outro remedio senão empregar o cauterio á chaga: com emplastros é que se não faz nada.

Abriu-se novamente a portaria, e sahiram as tres senhoras, e após ellas Thereza.

Thadeu enxugou as lágrimas, e deu alguns passos a saudar a filha, que não ergueu do chão os olhos.

— Thereza... — disse o velho.

— Aqui estou, senhor — respondeu a filha, sem o encarar.

— Ainda é tempo — tornou Albuquerque

— Tempo de que?

— Tempo de sêres boa filha.

— Não me accusa a consciencia de o não ser.

— Ainda mais?!... Queres ir para tua casa, e esquecer o maldito que nos faz a todos desgraçados?

— Não, meu pae. O meu destino é o convento. Esquecêl-o nem por morte. Serei filha desobediente, mas mentirosa é que nunca.

Thereza, circumvagando os olhos, viu Balthazar, e estremeceu, exclamando:

— Nem aqui!

— Fala commigo, prima Thereza? — disse Balthazar, risonho.

— Comsigo falo! Nem aqui me deixa a sua odiosa presença?

— Sou um dos criados que minha prima leva em sua companhia. Dois tinha eu ha dias, dignos de acompanharem a minha prima; mas esses houve ahi um assassino que m'os matou. Á falta d'elles, sou eu que me offereço.

— Dispenso-o da delicadeza — atalhou Thereza, com vehemencia.

— Eu é que me não dispenso de a servir, á falta dos meus dois fieis criados, que um scelerado me matou.

— Assim devia ser — tornou ella tambem ironica — porque os cobardes escondem-se nas costas dos criados, que se deixam matar.

— Ainda se não fizeram as contas finaes... minha querida prima — redarguiu o morgado.

Este dialogo correu rapidamente, emquanto Thadeu de Albuquerque cortejava a prioreza e outras religiosas. As quatro senhoras, seguidas de Balthazar, tinham sahido do atrio do convento, e deram de rosto em Simão Botelho, encostado á esquina da rua fronteira.

Thereza viu-o... adivinhou-o, primeiro de todas, e exclamou:

— Simão!

O filho do corregedor não se moveu.

Balthazar, espavorido do encontro, fitando os olhos nelle, duvidára ainda.

— É crivel que este infame aqui viesse! — exclamou o de Castro d'Aire.

Simão deu alguns passos, e disse placidamente:

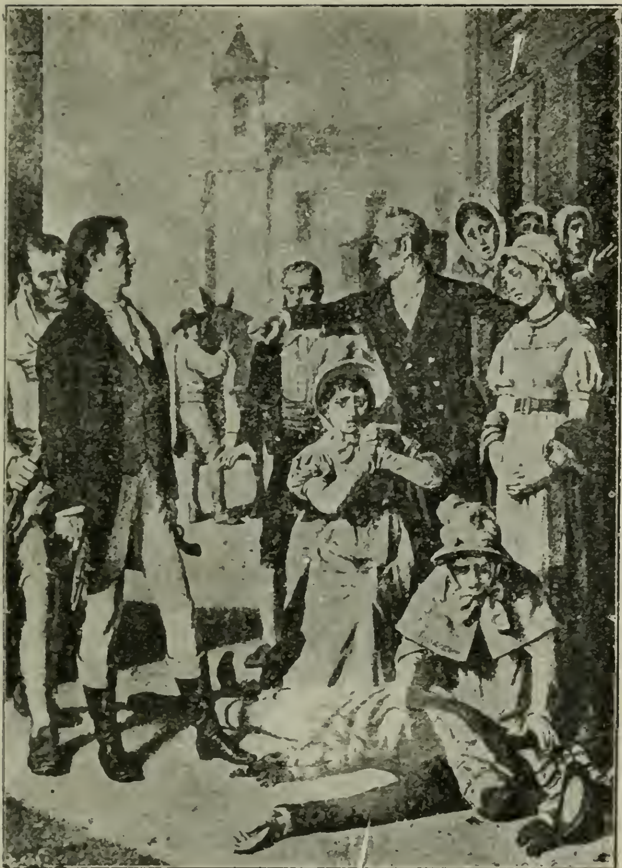
— *Infame!*... eu! e porquê?

— Infame, e infame assassino! — replicou Balthazar. — Já fora da minha presença!

— É parvo este homem! — disse o academico — Eu não discuto com sua senhoria... Minha senhora — disse elle a Thereza com a voz commovida e o semblante alterado unicamente pelos affectos do coração. — Soffra com resignação, da qual eu lhe estou dando um exemplo. Leve a sua cruz, sem amaldiçoar a violencia, e bem póde ser que a meio caminho do seu calvario a misericordia divina lhe redobre as forças.

— Que diz esse patife? — Exclamou Thadeu.

— Vem aqui insultál-o, meu tio! — respondeu



Assassinato de Balthazar Coutinho

(Pag. 125)

Balthazar. — Tem a petulancia de se apresentar a sua filha a confortál-a na sua malvadez! Isto é de mais! Olhe que eu esmago-o aqui, seu villão.

— Villão é o desgraçado que me ameaça, sem ousar avançar para mim um passo — redarguiu o filho do corregedor.

— Eu não o tenho feito — exclamou enfurecidamente Balthazar — por entender que me avilto, castigando-o, na presença do criados de meu tio, que tu pódes suppôr meus defensores, canalha!

— Se assim é — tornou Simão, sorrindo — espero nunca me encontrar de rosto com sua senhoria. Reputo-o tão cobarde, tão sem dignidade, que o hei de mandar azorragar pelo primeiro mariola das esquinas.

Balthazar Coutinho lançou-se de impeto a Simão. Chegou a apertar-lhe a garganta nas mãos; mas depressa perdeu o vigor dos dedos. Quando as damas chegaram a interpôr-se entre os dois, Balthazar tinha o alto do craneo aberto por uma bala, que lhe entrára na fronte. Vacillou um segundo, e cahiu desamparado aos pés de Thereza.

Thadeu de Albuquerque gritava a altos brados. Os liteireiros e criados rodearam Simão, que conservava o dedo no gatilho da outra pistola. Animados uns pelos outros e pelos brados do velho, iam lançar-se ao homicida, com risco de vida quando um homem, com um lenço pela cara, correu da rua fronteira, e se collocou, de bacamarte aperrado, á beira de Simão. Estacaram os homens.

— Fuja, que a egua está ao cabo da rua — disse o ferrador ao seu hospede.

— Não fujo... Salve-se, e depressa — respondeu Simão.

— Fuja, que se ajunta o povo e não tardam ahi soldados.

— Já lhe disse que não fujo — replicou o amante de Thereza, com os olhos postos nella, que cahira desfalecida sobre as escadas da igreja.

— Está perdido — tornou João da Cruz.

— Já o estava. Vá-se embora, meu amigo, por sua filha lh'o rogo. Olhe que pode ser-me util; fuja...

Abriam-se todas as portas e janellas, quando o ferrador se lançou na fuga, até cavalgar a egua.

Um dos visinhos do mosteiro, que, em razão do seu officio, primeiro sahiu á rua, era o meirinho geral.

— Prendam-no, prendam-no, que é o matador! — exclamava Thadeu de Albuquerque.

— Qual? — perguntou o meirinho geral.

— Sou eu — respondeu o filho do corregedor.

— Vossa senhoria! — disse o meirinho espantado; e, aproximando-se, accrescentou a meia voz — venha, que eu deixo-o fugir.

— Eu não fujo — tornou Simão. — Estou preso. Aqui tem as minhas armas.

E entregou as pistolas.

Thadeu de Albuquerque, quando se recobrou do espasmo, fez transportar a filha a uma das litei-

ras, e ordenou que dois criados a acompanhassem ao Porto.

As irmans de Balthazar seguiram o cadaver de seu irmão para casa de seu tio.

XI

O corregedor acordára com um grande reboliço que ia na casa, e perguntou á esposa, que elle suppunha tambem desperta na camara immediata, que bulha era aquella. Como ninguem lhe respondesse, sacudiu freneticamente a campainha, e berrou ao mesmo tempo, aterrado pela hypothese de incendio na casa. Quando D. Rita acudiu, já elle estava enfiando os calções ás avessas.

—Que estrondo é este? quem é que grita?—exclamou Domingos Botelho.

—Quem grita mais é o senhor—respondeu D. Rita.

—Sou eu?! Mas quem é que chora?

—São suas filhas.

—E porque? Diga numa palavra.

—Pois sim, direi; o Simão matou um homem.

—Em Coimbra?... E fazem tanta bulha por isso!

—Não foi em Coimbra, foi em Vizeu – tornou D. Rita.

—A senhora manga commigo?! Pois o rapaz

está em Coimbra, e mata em Vizeu! Ahi está um caso para que as Ordenações do Reino não providenciaram.

—Parece que brinca, Menezes! Seu filho matou na madrugada de hoje Balthazar Coutinho, sobrinho de Thadeu de Albuquerque.

Domingos Botelho mudou inteiramente de aspecto.

—Foi preso? — perguntou o corregedor.

—Está em casa do juiz de fóra.

—Mande-me chamar o meirinho geral. Sabe como foi e por que foi essa morte?... Mande-me chamar o meirinho sem demora.

—Porque se não veste o senhor e vai a casa do juiz.

—Que vou eu fazer a casa do juiz?

—Saber de seu filho como isto foi.

—Eu não sou pae: sou corregedor. Não me incumbe a mim interrogál-o. Senhora D. Rita, eu não quero ouvir choradeiras; diga ás meninas que se calem, ou que vão chorar no quintal.

O meirinho chamado relatou miudamente o que sabia, e disse ter-se verificado que o amor á filha do Albuquerque fôra causa d'aquelle desastre.

Domingos Botelho, ouvida a historia, disse ao meirinho:

—O juiz de fóra que cumpra as leis. Se elle não fôr rigoroso, eu o obrigarei a sêl-o.

Ausente o meirinho, disse D. Rita Preciosa ao marido:

— Que significa esse modo de falar de seu filho?

— Significa que sou corregedor d'esta comarca, e que não protejo assassinos por ciumes, e ciumes da filha de um homem que eu detesto. Eu antes queria vêr mil vezes morto Simão, que ligado a essa familia. Escrevi-lhe muitas vezes dizendo-lhe que o expulsava de minha casa, se alguem me désse a certeza de que elle tinha correspondencia com tal mulher. Não ha de querer a senhora que eu vá sacrificar a minha integridade a um filho rebelde, e de mais a mais homicida.

D. Rita, algum tanto por affecto maternal e bastante por espirito de contradição, contendeu largo espaço; mas desistiu, obrigada pela insolita pertinacia e cólera do marido. Tão iracundo e áspero em palavras nunca o ella vira. Quando lhe elle disse: «Senhora, em coisas de pouca monta o seu dominio era toleravel; em questões de honra, o seu dominio acabou: deixe-me!» D. Rita, quando tal ouviu, e reparou na physionomia de Domingos Botelho, sentiu-se mulher, e retirou-se.

A ponto foi isto de entrar o juiz de fóra na sala de espera. O corregedor foi recebêl-o, não com o semblante affectuoso de quem vai agradecer a delicadeza e implorar indulgencia, senão que, de carrancudo que ia, mais parecêra ir elle reprehender o juiz, por vir naquella visita dar a crer que a balança da justiça na sua mão tremia algumas vezes.

— Começo por dar a vossa senhoria os pezames da desgraça de seu filho — disse o juiz de fóra.

— Obrigado a vossa senhoría. Sei tudo. Está instaurado o processo?

— Não podia deixar eu de acceitar a querella.

— Se a não acceitasse, obrigal-o-hia eu ao cumprimento dos seus deveres.

— A situação do senhor Simão Botelho é pessima. Confessa tudo. Diz que matou o algoz da mulher que elle amava...

— Fez muito bem — interrompeu o corregedor, soltando uma casquinada sêcca e rouca.

— Perguntei-lhe se foi em defesa, e fiz-lhe signal que respondesse affirmativamente. Respondeu que não; que, a defender-se, o faria com a ponta da bota e não com um tiro. Busquei todos os modos honestos de o levar a dar algumas respostas que denotassem allucinação ou demencia; elle, porém, responde e replica com tanta igualdade e presença de espirito, que é impossivel suppôr que o assassinio não foi perpetrado muito intencionalmente e de claro juizo. Aqui tem vossa senhoria uma especialissima e triste posição. Queria valer-lhe e não posso.

— E eu não posso nem quero, senhor doutor juiz de fóra. Está na cadeia?

— Ainda não: está em minha casa. Venho saber se vossa senhoria determina que lhe seja preparada com decencia a prisão.

— Eu não determino nada. Faça de conta que o prêso Simão não tem aqui parente algum.

— Mas, senhor doutor corregedor — disse o juiz

de fóra com tristeza e compunção — vossa senhoria é pae.

— Sou um magistrado.

— É demasiada a severidade, perdôe-me a reflexão, que é amiga. Lá está a lei para o castigar; não o castigue vossa senhoria com o seu odio. A desgraça quebranta o rancor de estranhos, quanto mais o affectuoso ressentimento de um pae!

— Eu não odeio, senhor doutor; desconheço esse homem de quem me fala. Cumpra os seus deveres, que lh'o ordena o corregedor e o amigo mais tarde lhe agradecerá a delicadeza.

Sahiu o juiz de fóra, e foi encontrar Simão na mesma serenidade em que o deixára.

— Venho de falar com seu pae; — disse o juiz — encontrei-o mais irado do que era natural calcular. Penso que por emquanto nada póde esperar da influencia ou patrocinio d'elle.

— Isso que importa? — respondeu socegadamente Simão.

— Importa muito, senhor Botelho. Se seu pae quizesse, haveria meios de mais tarde lhe adoçar a sentença.

— Que me importa a mim a sentença? — replicou o filho do corregedor.

— Pelo que vejo, não lhe importa ao senhor ir a uma forca?

— Não, senhor.

— Que diz, senhor Simão! — redarguiu espantado o interrogador.

— Digo que o meu coração é indifferente ao destino da minha cabeça.

— E sabe que seu pae não lhe dá mesmo protecção, a protecção das primeiras necessidades na cadêa?

— Não sabia; que tem isso? Que importa morrer de fome, ou morrer no patibulo?

— Porque não escreve a sua mãe? Peça-lhe que...

— Que hei de eu pedir a minha mãe? — atalhou Simão.

— Peça-lhe que amacie a cólera de seu pae, senão o senhor Botelho não tem quem o alimente.

— Vossa senhoria está-me julgando um miseravel, a quem dá cuidado saber onde ha de almoçar hoje. Penso que não incumbem ao senhor juiz de fóra essas miudezas de estomago.

— De certo não — redarguiu irritado o juiz — Faça o que quizer.

E, chamando o meirinho geral, entregou-lhe o réu, dispensando o aguazil de pedir força para acompanhál-o.

O carcereiro recebeu respeitosamente o preso, e alojou-o num dos quartos melhores do carcere; mas nú e desprovido do minimo confôrto.

Um outro prêso emprestou-lhe uma cadeira de pau. Simão sentou-se, cruzou os braços e meditou.

Pouco depois, um criado de seu pae conduziu-lhe o almoço, dizendo-lhe que sua mãe lh'o mandava a occultas, e entregando-lhe uma carta d'ella,

cujo conteúdo importa saber. Simão, antes de tocar no almoço, cujo cabaz estava no pavimento, leu o seguinte:

«Desgraçado, que estás perdido!

«Eu não te posso valer, porque teu pae está ine-«xoravel: Ás escondidas d'elle é que te mando o «almoço, e não sei se poderei mandar-te o jantar!

«Que destino o teu! Oxalá que tivesses morrido «ao nascer!

«Morto me disseram que tinhas nascido; mas o «teu fatal destino não quiz largar a victima. [1]

«Para que sahiste de Coimbra? A que vieste, «infeliz? Agora sei que tens vivido fóra de Coim-«bra ha quinze dias, e nunca tiveste uma palavra «que dissesses a tua mãe!...»

Simão suspendeu a leitura, e disse entre si:

— Como se entende isto?! Pois minha mãe não mandou chamar o João da Cruz?! E não foi ella quem me mandou o dinheiro?

— Olhe que o almoço arrefece, menino! — disse o criado.

---

[1] Esclarece este dizer de D. Rita a certidão de idade de Simão, a qual tenho presente, e é extrahida por Herculano Henrique Garcia Camillo Galhardo, reitor da real igreja da Senhora da Ajuda, do livro 14, a folhas 159, v. Reza assim:

«Aos dois dias do mez de maio de 1784, pôz os santos oleos o reverendo padre cura, João Domingos Chaves, a Simão, o qual foi «baptisado em casa em perigo de vida» pelo reverendo frei Antonio de S. Pelagio, etc.»

Simão continuou a ler, sem ouvir o criado:

«Deves estar sem dinheiro, e eu desgraçada-«mente não posso hoje enviar-te um pinto. Teu ir-«mão Manuel, desde que fugiu para Hespanha, «absorve-me todas as economias. Veremos, passado «algum tempo, o que posso fazer; mas receio bem «que teu pai sáia de Vizeu, e nos leve para Villa «Real, para abandonar de todo o teu julgamento á «severidade das leis.

«Meu pobre Simão! Onde estarias tu escondido «quinze dias?! Hoje mesmo é que teu pae teve carta «d'um lente, participando-lhe a tua falta nas aulas, «e sahida para o Porto, segundo dizia o arreeiro «que te acompanhou. Não posso mais. Teu pae já «espancou a Ritinha, por ella querer ir á cadêa.

«Conta com o pouco valor da tua pobre mãe «ao pé d'um homem enfurecido como está teu «pae.»

Simão Botelho reflectiu alguns minutos, e convenceu-se de que o dinheiro recebido era de João da Cruz. Quando sahiu com o espirito d'esta meditação, tinha os olhos marejados de lagrimas.

— Não chore, menino; — disse o criado — os trabalhos são para os homens e Deus ha de fazer tudo pelo melhor. Almoce, senhor Simão.

— Leva o almoço — disse elle.

— Pois não quer almoçar?!

— Não. Nem voltes aqui. Eu não tenho familia. Não quero absolutamente nada da casa de meus paes. Dize a minha mãe que eu estou socegado,

bem alojado, e feliz, e orgulhoso da minha sorte. Vai-te embora já.

O criado sahiu, e disse ao carcereiro que o seu infeliz amo estava doudo. D. Rita achou provavel a suspeita do servo, e viu a evidencia da loucura nas palavras do filho.

Quando o carcereiro voltou ao quarto de Simão, entrou acompanhado d'uma rapariga camponeza: era Marianna. A filha de João da Cruz, que até áquelle momento não apertava sequer a mão do hospede, correu a elle com os braços abertos, e o rosto banhado de lagrimas. O carcereiro retirou-se, dizendo comsigo: «Esta é bem mais bonita que a fidalga!

— Não quero ver lagrimas, Marianna — disse Simão. — Aqui, se alguem deve chorar sou eu: mas lagrimas dignas de mim, lagrimas de gratidão aos favores que tenho recebido de si e de seu pae. Acabo de saber que minha mãe nunca me mandou dinheiro algum. Era de seu pae aquelle dinheiro que recebi.

Marianna escondeu o rosto no avental com que enxugava o pranto.

— Seu pae teve algum perigo? — tornou Simão em voz só perceptivel d'ella.

— Não, senhor.

— Está em casa?

— Está, e parece furioso. Queria vir aqui, mas eu não o deixei.

— Perseguiu-o alguem?

— Não, senhor.

— Diga-lhe que não se assuste, e vá depressa socegál-o.

— Eu não posso ir sem fazer o que elle me disse. Eu vou sahir, e volto d'aqui a pouco.

— Mande-me comprar uma banca, uma cadeira, e um tinteiro e papel — disse Simão, dando-lhe dinheiro.

— Ha de vir logo tudo; já cá podia estar; mas o pae disse-me que não comprasse nada sem saber se sua familia lhe mandava o necessario.

— Eu não tenho familia, Marianna. Tome o dinheiro.

— Não recebo dinheiro, sem licença de meu pae. Para essas compras trouxe eu de mais. E a sua ferida como estará?

— Ainda agora me lembro que tenho uma ferida! — disse Simão, sorrindo — Deve estar bôa, que não me dóe... Soube alguma coisa de D. Thereza?

— Soube que foi para o Porto. Estavam ali a contar que o pae a mandára metter sem sentidos na liteira, e está muito povo á porta do fidalgo.

— Está bom, Marianna... Não ha desgraçado sem amparo. Vá, pense no seu hospede, seja o seu anjo de misericordia.

Saltaram de novo as lagrimas dos olhos da moça; e por entre soluços, estas palavras:

— Tenha paciencia. Não ha de morrer ao desamparo. Faça de conta que lhe appareceu hoje uma irman.

E, dizendo, tirou das amplas algibeiras um embrulho de biscoutos e uma garrafa de licôr de canella, que depoz sobre a cadeira.

—Mau almoço é; mas não achei outra coisa prompta — disse ella, e sahiu apressada, como para poupar ao infeliz palavras de gratidão.

XII

O corregedor, nesse mesmo dia, ordenou que se preparassem mulher e filhos para no dia immediato sahirem de Vizeu, com tudo que podesse ser transportado em cavalgaduras.

Vou transcrever a singela e dorida reminiscencia d'uma senhora d'aquella familia, como a tenho em carta recebida ha mezes.

«Já lá vão cincoenta e sete annos, e ainda me «lembro, como se fossem hontem passados, os tris«tes acontecimentos da minha mocidade. Não sei «como é que tenho hoje mais clara a memoria das «coisas da infancia. Parece-me que, ha trinta annos, «me não lembravam com tantas circumstancias e «pormenores.»

«Quando a mãe disse a mim e a minhas irmans «que preparassemos os nossos bahús, rompemos «todas num choro que irritou a ira do pae. As ma«nas, como mais velhas ou mais affeitas ao castigo,

«calaram-se logo: eu, porém, que só uma vez, e uni-
«camente por causa de Simão tinha sido castigada,
«continuei a chorar, e tive o innocente valor de
«pedir ao pae que me deixasse ir ver o mano á ca-
«dêa antes de sahirmos de Vizeu.

«Então fui castigada pela segunda vez, e aspe-
«ramente.

«O criado, que levou o jantar á cadêa, voltou
«com elle e contou-nos que Simão já tinha alguns
«moveis no seu quarto, e estava jantando com ex-
«terior socegado. A'quella hora todos os sinos de
«Vizeu estavam dobrando a finados por alma de
«Balthazar.

«Ao pé d'elle, disse o criado que estava uma
«formosa rapariga da aldeia, triste e coberta de la-
«grimas. Apontando-a ao criado que a observava,
«disse Simão: — A minha familia é esta.

«No dia seguinte, ao romper da manhã, parti-
«mos para Villa Real. A mãe chorava sempre; o
«pae, encolerizado por isso, sahiu da liteira em que
«vinha com ella, fez que eu passasse para o seu
«logar, e fez toda a jornada na minha cavalgadura.

«Logo que chegamos a Villa Real, eram tão fre-
«quentes as desordens em casa, á conta de Simão,
«que meu pae abandonou a familia, e foi sósinho
«para a quinta de Montezellos. A mãe quiz tambem
«abandonar-nos, ir para os primos de Lisboa, a
«fim de solicitar o livramento do mano. Mas o pae,
«que fizera uma espantosa mudança de genio, quan-
«do tal soube, ameaçou minha mãe de a obrigar

«judicialmente a não sahir de casa de seu marido e «filhas.

«Escrevia a mãe a Simão, e não recebia res«posta. Pensava ella que o filho não respondia: an«nos depois, vimos entre os papeis de meu pae to«das as cartas que ella escrevêra. Já se vê que o «pae as fazia tirar no correio.

«Uma senhora de Vizeu escreveu á mãe, lou«vando-a pelo muito amor e caridade com que ella «acudia ás necessidades de seu infeliz filho. Esta «carta foi-lhe entregue por um almocreve; quando «não, teria o destino das outras. Espantou-se mi«nha mãe do conceito em que a tinha a sua amiga, «e confessou-lhe que não o tinha soccorrido, porque «o filho rejeitára o pouco que ella quizera fazer em «seu bem. A isto respondeu a senhora de Vizeu «que uma rapariga, filha d'um ferrador, estava vi«vendo nas visinhanças da cadêa, e cuidava do preso «com abundancia e limpeza, e a todos dizia que all «estava por ordem e á custa da senhora D. Rita «Preciosa. Accrescentava a amiga de minha mãe, «que algumas vezes mandára chamar a bella moça e «lhe quizera dar alguns cozinhados mais exquisi«tos para Simão, os quaes ella rejeitava, dizendo «que o senhor Simão não acceitava nada.

«De tempos a tempos recebiamos estas novas, «sempre tristes, porque, na ausencia de meu pae, «conspiraram, como era de esperar, quasi todas as «pessoas distinctas de Vizeu contra o meu desgra«çado irmão.

«A mãe escrevia aos seus parentes da capital «implorando graça régia para o filho; mas aquellas «cartas não sahiram do correio, e iam dar todas á «mão de meu pae.

«E que fazia este, entretanto, na quinta, sem fa«milia, sem gloria, nem recompensa alguma a tantas «faltas? Rodeado de jornaleiros, cultivava aquelle «grande montado aonde ainda hoje, por entre os «tojos e urzes, que voltaram com o abandono, se «podem vêr reliquias de cêpas plantadas por elle. «A mãe escrevia-lhe lastimando o filho; meu pae «apenas respondia que a justiça não era uma brin«cadeira, e que na antiguidade os proprios paes «condemnavam os filhos criminosos. Teve minha «mãe a affoiteza de se lhe apresentar um dia, pe«dindo licença para ir a Vizeu. Meu inexoravel pae «negou-lh'a, e invectivou-a furiosamente.

«Passados sete mezes, soubemos que Simão ti«nha sido condemnado a morrer na forca, levantada «no local onde fizera a morte. Fecharam-se as janel«las por oito dias; vestidos de luto, e minha mãe «cahiu doente.

«Quando isto se soube em Villa Real, todas as «pessoas illustres da terra foram a Montezellos, a «fim de obrigarem brandamente o pae a empregar «o seu valimento na salvação do filho condemnado. «De Lisboa vieram alguns parentes protestar con«tra a infamia, que tamanha ignominia faria recahir «sobre a familia. Meu pae a todos respondia com « estas palavras: — A forca não foi inventada só-

«mente para os que não sabem o nome de seu avô.
«A ignominia das familias são as más acções. A
«justiça não infama senão aquelle que castiga.

«Tinhamos nós um tio-avô, muito velho e ve-
«nerando, chamado Antonio da Veiga. Foi este
«quem fez o milagre, e foi assim: Apresentou-se a
«meu pae e disse-lhe: Guardou-me Deus a vida até
«aos oitenta e tres annos. Poderei viver mais dous
«ou tres? Isto nem já é vida: mas foi-o, e honrada,
«e sem mancha até agora, e já agora ha de assim
«acabar; meus olhos não hão de vêr a deshonra de
«sua familia. Domingos Botelho, ou tu me promettes
«aqui de salvar teu filho da forca, ou eu na tua pre-
«sença me mato. — E dizendo isto, apontava ao pes-
«coço uma navalha de barba. Meu pae teve-lhe mão
«no braço, e disse que Simão não seria enforcado.

«No dia seguinte, foi meu pae para o Porto,
«onde tinha muitos amigos na Relação, e de lá
«para Lisboa. [1]

---

[1] Nalguns papeis que possuimos do corregedor de Vizeu achamos esta carta: «Meu amigo, collega e senhor. «Entregará ao portador d'esta, que é o senhor padre «Manoel de Oliveira, as cincoenta moedas em que lhe «falei na sua passagem para Lisboa. A appellação de seu «filho está a meu cuidado, e está segura, apesar das «grandes forças contrarias. — Seu amigo — O desembarga-«dor, *Antonio José Dias Mourão Mosqueira* — Porto, 11 de «Fevereiro de 1805.» Sobrescripto: Illmo Snr. Dr. Domingos «José Correia Botelho de Mesquita e Menezes — Lisboa.»

(Nota do autor).

«Em principio de Março de 1805, soube minha «mãe, com grande prazer, que Simão fôra removido para as cadêas da Relação do Porto, vencendo os grandes obstaculos que oppuzeram a «essa mudança os queixosos, que eram Thadeu de «Albuquerque e as irmans do morto.

«Depois...»

Suspendemos aqui o extrato da carta, para não anteciparmos a narrativa de successos, que importa, em respeito á arte, atar no fio cortado.

Simão Botelho vira imperturbavel chegar o dia do julgamento. Sentou-se no banco dos homicidas sem patrono, nem testemunhas de defesa. Ás perguntas respondeu com o mesmo animo frio d'aquellas respostas ao interrogatorio do Juiz. Obrigado a explicar a causa do crime, deu-a com toda a lealdade, sem articular o nome de Thereza Clementina de Albuquerque. Quando o advogado da accusação proferiu aquelle nome, Simão Botelho ergueu-se de golpe, e exclamou:

— Que vem aqui fazer o nome de uma senhora a este antro de infamia e sangue? Que miseravel accusador está ahi, que não sabe, com a confissão do réu, provar a necessidade do carrasco sem enlamear a reputação d'uma mulher? A minha accusação está feita: eu a fiz; agora a lei que fale e cale-se o vilão que não sabe accusar sem infamar.

O juiz impoz-lhe silencio. Simão sentou-se, murmurando:

— Miseraveis todos!

Ouviu o reu a sentença de morte natural para sempre na forca, arvorada no local do delicto. E ao mesmo tempo sahiram d'entre a multidão uns gritos dilacerantes. Simão voltou a face para as turbas e disse:

—Ides ter um bello espectaculo, senhores! A forca é a unica festa do povo! Levae d'ahi essa pobre mulher que chora: essa é a creatura unica para quem o meu suplicio não será um passa-tempo.

Marianna foi transportada em braços á sua casinha, na vizinhança da cadêa. Os robustos braços que a levaram eram os de seu pae.

Simão Botelho, quando, em toda a agilidade e força dos dezoito annos, ia do tribunal ao carcere, ouviu algumas vozes que se alternavam d'este modo:

—Quando vai elle a padecer?

—É bem feito! Vai pagar pelos innocentes que o pae mandou enforcar.

—Queria apanhar a morgada á força de balas!

—Não que estes fidalgos cuidam que não é mais senão matar!...

—Matasse elle um pobre, e tu verias como elle estava em casa!

—Tambem é verdade!

—E como elle vai de cara no ar!

—Deixa ir, que não tarda quem lh'a faça cahir ao chão!...

—Dizem que o carrasco já vem pelo caminho.

—Já chegou de noite, e trazia dous cutelos numa coifa.

—Tu viste-o?

—Não; mas disse a minha comadre que lh'o dissera a vizinha do cunhado da irman, e que o carrasco está escondido numa enxovia.

—Tu has de levar os pequenos a vêr o padecente?

—Pudera não! Estes exemplos não se devem perder.

—Eu cá de mim já vi enforcar tres, que me lembre, todos por matadores.

—Por isso tu, ha dois annos, não atiraste com a vida do Amaro Lampreia a casa do diabo!...

—Assim foi; mas, se eu não matasse, matava-me elle.

—Então de que voga o exemplo?!

—Eu sei cá de que voga? O frei Anselmo dos franciscanos é que préga aos paes que levem os filhos a verem os enforcados.

—Isso ha de ser para o não esfolarem a elle, quando elle nos esfola com os peditorios.

Tão desassombrado ia o espirito de Simão, que algumas vezes lhe esvoaçou nos labios um sorriso desafiado pela philosophia do povo, ácerca da forca.

Recolhido ao seu quarto, foi intimado para appellar dentro do prazo legal. Respondeu que não appellava, que estava contente da sua sorte, e de boas avenças com a justiça.

Perguntou por Marianna, e o carcereiro lhe disse que a mandava chamar. Veio João da Cruz,

e a chorar se lastimou de perder a filha, porque a via delirante a falar em forca, e a pedir que a matassem primeiro. Agudissima foi então a dôr do academico ao comprehender, como se instantaneamente lhe fulgurasse a verdade, que Marianna o amava até ao extremo de morrer. Por momentos se lhe esvaiu do coração a imagem de Thereza, se é possivel assim pensá-lo. Vêl-a-ia por ventura como um anjo redimido em serena contemplação do seu Creador; e veria Marianna como o symbolo da tortura, morrer a pedaços, sem instantes de amor remunerado que lhe déssem a glória do martyrio. Uma, morrendo amada; outra, agonisando, sem ter ouvido a palavra «amor» dos labios que escassamente balbuciavam frias palavras de gratidão.

E chorou então aquelle homem de ferro. Chorou lagrimas que valiam bem as amarguras de Marianna.

—Cuide de sua filha, senhor Cruz! — disse Simão com fervente supplica ao ferrador — deixe-me a mim, que estou vigoroso e bom. Vá consolar essa creatura, que nasceu debaixo da minha má estrella. Tire-a de Vizeu; leve-a para sua casa. Salve-a, para que neste mundo fiquem duas irmans que me chorem. Os favores que me tem feito, já agora dispensa-os a brevidade da minha vida. D'aqui a dias mandam-me recolher ao oratorio: bom será que sua filha ignore.

De volta, João da Cruz achou a filha prostrada no pavimento, ferida no rosto, chorando e rindo,

demente em summa. Levou-a amarrada para sua casa, e deixou a cargo de outra pessoa a sustentação do condemnado.

Terribilissimas foram então as horas solitarias do infeliz. Até áquelle dia Marianna, bemquista do carcereiro e protegida pela amiga de D. Rita Preciosa, tinha franca entrada no carcere a toda a hora do dia, e raras horas deixava sósinho o preso. Costurava, emquanto elle escrevia, ou cuidava do amanho e limpeza do quarto. Se Simão estava no leito doente ou prostrado, Marianna, que tivera alguns principios de escripta, sentava-se á banca, e escrevia cem vezes o nome de *Simão,* que muitas vezes as lagrimas deliam. E isto assim, durante sete mezes, sem nunca ouvir nem proferir a palavra amor. Isto assim, depois das vigilias nocturnas, ora em preces, ora em trabalho, ora no caminho de sua casa, onde ia visitar o pae a deshoras.

Nunca mais o preso, na perspectiva da forca, viu entrar aquella dôce creatura o limiar da ferrada porta, que lhe graduava o ar medido e calculado para que as inteiras honras da asphyxia as gozasse o cordel do patibulo. Nunca mais!

E, quando elle avocava a imagem de Thereza, um capricho dos olhos quebrantados lhe afigurava a visão de Marianna ao par da outra. E lagrimosas via as duas. Saltava então do leito, fincava os dedos nos espessos ferros da janella, e pensava em partir o craneo contra as grades.

Não o sustinha a esperança na terra, nem no

céo. Raio de luz divina jámais penetrou no seu ergastulo. O anjo da piedade incarnára naquella creatura celestial, que enlouquecêra, ou voltára para o céo com o espirito d'ella. O que salvava do suicidio não era pois esperança em Deus, nem nos homens; era este pensamento: «A final, *cobarde!* Que bravura é morrer quando não ha esperança de vida?! A forca é um triumpho, quando se encontra ao cabo do caminho da honra.»

XIII

E Thereza?

Perguntam a tempo, minhas senhoras, e não me hei de queixar se me arguirem de a ter esquecido e sacrificado a incidentes de menos porte.

Esquecido, não. Muito ha que me reluz e voeja, alada como o ideal cherubim dos santos, nesta minha quasi escuridade, [1] aquella ave do céo, como a pedir-me que lhe cubra de flores o rastilho de sangue que ella deixou na terra. Mais lagrimas que sangue deixaste, ó filha da amargura! flores são tuas lagrimas, e do céo me diz se os perfumes

---

[1] Este romance foi escripto num dos cubiculos-carceres da Relação do Porto, a uma luz coada por entre ferros, e abafada pelas sombras das abobadas. Anno da Graça de 1861.

d'ellas não valem mais aos pés do teu Deus que as preces de muita devota, que morre santificada pelo mundo, e cujo cheiro de santidade não passa do olfacto hypocrita ou estupido dos mortaes.

Thereza Clementina bem a viram transportada pa escadaria do templo, onde cahira, á liteira que a conduziu ao Porto. Recobrando o alento, viu defronte de si uma criada, que lhe dizia banaes e frias expressões de allivio. Se alguma criada de seu pae lhe era amiga, decerto não aquella, acintemente escolhida pelo velho. Nem ao menos a confiança para a expansão em gritos restava á affligida menina! Mas um raio de piedade ferira subito o peito da mulher até áquella hora desaffecta a sua ama.

Perguntava-se a si mesma Thereza se aquella horrorosa situação seria um sonho! Sentia-se de novo fallecer de forças, e voltava á vida, sacudida pela consciencia da sua desgraça. Condoeu-se a criada, e incitou-a a respirar, chorando com ella, e dizendo-lhe:

— Póde falar, menina, que ninguem nos segue.

— Ninguem?!

— As suas primas ficaram: apenas veem os dois lacaios.

— E meu pae não?

— Não, fidalga... Póde chorar e falar á sua vontade.

— E eu vou para o Porto?

— Vamos, sim, minha senhora.

— E tu viste tudo como foi, Constança?

— Desgraçadamente vi...

— Como foi? Conta-me tudo.

— A menina bem sabe que seu primo morreu.

— Morreu?! Vi-o cahir quasi aos pés; mas...

— Morreu logo, e depois quizeram os criados, á voz de seu pae, prender o senhor Simão; mas elle com outra pistola...

— E fugiu? — atalhou Thereza com vehemente alegria.

— A final foi elle que se deu á prisão.

— Está preso?!

E suffocada pelos soluços, com o rosto no lenço, não ouvia as palavras confortadoras de Constança.

Serenado algum tanto o violento accesso de gemidos e chôro, Thereza suggeriu á criada o louco plano de a deixar fugir da primeira estalagem onde pousassem, para ella ir a Vizeu dar o ultimo adeus a Simão.

A criada a custo a despersuadiu do intento, pintando-lhe os novos perigos que ia accumular á desgraça do seu amante, e animando-a com a esperança de livrar-se Simão do crime, com a influencia do pae, apesar da perseguição do fidalgo.

Calaram lentamente estas razões no espirito de Thereza.

Chorosa, anciada e a revezes desfallecida, foi Thereza vencendo a distancia que a separava de Monchique, onde chegou ao quinto dia de jornada.

A prelada já estava sabedora dos successos, por

emissarios que se adiantaram ao moroso caminhar da liteira.

Foi Thereza recebida com brandura por sua tia, posto que as recomendações de Thadeu de Albuquerque era clausura rigorosa, e absoluta privação de meios de escrever a quem quer que fosse.

Ouviu a prelada da bôca de sua sobrinha a fiel historia dos acontecimentos, e viu uma a uma as cartas de Simão Botelho. Choraram abraçadas; mas a prelada, enxugadas as lagrimas de mulher ao fogo da austeridade religiosa, falou e aconselhou como freira, e freira que ciliciava o corpo com as rosetas, e o coração com as privações tormentosas de quarenta annos.

Thereza carecia de forças para a rebellião. Deixou a sua tia a santa vaidade de exorcismar o demonio das paixões, e deu um sorriso ao anjo da morte, que, de permeio ao seu amor e á esperança, lhe interpunha a aza negra, que tão de luz refulgente rebrilha ás vezes em corações infelizes.

Quiz Thereza escrever.

— A quem, minha filha? — perguntou a prelada.

Thereza não respondeu.

— Escrever-lhe para que? — tornou a religiosa. — Cuidas tu, menina, que as tuas cartas lhe chegam á mão? Que vais tu fazer senão redobrar a ira de teu pae contra ti e contra o infeliz preso! Se o amas, como creio, apesar de tudo, cuida em salvál-o. Se não ouves a minha razão, finge-te esquecida. Se pódes violentar a tua dôr, dissimula

faze muito porque a teu pae chegue a noticia de que lhe serás docil em tudo, se elle tiver piedade do teu pobre amigo.

Não recalcitrou Thereza. Deu outro sorriso ao anjo da morte, e pediu-lhe que a envolvesse a ella, e ao seu amor, e á sua esperança, de todo, na negrura de suas azas.

De mez a mez recebia a abbadessa de Monchique uma carta de seu primo. Eram estas cartas um respiradouro de vingança. Em todas dizia o velho que o assassino iria ao patibulo irremediavelmente. A sobrinha não via as cartas; mas reparava nas lagrimas da compassiva freira.

A debil compleição de Thereza deperecia acceleradamente. A sciencia condemnou-a a morte breve. D'isto foi informado Thadeu de Albuquerque, e respondeu: «Que a não desejava morta; mas, se Deus a levasse, morreria mais tranquillo, e com a sua honra sem mancha.» Era assim immaculada a honra do fidalgo de Vizeu!... a HONRA, que dizem proceder em linha recta da virtude de Socrates, da virtude de Jesus Christo, e da virtude de milhões de martyres, que se deram ás garras das féras, quando predicavam a caridade e o perdão aos homens.

Quantas caricias inventou a sympathia e a piedade, todas, por ministerio das religiosas exemplares de Monchique, aporfiaram em refrigerar o ardor que consumia rapidamente a reclusa. Inutil tudo. Thereza reconhecia com lagrimas a compaixão, e,

ao mesmo tempo, alegrava-se tirando das carícias a certeza de que os medicos a julgavam incuravel.

Alguma freira inadvertida lhe disse um dia que uma sua amiga do convento dos Remedios de Lamego lhe dissera que Simão tinha sido condemnado á morte.

Thereza estremeceu e murmurou, sem forças já para a exclamação:

— E eu vivo ainda!

Depois orou, e chorou; mas os costumes da sua vida em paroxismos continuaram inalteraveis.

Perguntou á senhora, que lhe déra a noticia, se a sua amiga do convento dos Remedios lhe faria a esmola de fazer chegar ás mãos de Simão uma carta. Promptificou-se a freira, depois que ouviu o parecer da prelada. Entendeu esta religiosa que o derradeiro colloquio entre dous moribundos não podia damnificál-os na vida temporal, nem na vida eterna.

Esta é a carta que leu Simão, quinze dias depois do seu julgamento:

«Simão, meu esposo. Sei tudo... Está com-
«nosco a morte. Olha que te escrevo sem lagrimas.
«A minha agonia começou ha sete mezes. Deus é
«bom, que me poupou ao crime. Ouvi a noticia da
«tua proxima morte, e então comprehendi por que
«estou morrendo hora a hora. Aqui está o nosso
«fim, Simão!... Olha as nossas esperanças! Quando
«tu me dizias os teus sonhos de felicidade, e eu te
«dizia os meus!... Que mal fariam a Deus os nos-

«sos innocentes desejos!... Porque não merece-«mos nós o que tanta gente tem!... Assim acaba-«ria tudo, Simão? Não posso crêl-o! A eternidade «apresenta-se-me tenebrosa, porque a esperança era «a luz que me guiava de ti para a fé. Mas não póde «findar assim o nosso destino. Vê se pódes segu-«rar o ultimo fio da tua vida a uma esperança «qualquer. Ver-nos-emos num outro mundo, Simão? «Terei eu merecido a Deus contemplar-te? Eu «rezo, supplico, mas desfalleço na fé, quando me «lembram as ultimas agonias do teu martyrio. As «minhas são suaves, quasi que as não sinto. Não «deve custar a morte a quem tiver o coração tran-«quillo. O peor é a saudade, saudade d'aquellas es-«peranças que tu achavas no meu coração adivi-«nhando as tuas. Não importa, se nada ha além «d'esta vida. Ao menos, morrer é esquecer. Se tu «pudesses viver agora, de que te serviria! Eu tam-«bem estou condemnada, sem remedio. Segue-me, «Simão! Não tenhas saudades da vida, não tenhas, «ainda que a razão te diga que podias ser feliz, se «me não tivesses encontrado no caminho por onde «te levei á morte... E que morte, meu Deus!... «Accceita-a! não te arrependas. Se houve crime, a «justiça de Deus te perdoará pelas angustias que «tens de soffrer no carcere... e nos ultimos dias, «e na presença da...»

Thereza ia escrever uma palavra, quando a penna lhe cahiu da mão, e uma convulsão lhe vibrou todo o corpo por largo espaço. Não escreveu

a palavra! mas a ideia de *forca* parou-lhe a vida. A freira entrou na cella a pedir-lhe a carta, porque o correio ia a partir. Thereza, indicando-lh'a, disse:

—Leia, se quizer, e feche-a, por caridade, que eu não posso.

Nos tres dias seguintes Thereza não sahiu do leito. A cada hora as religiosas assistentes esperavam que ella fechasse os olhos.

—Custa muito morrer!—dizia algumas vezes a enferma.

Não faltavam piedosos discursos a divertirem-lhe o espirito do mundo.

Thereza ouvia-os, e dizia com ancia:

—Mas a esperança do céo, sem elle!... que é o céo, meu Deus?

E o apostolico capellão do mosteiro não sabia dizer se os bens do céo tinham commum com os do mundo as delicias que falsamente na terra se chamam assim. Aquellas subtilezas espirituaes, que véem com algumas especies de phthisica, assim á maneira dos ultimos lampejos da vital flamma, tinha-as a enferma, quando acontecia falarem-lhe as religiosas na bemaventurança. Ás vezes, se o capellão, convidado pela lucidez de Thereza, entrava os dominios da philosophia, tratando como thema a immortalidade da alma, a inculta senhora argumentava em breves termos, com razões tão claras a favor da união eterna das almas, já d'este mundo esposas, que o padre ficava em duvidas se seria

heretico contestar uma clausula não escripta em algum dos quatro evangelhos.

Maravilhava-se já a medicina da pertinacia daquella vida. Tinha a abbadessa escripto a seu primo Thadeu, apressando-o a ir vêr o anjo ao despedir-se da terra. O velho, tocado de piedade, e por ventura d'amor paternal, deliberou tirar do convento a filha na esperança de salvál-a ainda. Uma forte razão accrescia áquella: era a mudança do condemnado para os carceres do Porto. Deu-se pressa, pois, o fidalgo, e chegou ao Porto a tempo que a religiosa, amiga da outra de Lamego, entregava á doente esta carta de Simão:

«Não me fujas ainda, Thereza. Já não vejo a «forca, nem a morte. Meu pae protege-me, e a sal«vação é possivel. Prende ao coração os ultimos «fios da tua vida. Prolonga a tua agonia, emquanto «te eu disser que espero. Ámanhan, vou para as «cadêas do Porto, e hei de ali esperar a absolvi«ção ou commutação da sentença. A vida é tudo. «Posso amar-te no degredo. Em toda a parte ha «céo, e flôres, e Deus. Se vivêres, um dia serás «livre; a pedra do sepulchro é que nunca se levan«ta. Vive, Thereza, vive! Ha dias, lembrava-me «que as tuas lagrimas lavariam da minha face as «nodoas do sangue do enforcado. Esse pezadello «atroz passou. Agora neste inferno respira-se; o «esparto do carrasco já me não aperta em sonhos «a garganta. Já fito os olhos no céo, e reconheço «a providencia dos infelizes. Hontem, vi as nossas

«estrellas, aquellas dos nossos segredos nas noites «da ausencia. Volvi á vida, e tenho o coração cheio «de esperanças. Não morras, filha da minha alma!»

Ia alta a noite, quando Thereza, sentada no seu leito, leu esta carta. Chamou a criada para ajudâl-a a vestir. Mandou abrir a janella do seu quarto e encostou as faces ás rexas de ferro. Esta janella olhava para o mar, e o mar era nessa noite uma immensa flamma de prata: e a lua esplendidissima eclipsava o fulgor d'umas estrellas, que Thereza procurava no céo.

— São aquellas! — exclamou ella.

— Aquellas quê, minha senhora? — disse Constança.

— As minhas estrellas!... pallidas como eu... A vida! ai! a vida! — clamou ella, erguendo-se e passando pela fronte as mãos cadavericas — Quero viver! Deixa-me viver, ó Senhor!

— Ha de viver, menina! ha de viver, que Deus é piedoso! — disse a criada — mas não tome o ar da noite. Este nevoeiro do rio faz-lhe grande mal.

— Deixa-me, deixa-me, que tudo isto é viver... Não vejo o céo á tanto tempo! Sinto-me resuscitar aqui, Constança! Porque não tenho eu respirado todas as noites este ar? Eu poderei viver alguns annos? Poderei minha Constança? Pede tu, pede muito á minha Virgem Santissima! Vamos orar ambas!... Vamos, que o Simão não morre... O meu Simão vive e quer que eu viva. Está no Porto ámanhan: e talvez já esteja...

—Quem, minha senhora?!

—Simão; o Simão vem para o Porto.

A criada julgou que sua ama delirava; mas não a contrariou.

—Teve carta d'elle a fidalga?—tornou ella, cuidando que assim lhe alimentava aquelle instante de febril contentamento.

—Tive... queres ouvir?... eu leio...

E leu a carta, com grande pasmo de Constança, que se convenceu.

—Agora vamos rezar, sim?... Tu não és inimiga d'elle, não? Olha, Constança, se eu casar com elle, tu vais para a nossa companhia, verás como és feliz. Queres ir, não queres?

—Sim, minha senhora, vou; mas elle conseguirá livrar-se da morte?

—Livra; tu verás que livra; o pae d'elle ha de livrál-o... e a Virgem Santissima é que nos ha de unir. Mas se eu morro... se eu morro, meu Deus!

E com as mãos convulsivamente enlaçadas sobre o seio, Thereza arquejava em pranto.

—Se eu não tenho já forças!... todos dizem que eu morro, e o medico já nem me receita!... Então melhor me fôra ter acabado antes d'esta hora! Morrer com esperança, ó Mãe de Deus!

E ajoelhou ante o retabulo devoto, que trouxera do seu quarto de Vizeu, ao qual sua mãe e avó já tinham orado, e em cujo rosto compassivo os olhos das duas senhoras moribundas tinham apagado os seus ultimos raios de luz.

XIV

Annunciára-se Thadeu de Albuquerque na portaria de Monchique, ao dia seguinte dos anteriores successos.

Sua prima, primeira senhora que lhe sahiu ao locutorio, vinha enxugando as lagrimas de alegria.

— Não cuide que eu choro de afflicta, meu primo — disse ella. — O nosso anjo, se Deus quizer, póde salvar-se. Logo de manhan a vi passear por seu pé nos dormitorios. Que differença de semblante ella tem hoje! Isto, meu primo, é milagre de duas santas que temos inteiras na claustra, e com as quaes algumas perfeitas creaturas d'esta casa se apegaram. Se as melhoras continuarem assim, temos Thereza; o céo consente que esteja entre nós aquelle anjo mais alguns annos...

— Muito folgo com o que me diz, minha boa prima — atalhou o fidalgo — A minha resolução é levál-a já para Vizeu, e lá se restabelecerá com os ares patrios, que são muito mais sadios que os do Porto.

— E' ainda cedo para tão longa e custosa jornada, meu primo. Não vá o senhor cuidar que ella está capaz de se metter ao caminho. Lembre-se que ainda hontem pensamos em encontrál-a hoje morta. Deixe-a estar mais alguns mezes; e depois

não digo que a não leve; mas, por emquanto, não consinto semelhante imprudencia.

— Maior imprudencia — replicou o velho — é conservál-a no Porto, onde, a estas horas, deve estar o malvado matador do meu sobrinho. Talvez não saiba a prima?... Pois é verdade: o patife do corregedor sahiu a campo em defesa d'elle, e conseguiu que o tribunal da Relação lhe acceitasse a appellação da sentença, passado o prazo da lei; e, não contente com isto, fez que o filho fosse removido para as cadêas do Porto. Eu agora trabalho para que a sentença seja confirmada e espero conseguil-o; mas, emquanto o assassino aqui estiver, não quero que minha filha esteja no Porto.

— O primo é pae, e eu sou apenas uma parenta — disse a abbadessa — cumpra-se a sua vontade. Quer vêr, a menina, não é assim?

— Quero, se é possivel.

— Pois bem, emquanto eu vou chamál-a, queira entrar na primeira grade á sua mão direita, que Thereza lá vae ter.

Avisada Thereza de que seu pae esperava, instantaneamente a côr sadia, que alegrava as senhoras religiosas, se demudou na lividez costumada. Quiz a tia, vendo-a assim, que ella não sahisse do seu quarto, e encarregava-se de espaçar a visita do pae.

— Tem de ser — disse Thereza. — Eu vou, minha tia.

O pae, ao vêl-a, estremeceu e enfiou. Esperava

mudança, mas não tamanha. Pensou que a não conheceria, sem o prevenirem de que ia vêr sua filha.

— Como eu te encontro, Thereza! — exclamou elle commovido — Porque me não disseste ha mais tempo o teu estado?

Thereza sorriu-se, e disse:

— Eu não estou tão mal como as minhas amigas imaginam.

— Terás tu forças para ir commigo para Vizeu?

— Não, meu pae; não tenho mesmo forças para lhe dizer em poucas palavras que não torno a Vizeu.

— Porque não?! Se a tua saude depender d'isso?...

— A minha saude depende do contrario. Aqui viverei ou morrerei.

— Não é tanto assim, Thereza — replicou Thadeu com dissimulada brandura — Se eu entender que estes ares são nocivos á tua saude, has de ir, porque é obrigação minha conduzir e corrigir a tua má sina.

— Está corrigida, meu pae. A morte emenda todos os erros da vida.

— Bem sei; mas quero-te viva, e portanto recobra forças para o caminho. Logo que tiveres meio dia de jornada, verás como a saude volta como por milagre.

— Não vou, meu pae.

— Não vais?! — exclamou irritado o velho, lançando ás grades as mãos trementes de ira.

— Separam-nos esses ferros a que meu pae se encosta, e para sempre nos separam.

— E as leis? Cuidas tu que eu não tenho direitos legitimos para te obrigar a sahir do convento? Não sabes que tens apenas dezoito annos?

— Sei que tenho dezoito annos; as leis não sei quaes são, nem me incommóda a minha ignorancia. Se póde ser que mão violenta venha arrancar-me d'aqui, convença-se, meu pae, de que essa mão ha de encontrar um cadaver. Depois... o que quizerem de mim. Emquanto, porém, eu puder dizer que não vou, juro-lhe que não vou, meu pae.

— Sei o que é! — bramiu o velho. — Já sabes que o assassino está no Porto?

— Sei, sim, senhor.

— Ainda o dizes sem vergonha, nem horror de ti mesma! Ainda...

— Meu pae — interrompeu Thereza — não posso continuar a ouvil-o, porque me sinto mal. Dê-me licença... e vingue-se como puder. A minha gloria neste longo martyrio seria uma forca levantada ao lado do assassino.

Thereza sahiu da grade, deu alguns passos na direcção da sua cella, e encostou-se esvaída á parede. Corrêram a amparál-a sua tia e a criada; mas ella, afastando-as suavemente de si, murmurou:

— Não é preciso... Estou boa... Estes golpes dão vida, minha tia.

E caminhou sósinha a passos vacillantes.

Thadeu batia á porta do mosteiro, com irrisorio

enfurecimento, pancadas, umas após outras, com grande medo da porteira e outras madres, espantadas do insolito despropósito.

— Que é isso, primo? — disse a prelada com severidade.

— Quero cá fóra Thereza.

— Como fóra? Quem ha de lançál-a fóra?!

— A senhora, que não póde aqui reter uma filha contra a vontade de seu pae.

— Isso assim é: mas tenha prudencia, primo.

— Não ha prudencia nem meia prudencia. Quero minha filha cá fóra.

— Pois ella não quer ir?

— Não, senhora.

— Então espere que por bons modos a convençamos a sahir, porque não havemos trazer-lh'a a rastos.

— Eu vou buscál-a, sendo preciso redarguiu em crescente furia. — Abram-me estas portas, que eu a trarei!

— Estas portas não se abrem assim, meu primo, sem licença superior. A regra do mosteiro não póde ser quebrantada para servir uma paixão desordenada. Tranquillise-se, senhor! Vá descançar d'esse frenesi, e venha noutra hora combinar commigo o que fôr digno de todos nós.

— Tenho entendido! — exclamou o velho, gesticulando contra o ralo do locutorio. — Conspiram todas contra mim! Ora descansem, que eu lhes darei uma bôa lição. Fique a senhora abbadessa se

bendo que eu não quero que minha filha receba mais cartas do matador, percebeu?

— Eu creio que Thereza nunca recebeu cartas de matadores, nem supponho que as receba d'ora em diante.

— Não sei se sabe, nem senão. Eu vigiarei o convento. A criada, que está com ella ponham-na fóra, percebeu?

— Porque? — redarguiu a prelada com enfado.

— Porque a encarreguei de me avisar de tudo e ella nada me tem contado.

— Se não tinha que lhe dizer, senhor!

— Não me conte historias, prima! A criada quero vêl-a sahir do convento e já!

— Eu não lhe posso fazer a vontade, porque não faço injustiças. Se vossa senhoria quizer que sua filha tenha outra criada, mande-lh'a; mas a que ella tem, logo que deixe de a servir, ha muitas senhoras nesta casa que a desejam, e ella mesma deseja aqui ficar.

— Tenho entendido — bradou elle — querem-me matar! Pois não matam; primeiro ha de o diabo dar um estoiro!

Thadeu de Albuquerque sahiu em corcovos do atrio do mosteiro. Era hedionda aquella raiva que lhe contrahia as faces incorreadas, revendo suor e sangue aos olhos acovados.

Apresentou-se ao intendente da policia, pedindo providencias para que se lhe entregasse sua filha. O intendente respondeu que elle não solicitava com-

petentemente taes providencias. Instou para que o carcereiro da cadêa não deixasse sahir alguma carta de um assassino, vindo da comarca de Vizeu, por nome Simão Botelho. O intendente disse que não podia, sem motivos concernentes a devassas, obstar a que o preso escrevesse a quem quer que fosse.

Reduplicada a furia, foi d'ali ao corregedor do Porto, com os mesmos requerimentos, em tom arrogante. O corregedor, particular amigo de Domingos Botelho, despediu com enfado o importuno, dizendo-lhe que a velhice sem juizo era coisa tão de riso como de lástima. Esteve então a pique de perder-se a cabeça de Thadeu de Albuquerque. Andava e desandava as ruas do Porto, sem atinar com uma sahida digna da sua prosapia e vingança. No dia seguinte, bateu á porta d'alguns desembargadores e achava-os mais inclinados á clemencia que á justiça, a respeito de Simão Botelho. Um d'elles, amigo de infancia de D. Rita Preciosa, e implorado por ella, falou assim ao sanhudo fidalgo:

— Em pouco está o ser homicida, senhor Albuquerque. Quantas mortes teria vossa senhoria hoje feito se alguns adversarios se oppuzessem á sua cólera? Esse infeliz moço, contra quem o senhor solicita desvairadas violencias, conserva a honra na altura da sua immensa desgraça. Abandonou-o o pae, deixando-o condemnar á forca; e elle da sua extrema degradação nunca fez sahir um grito supplicante de misericordia. Um estranho lhe esmolou a subsistencia de oito mezes de carcere, e elle ac-

ceitou a esmola, que era honra para si e para quem lh'a dava. Hoje, fui eu ver esse desgraçado filho de uma senhora que eu conheci no paço, sentada ao lado dos reis. Achei-o vestido de baetão e panno pedrez. Perguntei-lhe se assim estava desprovido de fato. Respondeu-me que se vestira á proporção dos seus meios, e que devia á caridade d'um ferrador aquellas calças e jaqueta. Repliquei-lhe eu que escrevesse a seu pae para o vestir decentemente. Disse-me que não pedia nada a quem consentiu que os delictos de seu coração e da sua dignidade e do pundonor do seu nome fossem expiados num patibulo. Ha grandeza neste homem de dezoito annos, senhor Albuquerque. Se vossa senhoria tivesse consentido que sua filha amasse Simão Botelho Castello Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra que se lhe atravessou com insultos e offensas corporaes de tal affronta, que deshonrado ficaria Simão se as não repellisse como homem de alma e brios. Se vossa senhoria se não tivesse opposto ás honestissimas e innocentes affeições de sua filha, a justiça não teria mandado arvorar uma forca, nem a vida de seu sobrinho teria sido immolada aos seus caprichos de mau pae. E, se sua filha casasse com o filho do corregedor de Vizeu, pensa acaso vossa senhoria que os seus brazões soffriam desdouro? Não sei de que seculo data a nobreza do senhor Thadeu de Albuquerque, mas do brazão de D. Rita Thereza Margarida Preciosa Caldeirão Castello Branco posso dar-lhe informações sobre as pa-

ginas das mais veridicas e illustres genealogias do reino. Por parte de seu pae, Simão Botelho tem do melhor sangue de Traz-os-Montes, e não se temerá de entrar em competencias com o dos Albuquerques de Vizeu, que não é de certo o dos *Albuquerques terriveis* de que reza Luiz de Camões...»

Offendido até ao ámago pela derradeira ironia, Thadeu ergueu-se de impeto, tomou o chapéu e a enorme bengala de castão d'ouro e fez a cortezia de despedida.

— São amargas as verdades, não é assim? — disse-lhe, sorrindo, o desembargador Mourão Mosqueira.

— Vossa excellencia lá sabe o que diz, e eu cá sei no que hei de ficar — respondeu com tom ironico o fidalgo, alanceado na sua honra, e na dos seus quinze avós.

O desembargador retorquiu:

— Fique no que quizer; mas vá na certeza, se isso lhe serve de alguma coisa, que Simão Botelho não vai á forca.

— Veremos... — resmoneou o velho.

XV

São treze dias decorridos do mez de Março de 1805.

Está Simão num quarto de malta das cadêas da

Relação. Um catre de taboas, um colchão de embarque, uma banca e cadeira de pinho, e um pequeno pacote de roupa, collocado no lugar do travesseiro, são a sua mobilia. Sobre a mesa tem um caixote de pau preto, que contém as cartas de Thereza, ramilhetes sêccos, os seus manuscriptos do carcere de Vizeu, e um avental de Marianna, o ultimo com que ella, no dia do julgamento, enxugára as lagrimas e arrancára de si no primeiro instante de demencia.

Simão relê as cartas de Thereza, abre os envoltorios de papel que encerram as flores resequidas, contempla o avental de linho, procurando esvahidos vestigios das lagrimas. Depois, encosta a face e o peito aos ferros da sua janella, e avista os horizontes boleados pelas serras de Valongo e Gralheira, e cortadas pelas ribas pittorescas de Gaya, do Candal, de Oliveira, e do mosteiro da Serra do Pilar. É um dia lindo. Reflectem-se do azul do céo os mil matizes da primavera. Tem aromas o ar, e a viração fugitiva dos jardins derrama no ether as urnas que roubou aos canteiros. Aquella indefinida alegria, que parece reluzir nas legiões de espiritos que se geram ao sol de Março, rejubila a natureza, que toda a pompa de luz e flôres se está namorando do calor que vai fecundando.

Dia de amor e de esperanças era aquelle que o Senhor mandava á choça encravada na garganta da serra, ao palacio esplendoroso que reverberava ao sol os seus aspiraculos, ao opulento que passeava

as suas moles equipagens, bafejado pelo respiro acre das sarças, e ao mendigo que desentorpecia os membros encostado ás columnas dos templos.

E Simão Botelho, fugindo a claridade da luz, e o voejar das aves, meditando, chorava e escrevia assim as suas meditações:

«O pão do trabalho de cada dia, e o teu seio «para repousar uma hora a face, pura de manchas: «não pedi mais ao céo.

«Achei-me homem aos dezesseis annos. Vi a vir«tude á luz do teu amor. Cuidei que era santa a «paixão que absorvia todas as outras, ou as depu«rava com o seu fogo sagrado.

«Nunca os meus pensamentos foram denegridos «por um desejo, que eu não possa confessar alto «diante de todo o mundo. Dize tu, Thereza, se os «meus labios profanaram a pureza de teus ouvidos. «Pergunta a Deus quando quiz eu fazer do meu «amor o teu opprobrio.

«Nunca, Thereza! Nunca, ó mundo que me con«demnas!

«Se teu pae quizesse que eu me arrastasse a «seus pés para te merecer, beijar-lh'os-ia. Se tu me «mandasses morrer para te não privar de ser feliz «com outro homem, morreria Thereza!

«Mas tu eras sósinha e infeliz, e eu cuidei que «o teu algoz não devia sobreviver-te. Eis-me aqui «homicida, e sem remorsos. A insania do crime «aturde a consciencia; não a minha, que se não te«mia das escadas da forca, nos dias em que o meu

«despertar era sempre o estrebuxamento da suffo-
«cação.

«Eu esperava a cada hora o chamamento para
«o oratorio, e dizia commigo: Falarei a Jesus
«Christo.

«Sem pavor, premeditava nas setenta horas
«d'essa agonia mortal, e antevia consolações que o
«crime não ousa esperar sem injuria da iustiça de
«Deus.

«Mas chorava por ti, Thereza! O travor do meu
«calix tinha sobre a sua amargura as mil amargu-
«ras das tuas lagrimas.

«Gemias aos meus ouvidos, martyr! Vêr-me-ias
«sacudido nas convulsões da morte, em teus deli-
«rios. A mesma morte tem horror da suprema des-
«graça. Tarde morrerias. A minha imagem, em vez
«de te acenar com a sua palma de martyrio, te
«seria um fantasma levantado das taboas d'um
«cadafalso.

«Que morte a tua, ó minha santa amiga!»

E proseguiu até ao momento em que João da
Cruz, com ordem do intendente geral da policia,
entrou no quarto.

— Aqui! — exclamou Simão, abraçando-o. — E
Marianna? deixou-a sósinha?! morta talvez!

— Nem sósinha, nem morta, fidalgo! O diabo
nem sempre está atrás da porta... Marianna voltou
ao seu juizo.

— Fala verdade, senhor João?

— Pudera mentir!... aquillo foi coisa de bru-

xaria, emquanto a mim... Sangrias, sedenhos, agua fria na cabeça, e exorcismos do missionario, não lhe digo nada, a rapariga está escorreita, e assim que tiver um todo-nada de forças bota-se ao caminho.

— Bemdito seja Deus! — exclamou Simão.

— *Amen* — accrescenta o ferrador — Então que arranjo é este de casa? Que breca de tarimba é esta?! Quer-se aqui uma cama de gente, e alguma coisa em que um christão se possa sentar.

— Isto assim está excellente.

— Bem vejo... E de barriga? como vamos nós de trincadeira?

— Ainda tenho dinheiro, meu amigo.

— Ha de ter muito, não tem duvida; mas eu tenho mais, e vossa senhoria tem ordem franca. Veja lá esse papel.

— Simão leu uma carta de D. Rita Preciosa, escripta ao ferrador, em que o autorisava a soccorrer seu filho com as necessarias despezas, promptificando-se a pagar todas as ordens que lhe fossem apresentadas com a sua assignatura.

— É justo — disse Simão, restituindo a carta — porque eu devo ter uma legitima.

— Então já vê que não tem mais do que pedir por bôca. Eu vou comprar-lhe arranjos...

— Abra-me o seu nobre coração para outro serviço mais valioso — atalhou o preso.

— Diga lá, fidalgo.

Simão pediu-lhe a entrega de uma carta em Monchique a Thereza de Albuquerque.

— O berzabum parece-me que as arma! — disse o ferrador. —Venha de lá a carta. O pae d'ella está cá, já sabia?

— Não.

— Pois está; e se o diabo o traz á minha beira, não sei se lhe darei com a cabeça numa esquina. Já me lembrou de o esperar no caminho, e pendurál-o pelo gasnete no galho d'um sobreiro... A carta tem resposta?

— Se lh'a derem, meu bom amigo.

Chegou o ferrador a Monchique, a tempo que um official da justiça, dois médicos e Thadeu de Albuquerque entravam no pateo do convento.

Falou o aguazil á prelada, exigindo, em nome do juiz de fóra, que dois medicos entrassem no convento a examinar a doente D. Thereza Clementina de Albuquerque, a requerimento de seu pae.

Perguntou a prelada aos medicos se elles tinham a necessaria licença ecclesiastica para entrarem em Monchique. Á resposta negativa redarguiu a abbadessa que as portas do convento não se abriam. Disseram os medicos de Thadeu de Albuquerque que era aquelle o estylo dos mosteiros, e não houve que redarguir á rigorosa prelada.

Sahiram, e o ferrador só então reflectiu no modo de entregar a carta. A primeira ideia pareceu-lhe a melhor. Chegou ao ralo, e disse:

— Ó senhora freira

— Que quer vocemecê? — disse a prelada.

— A senhora faz favor de dizer á senhora

D. Therezinha de Vizeu, que está aqui o pae d'aquella rapariga da aldeia, que ella sabe?

— E quem é vocemecê?

— Sou o pae da tal rapariga que ella sabe.

— Já sei? — exclamou de dentro a voz de Thereza, correndo ao locutorio.

A prelada retirou-se a um lado, e disse:

— Vê lá o que fazes, minha filha...

— A sua filha escreveu-me? — disse Thereza a João da Cruz.

— Sim, senhora, aqui está a carta.

E depositou na roda a carta, em que a abbadessa reparou, e disse sorrindo:

— Muito engenhoso é o amor de Therezinha... Permitta Deus que as noticias da rapariga da aldeia te alegrem o coração; mas olha, filhinha, não cuides que a tua velha tia é menos esperta que o *pae da rapariga da aldeia.*

Thereza respondeu com beijos ás jovialidades carinhosas da santa senhora, e sumiu-se a lêr a carta, e a responder-lhe. Entregando a resposta, disse ella ao ferrador:

— Não vê ahi sentada naquella escadinha uma pobre?

— Vejo, sim, senhora, e conheço-a. Como diabo veio para aqui esta mulher? Cuidei que depois da esfrega que lhe deu o hortelão, a pobresita não tinha pernas que a cá trouxessem! A mulher pelos modos tem fibras aquella casta!

— Fale baixo — tornou Thereza. — Pois olhe...

quando trouxer as cartas, entregue-lh'as a ella, sim? Eu já a mandei á cadêa, mas não a deixaram lá entrar.

— Bem está, e o arranjo não é mau assim. Fique com Deus, menina.

Esta boa nova alegrou Simão. A providencia divina apiedára-se d'elle naquelle dia. O restaurar-se o juizo de Marianna, e a possibilidade de corresponder-se com Thereza eram as maximas alegrias que podiam baixar do céo ao seu cerrado infortunio.

Exaltára-se Simão em graças a Deus, na presença de João da Cruz, que arrumava no quarto uns moveis que comprára em segunda mão, quando este, suspendendo o trabalho, exclamou:

— Então vou-lhe dizer outra coisa, que não tinha tenção de lhe dizer, para o apanhar de *súpeto*.

— Que é?

— A minha Marianna veio commigo, e ficou na estalagem porque não se podia bolir com dôres: mas ámanhan ella cá está para lhe fazer a cozinha e varrer a casa.

Simão, reconcentrando o indefinivel sentimento que esta noticia lhe causára, disse com melancolica pausa:

— É pois certo que a minha má estrella arrasta a sua desgraçada filha a todos os meus abysmos! Pobre anjo de caridade, que digna tu és do céo!

— Que está o senhor ahi a prégar — interrompeu o ferrador — Parece que ficou a modo de tristonho com a noticia!...

— Senhor João — tornou solemnemente o preso — não deixe aqui a sua querida filha. Deixe-m'a ver, traga-a comsigo uma vez a esta casa; mas não a deixe cá porque eu não posso tolher o destino de Marianna. Como ha-de ella viver no Porto, sósinha, sem conhecer ninguem, bella como ella é, e perseguida como tem de ser?!...

— Perseguida! *Tó Carócha!* Não que ella é mesmo de se lhe dar de que a persigam!... Que vão para lá, mas que deixem as ventas em casa. Meu amigo, as mulheres são como as peras verdes: um homem apalpa-as, e, se o dedo acha duro deixa-as, e não as come. É como é. A rapariga sáe á mãe. Minha mulher, que Deus haja, quando eu lhe andava rentando, dei-lhe um dia um beliscão numa perna. E vai ella põe-se direita commigo, e deu-me dois cascudos nas trombas, que ainda agora os sinto. A Marianna!... aquillo é da pelle de Satanaz! Pergunte o senhor, e algum dia falar com aquelle fidalguinho Mendes, de Vizeu, a troçada que elle levou com as rédeas da egua, só por lhe bulir na chinella, quando ella estava em cima da burra!

Simão sorriu ao rasgado panegyrico de bravura da moça, e orgulhou-se secretamente dos brandos affagos com que ella desvelára em oito mezes de quasi continuada convivencia.

— E vocemecê ha de privar-se da companhia de sua filha? — insistiu o preso.

— Eu lá me arranjarei como puder. Tenho uma cunhada velha, e levo-a para mim para me arranjar

o caldo. E vossa senhoria pouco tempo aqui estará... O senhor corregedor lá anda a tratar de o pôr na rua, e que o senhor sáe, cá para mim são favas contadas. E assim com'assim, vou dizer-lhe tudo d'uma feita: a rapariga, se eu a não deixasse vir para o Porto, dava um estoiro como uma castanha. Olhe que eu não sou tolo, fidalgo. Que ella tem paixão d'alma por vossa senhoria, isso é tão certo como eu ser João. E' a sua ina; que hei de eu fazer-lhe? Deixál-a, que pelo senhor Simão não lhe ha de vir mal, ou então já não ha honra neste mundo.

Simão lançou-se aos braços do ferrador, exclamando:

— Pudesse eu ser o marido de sua filha, meu nobre amigo!

— Qual marido!... — disse o ferrador com os olhos vidrados das primeiras lagrimas que Simão lhe vira — Eu nunca me lembrei d'isso, nem ella!... Eu sei que sou um ferrador, e ella sabe que póde ser sua criada, e mais nada, senhor Simão; mas, sabe que mais? eu desejo que os meus amigos sejam desgraçados como havia de ser o senhor, se casasse com a pobre rapariga! Não falemos nisto, que eu por milagre choro: mas quando pego a chorar sou um chafariz... Vamos ao arranjo: a mesa deve aqui ficar; a commoda ali; duas cadeiras d'este lado, e duas d'aquelle. A barra acolá. O bahu debaixo da cama. A bacia e a bilha da agua sobre esta coisa, que não sei como se chama. Os lençoes

e o mais bragal tem-os lá a rapariga. Amanhan é que o quarto ha de ficar que nem uma capella. Olhe que a Marianna já me disse que comprasse duas aquellas... Como se chamam aquellas envasilhas de pôr ramos.

— Jarras.

— E' como diz, duas jarras para flôres; mas eu não sei onde se vende isso. Agora vou buscar o jantar, que a moça hade cuidar que me não deixam sahir da cadêa. Ainda lhe não disse que não me deixaram cá entrar hontem á tarde; mas eu, como trouxe uma cartinha da sua mãe para um desembargador, fui onde a elle, e hoje de manhan já lá tinha na estalagem a ordem do senhor intendente geral da policia. Até logo.

XVI

Um incidente agora me occorre, não muito concertado com o seguimento da historia, mas a proposito vindo para demonstrar uma face da indole do ex-corregedor de Vizeu, já então exonerado do cargo.

Sabido é que Manoel Botelho, o primogenito, voltando a frequentar mathematicas em Coimbra, fugira d'ali para Hespanha com uma dama desleal a seu marido, estudante açoriano que cursava medicina.

Um anno demorára na Corunha Manoel Botelho com a fugitiva, alimentando-se dos recursos que sua mãe, extremosa por elle, lhe remettia, vendendo a pouco e pouco as suas joias, e privando as filhas dos adornos proprios dos annos e da qualidade.

Seccaram-se estas fontes e não restavam outras. D. Rita disse afinal ao filho que deixára de soccorrer Simão por não ter meios; e agora das escassas economias que fazia, nada podia enviar-lhe, porque estava em obrigação de pagar os alimentos de Simão á pessoa que por compaixão lh'os dera em Vizeu, e lh'os estava dando no Porto. Ajuntava ella, para consolação do filho, que viesse elle para Villa Real, e trouxesse comsigo a infeliz senhora; que fosse elle para casa, e a deixasse a ella numa estalagem até se lhe arranjar habitação; o ensejo era opportuno, por estar na quinta de Montezellos o pae, quasi divorciado da familia.

Voltou pelo Minho Manoel Botelho, e chegou com a dama ao Porto, quinze dias depois que Simão entrára no carcere. Já noutro ponto deixamos dito que nunca os dois irmãos se deram, nem estimaram; mas o infortunio de Simão remia as culpas do genio fatal que o orphanára de pae e mãe, e só da irman Rita lhe deixára uma lembrança saudosa. Foi Manoel á cadêa, e abrindo os braços ao irmão, teve um glacial acolhimento.

Perguntou-lhe Manoel a historia do seu desastre.

— Consta do processo — respondeu Simão.

— E tem o mano esperanças de liberdade? — replicou Manoel.

— Não penso nisso.

— Eu pouco posso offerecer-lhe, porque vou para casa forçado pela falta de recursos; mas, se precisa de roupa, repartirei comsigo da minha.

— Não preciso nada. Esmolas só as recebo daquella mulher.

Já Manoel tinha reparado em Marianna, e da belleza da moça inferira conclusões para formar falsos juizos.

— E quem é esta menina? — tornou Manoel.

— É um anjo... Não lhe sei dizer mais nada.

Marianna sorriu-se, e disse:

— Sou uma criada do senhor Simão, e de vossa senhoria.

— É cá do Porto?

— Não, meu senhor, sou dos arrabaldes de Vizeu.

— E tem feito sempre companhia a meu mano?

Simão atalhou assim á resposta balbuciante de Marianna:

— A sua curiosidade incommoda-me, mano Manoel.

— Cuidei que não era offensiva — replicou o outro, tomando o chapeu. — Quer alguma coisa para a mãe?

— Nada.

Estando Manoel Botelho, na tarde d'esse dia,

fechando as malas para seguir jornada para Villa Real, foi visitado pelo desembargador Mourão Mosqueira, e pelo corregedor do crime.

— Devemos á espionagem da policia — disse o corregedor — a novidade de estar nesta estalagem um filho do meu antigo amigo, condiscipulo e collega Domingos Correia Botelho. Aqui vimos dar-lhe um abraço e offerecer o nosso prestimo. Esta senhora é sua esposa? — continuou o magistrado, reparando na açoriana.

— Não é minha esposa... balbuciou Manoel — ... minha irman.

— Sua irman... — disse Mosqueira — qual das tres? Ha cinco annos que as vi em Vizeu, e grande mudança fez esta senhora, que não me recordo das suas feições absolutamente coisa nenhuma. É a senhora D. Anna Amelia?

— Justamente — disse Manoel.

— Bella lhe affirmo eu que está, minha senhora; mas fez-se um rosto muito outro do que era!...

— Vieram vêr o infeliz Simão? — atalhou o corregedor.

— Sim, senhor... viemos vêr meu pobre irmão.

— Foi um raio que cahiu na familia aquelle rapaz!... — ajuntou Mosqueira — mas póde estar na certeza que a sentença não se executa; diga a sua mãe que m'o ouviu da minha bôca. O meu tribunal está preparado para lhe minorar a pena em dez annos de degredo para a India, e seu pae, segundo me disse na passagem para Villa Real, já preparou

as coisas na supplicação e no desembargo do paço, não obstante o morto lá ter parentes poderosos nas duas instancias. Quizeramos absolvêl-o e restituil-o á sua familia; mas tanto é impossivel. Simão matou e confessa soberbamente que matou. Não consente mesmo que se diga que em defeza o fez. É um doido desgraçado com sentimentos nobilissimos! Chovem cartas de empenho a favor do Albuquerque. Pedem a cabeça do pobre rapaz com uma sem-cerimonia que indigna o animo.

—E essa menina que foi a causa da desgraça? —perguntou Manoel.

—Isso é uma heroina!—respondeu o corregedor do crime.—Davam-na já por morta quando Simão chegou aqui. Desde que soube das probabilidades da commutação da pena, deu um pontapé na morte, e está salva, segundo me disse o medico.

—Conhece-a muito bem, minha senhora?—disse o desembargador á dama, supposta irman de Manoel.

—Muito bem—respondeu ella, relanceando os olhos ao amante.

—Dizem que é formosissima.

—De certo—acudiu Manoel—é formosissima!

—Muito bem—disse o corregedor, erguendo-se. —Leve este abraço ao pae, e diga-lhe que o condiscipulo cá está leal e dedicado como sempre. Eu tenho de lhe escrever brevemente.

—E outro a sua virtuosa mãe—accrescentou o desembargador.

— Vou desconfiado! — disse o Mosqueira ao collega — Manoel Botelho tinha, ha coisa d'um anno, fugido para Hespanha com uma senhora casada. Aquella mulher, que vimos, não é irman d'elle.

— Pois se nos mentiu é patife, por nos obrigar a cortejar uma concubina!... Eu me informarei... — disse o corregedor, offendido no seu austero pundonor.

E no proximo correio, escrevendo a Domingos Botelho, dizia no periodo final: «Tive o gosto de co«nhecer teu filho Manoel, e uma de tuas filhas; por «elle te mandei um abraço, e por ella te mandaria «outro, se fosse moda ensinarem velhos a meninas «bonitas como se dão os abraços nos paes.»

Estava já Manoel em casa, e cuidava em trastejar uma modesta casa para a açoriana, auxiliado por sua bondosa e indulgente mãe. Domingos Botelho fôra informado da vinda, e dissera que não queria vêr o filho, avisando-o de que era considerado desertor de cavallaria seis, desde que abandonára os estudos, onde estava com licença.

Recebeu depois a carta do corregedor do crime, e mandou immediata e secretamente devassar se em Villa Real estava a senhora que indicava a carta. A espionagem deu-a como certa na estalagem, emquanto Manoel Botelho cuidava nos adornos de uma casa. Escreveu o magistrado ao juiz de fóra, e este mandou chamar á sua presença a mulher suspeita e ouviu d'ella a sua historia sincera e lagrimosamente contada. Condoeu-se o juiz, e revelou ao col-

lega as suas averiguações. Domingos Botelho foi a Villa Real, e hospedou-se em casa do juiz de fóra, onde a senhora foi novamente chamada, sendo que ao mesmo tempo o general da provincia lavrava ordem de prisão para o cadete desertor de cavallaria de Bragança.

A açoriana, em vez do juiz, encontrou um feio homem, de carrancuda sombra, e apparencias de intenções sinistras.

— Eu sou pae de Manoel — disse Domingos Botelho. — Sei a historia da senhora. O infame é elle. Vossa senhoria é a victima. O castigo da senhora principiou desde o momento em que a sua consciencia lhe disse que praticou uma acção indigna. Se a consciencia lh'o não disse ainda, ella lh'o dirá. D'onde é?

— Da ilha do Fayal — respondeu trémula a dama.

— Tem familia?

— Tenho mãe e irmans.

— Sua mãe acceitál-a-ia, se a senhora lhe pedisse abrigo?

— Creio que sim.

— Sabe que Manoel é um desertor, que a estas horas está preso ou fugitivo?

— Não sabia...

— Quer isto dizer que a senhora não tem protecção de alguem...

A pobre mulher soluçava, abafada por ancias, e debulhada em lagrimas.

— Porque não vae para sua mãe?

— Não tenho recursos alguns — respondeu ella.

— Quer partir hoje mesmo? Á porta da estalagem, d'aqui a pouco, encontrará uma liteira, e uma criada para acompanhál-a até ao Porto. Lá entregará uma carta. A pessoa a quem escrevo lhe cuidará passagem para Lisboa. Em Lisboa outra pessoa a levará a bordo da primeira embarcação que sahir para os Açores. Estamos combinados? Acceita?

— E beijo as mãos de vossa senhoria... Uma desgraçada como eu não podia esperar tanta caridade.

Poucas horas depois, a esposa do medico...

— Que tinha morrido de paixão e vergonha, talvez! — exclama uma leitora sensivel.

— Não, minha senhora; o estudante continuava nesse anno a frequentar a universidade; e como tinha já vasta instrucção em pathologia, poupou-se á morte da vergonha, que é uma morte inventada pelo visconde de A. Garrett no *Fr. Luiz de Souza*, e á morte da paixão, que é outra morte inventada pelos namorados nas cartas despeitosas, e que não pega nos maridos a quem o seculo dotou de uns longes de philosophia, philosophia grega e romana, porque bem sabem que os philosophos da antiguidade davam por mimo as mulheres aos seus amigos, quando os seus amigos por favor lh'as não tiravam. E esta philosophia hoje então...[1]

---

[1] "Hoje então!...» Vou-lhes contar um lance memorando d'um philosopho da actualidade, lance unico

Pois o medico não morreu, nem se quer desmedrou, ou levou *R* significativo de preoccupação do animo insensivel ás amenidades da therapeutica.

A esposa, inquestionavelmente muito mais al-

---

pelo qual eu fiquei conhecendo a pessoa. Hoje (21 de Setembro de 1861) estava eu no escriptorio do illustre advogado Joaquim Marcellino de Mattos, e um cliente entrou contando o seguinte: — «Senhor doutor, eu sou um lojista da rua de...; e fui roubado em oitocentos mil reis por minha mulher, que fugiu com um amante para Vianna. Venho saber se posso querellar, e receber o meu dinheiro.» — Póde querellar, respondeu o advogado, se tiver testemunhas. O senhor quer querellar por adulterio? — Responde o queixoso: «O que eu quero é o meu dinheiro.» — Mas redargue o consultor, o senhor póde querellar de ambos, d'ella por adultera, e d'elle como receptor do furto. — «E receberei o meu dinheiro?» — Conforme. Eu sei cá se elle tem o seu dinheiro?! O que sei é que não póde pronunciál-a a ella como ladra. — «Mas os meus oitocentos mil reis?!» — Ah! o senhor não se lhe dá que sua mulher fuja e não volte? — «Não, senhor doutor, que a leve o diabo: o que eu quero é o meu dinheiro.» — Pois querelle d'ambos e veremos depois. — «Mas não é certo receber eu o meu dinheiro?!» — Certo não é; veremos se, depois de pronunciado, as autoridades administrativas capturam o ladrão com o seu dinheiro. — «E se elle não o tiver já?» — redargue o marido consternado. — Se o não tiver já, o senhor vinga-se na querella por adulterio. — «E gasta-se alguma coisa?» — Gasta, sim; mas vinga-se. — «O que eu queria era o meu dinheiro, senhor doutor; a mulher deixál-a ir que tem cincoenta annos» — Cincoenta annos! — acudiu o doutor — o senhor está vingado do amante. Vá para casa, deixe-se de querellas, que o mais desgraçado é elle.

quebrada e valetudinaria que seu esposo, lavada em pranto, morta de saudades, sem futuro, sem esperanças, sem voz humana que a consolasse, entrou na liteira e chegou ao Porto, onde procurou o corregedor do crime para entregar-lhe uma carta do doutor Domingos Botelho. Um periodo d'esta carta dizia assim:

«Déste-me a noticia d'uma filha que eu não co«nhecia, nem conheço. A mãe d'esta senhora está «no Fayal, para onde ella vai. Cuida tu, ou manda «cuidar no seu transporte para Lisboa, e encarrega «ali alguem de correr com a passagem d'ella para os «Açores no primeiro navio. A mim me darás conta «das despezas. Meu filho Manoel teve ao menos a «virtude de não matar ninguem para se constituir «amante. Do modo como correm os tempos, muito «virtuoso é o rapaz que não mata o marido da «mulher que ama. Vê se consegues do general, que «está ahi, perdão para o rapaz, que é desertor de «cavallaria seis, e me consta que está escondido em «casa d'um parente. Emquanto a Simão, creio que «não é possivel salvál-o do degredo temporario... «E uma lança em Africa livrál-o da forca. Em Lis«boa movem-se grandes potencias contra o desgra«çado, e eu estou mal visto do intendente geral «por abandonar o logar... etc.»

Partiu para Lisboa a açoriana, e d'ali para a sua terra, e para o abrigo de sua mãe, que a julgára morta, e lhe deu annos de vida, se não ditosa, socegada e desilludida de chimeras.

Manoel Botelho, obtido o perdão pela preponderancia do corregedor do crime, mudou de regimento para Lisboa, e ahi permaneceu até que, fallecido seu pae, pediu a baixa e voltou á provincia.

XVII

João da Cruz, no dia 4 de Agosto de 1805, sentou-se á mesa com triste aspecto e nenhum appetite do almoço.

—Não comes, João?—disse-lhe a cunhada.

—Não passa d'aqui o bocado—respondeu elle, pondo o dedo nos gorgomillos.

—Que tens tu?

—Tenho saudades da rapariga... Dava agora tudo quanto tenho para a vêr aqui ao pé de mim, com aquelles olhos que pareciam ir direitos aos desgostos que um homem tem no seu interior. Mal hajam as desgraças da minha vida, que m'a fizeram perder, Deus sabe se para pouco, se para sempre!... Se eu não tivesse dado o tiro no almocreve, não vinha a ficar em obrigação ao corregedor, e não se me dava que o filho vivesse ou morresse...

—Mas se tens saudades—atalhou a senhora Josepha—manda buscar a rapariga, tem-la cá algum tempo, e torna depois para onde ao senhor Simão.

—Isso não é d'homem que põe navalha na cara,

Josefa. O rapaz, se ella lhe falta, morre de pasmo dentro d'aquelles ferros. Isto é venêta que me deu hoje... Sabes que mais? Leve a breca o dinheiro: ámanhan vou ao Porto.

— Pois isso é o que deves fazer.

— Está dito. Quem cá ficar que o ganhe. Vão-se os anneis e fiquem os dedos. Por ora, tem-se resistido a tudo com o meu braço. A rapariga, se ficar com menos, lá se avenha. Assim o quer, assim o tenha.

Reanimou-se a physionomia do mestre ferrador, e como que os impeços da garganta se iam removendo á medida que planisava a sua ida ao Porto.

Acabára de almoçar, e ficára scismatico, encostado á mesa do escano.

— Ainda estás malucando?! — tornou Josefa.

— Parece coisa do demonio, mulher!... A rapariga estará doente ou morta?

— Anjo bento da Santissima Trindade — exclamou a cunhada, erguendo as mãos — que dizes tu, João.

— Estou cá por dentro negro como aquella sartan!

— Isso é flato, homem! Vai tomar ar, trabalha um poucochinho para espaireceres.

João da Cruz passou ao coberto onde tinha o armario da ferragem e a bigorna, e começou a atarracar cravos.

Alguns conhecidos tinham passado, palavreando

com elle consoante costumavam, e achavam-no taciturno e nada para graças.

— Que tens tu, João? — dizia um.

— Não tenho nada. Vai á tua vida e deixa-me, que não estou para lérias.

Outro parava e dizia:

— Guarde-o Deus, senhor João

— E a vocemecê tambem. Que novidade ha?

— Não sei nada.

— Pois então vá com Nossa Senhora, que eu estou cá de candeias ás avessas.

O ferrador largava o martello; sentava-se aos poucos no tronco, e coçava a cabeça com frenesi. Depois recomeçava, novamente, e tão alheado o fazia, que estragava o cravo ou martellava os dedos.

— Isto é coisa do diabo! — exclamou elle; e foi á cozinha procurar a pichorra, que emborcou como qualquer elegante de paixões ethereas se aturde com absintho. — Hei de afogar-te, coisa má, que me estás apertando a alma! — continuou o ferrador, sacudindo os braços, e batendo o pé no soalho.

Voltou ao coberto a tempo que um viandante ia passando sobre a sua possante mula. Envolvia-se o cavalleiro num amplo capote á moda hespanhola, sem embargo da calma que fazia. Viam-se-lhe as botas do coiro cru, com esporas amarellas afiveladas, e o chapeu derribado sobre os olhos.

— Ora viva! — disse o passageiro.

— Viva! — respondeu mestre João, relanceando os olhos pelas quatro patas da mula, a vêr se tinha obra em que entreter o espirito — A mula é de ropia e chibança!

— Não é má. Vocemecê é que é o senhor João da Cruz?

— Para o servir.

— Venho aqui pagar-lhe uma divida.

— A mim? O senhor não me deve nada, que eu saiba.

— Não sou eu que devo; é meu pae, elle foi, que me encarregou de lhe pagar.

— E quem é seu pae?

— Meu pae era um recoveiro de Carção, chamado Bento Machado.

Proferida metade d'estas palavras, o cavalleiro afastou rapidamente as bandas do capote e desfechou um bacamarte no peito do ferrador. O ferido recuou exclamando:

— Mataram-me!... Marianna, não te vejo mais!...

O assassino teria dado cincoenta passos a todo o galope da espantada mula, quando João da Cruz, debruçado sobre o banco arrancava o ultimo suspiro com a cara posta no chão, d'onde apontára ao peito do almocreve dez annos antes.

Os caminheiros, que perpassaram pelo cavalleiro inadvertidamente, ajuntaram-se em redor do cadaver. Josefa acudiu ao estrondo do tiro, e já não ouviu as ultimas palavras de seu cunhado. Quiz transportál-o para dentro, e correr a chamar cirur-

gião; mas um cirurgião estava no ajuntamento e declarou morto o homem.

— Quem o matou? — exclamavam trinta vozes a um tempo.

Nesse mesmo dia vieram justiças de Vizeu lavrar auto e devassar: nenhum indicio lhes deu o fio do mysterioso assassino. O escrivão dos orphãos inventariou os objectos encontrados, e fechou as portas quando os sinos corriam o derradeiro dobre ao cahir da lousa sobre João da Cruz.

Deus terá descontado nos instinctos sanguinarios do teu temperamento a nobreza da tua alma! Pensando nas incoherencias da tua indole, homem que me explicas a providencia, assombram-me as caprichosas antitheses que a mão de Deus infunde em alentos na creatura. Dorme o teu somno infinito, se nenhum outro tribunal te cita a responder pelas vidas que tiraste, e pelo uso que fizeste da tua. Mas, se ha estancia de castigo e de misericordia, as lagrimas de tua filha terão sido, na presença do Juiz Supremo, os teus merecimentos.

Fez Josefa escrever a Marianna, noticiando-lhe a morte de seu pae, mas sobrescriptou a carta a Simão Botelho, para maior segurança. Estava Marianna no quarto do preso, quando a carta lhe foi entregue.

— Não conheço a letra, Marianna... E a obreia é preta...

Marianna examinou o sobrescripto, e empallideceu.

— Eu conheço a letra — disse ella — é do Joaquim da loja — Abra, depressa, senhor Simão... Meu pae morreria?

— Que lembrança! Pois não teve ha tres dias carta d'elle?... E não disse que estava bom?

— Isso que tem?... Veja quem assigna:

Simão buscou a assignatura, e disse:

— *Josepha Maria!*... É sua tia que lhe escreve.

— Leia... leia... que diz ella? Deixe-me ler a mim...

O preso lia mentalmente, e Marianna instou.

— Leia alto, por quem é, senhor Simão, que estou a tremer... e vossa senhoria descóra... Que é, meu Deus?

Simão deixou cahir a carta, e sentou-se prostrado de animo. Marianna correu a levantar a carta, e elle, tomando-lhe a mão murmurou:

— Pobre amigo!... chorêmol-o ambos... chorêmol-o, Marianna, que o amavamos como filhos...

— Pois morreu? — bradou ella.

— Morreu... mataram-no!...

A moça expediu um grito estridulo, e foi com o rosto contra os ferros das grades. Simão inclinou-a para o seio, e disse-lhe com muita ternura e vehemencia:

— Marianna, lembre-se que é o meu amparo. Lembre-se de que as ultimas palavras de seu pae deviam ser recommendar-lhe o desgraçado que recebe das suas mãos bemfeitoras o pão da vida. Marianna minha querida irman, vença a dôr que póde

matal-a, e vença-a por amor de mim. Ouve-me, amiga da minha alma?

Marianna exclamou:

—Deixe-me chorar, por caridade!... Ai! meu Deus, se eu torno a endoudecer!

—Que seria de mim!—atalhou Simão—A quem deixaria Marianna o seu nobre coração para me suavisar este martyrio? Quem me levaria ao destêrro uma palavra amiga que me animasse a crêr em Deus! Não ha de enlouquecer, Marianna, porque eu sei que me estima, que me ama, e que affrontará com coragem a maior desgraça, que ainda póde suggerir-me o inferno! Chore, minha irman chore; mas veja-me através das suas lagrimas!

XVIII

Marianna, decorridos dias, foi a Vizeu recolher a herança paterna. Em proporção com o seu nascimento, bem dotada a deixára o laborioso ferrador. Afóra os campos, cujo rendimento bastariá para a sustentação d'ella, Marianna levantou a lage conhecida da lareira, e achou os quatrocentos mil reis com que João da Cruz contava para alimentar as regalias de sua decrepitude inerte. Vendeu Marianna as terras, e deixou a casa a sua tia, que nascêra nella, e onde seu pae casára.

Liquidada a herança, tornou para o Porto, e depositou o seu cabedal nas mãos de Simão Botelho, dizendo que receava ser roubada na casinha em que vivia, fronteira á Relação, na rua de S. Bento.

— Porque vendeu as suas terras, Marianna! — perguntou o preso.

— Vendi-as, porque não faço tenção de lá voltar.

— Não faz?... para onde ha-de ir, Marianna, indo eu degredado? Fica no Porto?

— Não senhor, não fico — balbuciou ella como admirada d'esta pergunta, á qual o seu coração julgava ter respondido de muito.

— Pois então?!

— Vou para o degredo, se vossa senhoria me quizer na sua companhia.

Fingindo-se surprehendido, Simão seria ridiculo aos seus proprios olhos.

— Esperava essa resposta, Marianna, e sabia que me não dava outra. Mas sabe o que é o degredo, minha amiga?

— Tenho ouvido dizer muitas vezes o que é, senhor Simão... E' uma terra mais quente que a nossa; mas tambem ha lá pão e vive-se...

— E morre-se abrazado ao sol doentio d'aquelle céo, morre-se de saudades da patria, morre-se muitas vezes dos maus tratos dos governadores das galés, que teem um condemnado na conta de féra.

— Não ha-de ser tanto assim. Eu tenho perguntado muito por isso á mulher d'um preso que cumpriu dez annos de sentença na India, e viveu muito

bem em uma terra chamada Solor, onde teve uma tenda; e, senão fossem as saudades, diz ella que não vinha, porque lhe corria melhor por lá a vida, que por cá. Eu, se fôr por vontade do senhor Simão, vou pôr uma lojinha tambem. Verá como eu amanho a vida. Affeita ao calor estou eu; vossa senhoria não está: mas não ha de ter precisão, se Deus quizer, de andar ao tempo.

— E supponha, Marianna, que eu morro apenas chegar ao degredo?

— Não falemos nisso, senhor Simão...

— Falemos, minha amiga, porque eu hei de sentir á hora da morte, a pesar-me na alma, a responsabilidade do seu destino... se eu morrer?

— Se o senhor morrer, eu saberei morrer tambem.

— Ninguem morre quando quer, Marianna...

— Oh! se morre!... e vive tambem quando quer... Não m'o disse já a senhora D. Thereza?

— Que lhe disse ella?

— Que estava a passar quando vossa senhoria chegou ao Porto, e que a sua chegada lhe dera vida. Pois ha muita gente assim, senhor Simão... E mais a fidalga é fraquinha, e eu sou mulher do campo, vezada a todos os trabalhos; e, se fosse preciso metter uma lancêta no braço e deixar correr o sangue até morrer, fazia-o como quem o diz.

— Oiça-me Marianna, que espera de mim?

— Que hei-de eu esperar!... Porque me diz isso o senhor Simão?

— Os sacrificios que Marianna tem feito e quer fazer por mim só podiam ter uma paga, embora m'os não faça esperando recompensa. Abre-me o seu coração, Marianna?

— Que quer que eu lhe diga?

— Conhece a minha vida tão bem como eu, não é verdade?

— Conheço, e que tem isso?

— Sabe que eu estou ligado pela vida e pela morte áquella desgraçada senhora?

— E d'ahi? quem lhe diz menos d'isso?!

— Os sentimentos do coração só os posso agradecer com amizade.

— E eu já lhe pedi mais alguma coisa, senhor Simão?!

— Nada me pediu, Marianna; mas obriga-me tanto que me faz mais infeliz o peso da obrigação.

Marianna não respondeu; chorou.

— E porque chora? — tornou Simão carinhosamente.

— Isso é ingratidão... e eu não mereço que me diga que o faço infeliz.

— Não me comprehendeu... Sou infeliz por não poder fazêl-a minha mulher. Eu queria que Marianna pudesse dizer: «Sacrifiquei-me por meu marido; no dia em que o vi ferido em casa de meu pae, velei as noites a seu lado; quando a desgraça o encerrou entre ferros, dei-lhe o pão, que nem seus ricos paes lhe davam; quando o vi sentenciado á forca, endoudeci; quando a luz da minha ra-

zão me tornou num raio de compaixão divina, corri ao segundo carcere, alimentei-o, vesti-o, e adornei-lhe as paredes nuas do seu antro; quando o desterraram, acompanhei-o, fiz-me a patria d'aquelle pobre coração, trabalhei á luz do sol homicida para elle se resguardar do clima, do trabalho, e do desamparo, que o matariam...»

O espirito de Marianna não podia altear-se á expressão do preso; mas o coração adivinhava-lhe as ideias. E a pobre moça sorria e chorava a um tempo. Simão continuou:

— Tem vinte e seis annos, Marianna. Viva, que esta sua existencia não póde ser senão um supplicio occulto. Viva, que não deve dar tudo a quem lhe não pode restituir senão lagrimas que eu lhe tenha custado. O tempo do meu desterro não póde estar longe; esperar outro melhor destino seria uma loucura. Se eu ficasse na patria, livre ou preso, pediria a minha irman que completasse a obra generosa da sua compaixão, esperando que eu lhe désse a ultima palavra da minha vida. Mas não vá commigo á Africa ou á India, que sei que voltará sósinha á patria depois que eu fechar os olhos. Se o meu degredo fôr temporario, e a morte me guardar para maiores naufragios, voltarei á patria um dia. É preciso que Marianna aqui esteja para eu poder dizer que venho para a minha familia, que tenho aqui uma alma estremosa que me espera. Se a encontrar com marido e filhos, a sua familia será a minha. Se eu a vir livre e só, irei para a

companhia de minha irman. Que me responde, Marianna?

A filha do João da Cruz, erguendo os olhos do pavimento, disse:

— Eu verei o que hei de fazer, quando o senhor Simão partir para o degredo...

— Pense desde já, Marianna.

— Não tenho que pensar... A minha tenção está feita...

— Fale, minha amiga; diga qual é a sua tenção.

Marianna hesitou alguns segundos, e respondeu serenamente:

— Quando eu vir que não lhe sou precisa, acabo com a vida. Cuida que eu ponho muito em me matar? não tenho pae, não tenho ninguem, a minha vida não faz falta a pessoa nenhuma. O senhor Simão póde viver sem mim? Paciencia!... Eu é que não posso...

Sustêve o complemento da ideia como quem se peja d'uma ousadia. O preso apertou-a nos braços estremecidamente, e disse:

— Irá, irá commigo, minha irman. Pense muito no infortunio de nós ambos d'ora em diante, que elle é commum; é um veneno que devemos tragar unidos, e lá teremos uma sepultura de terra tão pesada como a da patria.

Desde este dia, um secreto jubilo endoudecia coração de Marianna. Não inventemos maravilhas de abnegação. Era de mulher o coração de Marianna.

Amava como a fantasia se compraz de idear o amor d'uns anjos que batem as azas de baile em baile, e apenas quedam o tempo preciso para se fazerem vêr e adorar a um reflexo de poesia apaixonada. Amava, e tinha ciumes de Thereza, não ciumes que se refrigeram na expansão ou no despeito, mas infernos surdos, que não rompiam em labareda aos labios, porque os olhos se abriam promptos em lagrimas para apagál-a. Sonhava com as delicias do desterro, porque voz humana alguma iria lá gemer á cabeceira do desgraçado. Se a forçassem a resignar a sua ingloria missão de irman daquelle homem, resignál-a-ia dizendo: «Ninguem o amará como eu; ninguem lhe adoçará as penas tão desinteresseiramente como o eu fiz.»

E, comtudo, nunca vacillou em acceitar da mão de Thereza ou da mendiga as cartas para Simão. A cada vinco de dôr que a leitura d'aquellas cartas sulcava na fronte do preso, Marianna, que o espreitava disfarçada, tremia em todas as fibras do seu coração, e dizia entre si: «Para que ha de aquella senhora amargurar-lhe a vida?»

E amargurava acerbamente, a desditosa menina!

Ressurgiram n'aquella alma esperanças, que não deviam durar além do tempo necessario para que a desillusão lhe acrisolasse o infortunio. Imaginára ella a liberdade, o perdão, o casamento, a ventura, a corôa do seu martyrio. As suas amigas matizavam-lhe a tela da fantasia, umas porque não conheciam a atroz realidade das coisas, outras porque

fiavam em demasia nas orações das virtuosas do mosteiro. Se os vaticinios das prophetisas se realisassem, Simão sahiria da cadêa, Thadeu de Albuquerque morreria de velhice e de raiva, o casamento seria um acto indisputavel, e o céo dos desgraçados principiaria neste mundo.

Porém, Simão Botelho, ao cabo de cinco mezes de carcere, já sabia o seu destino, e achára util prevenir Thereza, para não succumbir ao inevitavel golpe da separação. Bem queria elle allumiar com esperanças a perspectiva negra do desterro; mas froixos e frios eram os allivios em que não era parte a convicção nem o sentimento. Thereza não podia sequer illudir-se, porque tinha no peito um despertador que a estava acordando sempre para a hora final, embora o semblante enganasse a condolencia dos estranhos.

E então era o expandir-se em lástimas nas cartas que escrevia ao seu amigo; invocações a Deus, e sacrilegas apostrophes ao destino; branduras de paciencia e impetos de cólera contra o pae; o afferro á vida que lhe foge, e súpplicas á morte, que a não livra das torturas da alma e do corpo.

No termo de sete mezes o tribunal de segunda instancia commutou a pena ultima em dez annos de degredo para a India. Thadeu de Albuquerque acompanhou a Lisboa a appellação, e offereceu a sua casa a quem mantivesse de pé a força de Simão Botelho. O pae do condemnado, segundo o assustador aviso que seu filho Manoel lhe déra, foi para

Lisboa luctar com o dinheiro e as poderosas influencias que Thadeu de Albuquerque grangeára na casa da supplicação e no desembargo do paço. Venceu Domingos Botelho, e, instigado mais do seu capricho que do amor paternal, alcançou do principe regente a graça de cumprir o condemnado a sua sentença na prisão de Villa Real.

Quando intimaram a Simão Botelho a decisão do recurso e a graça do regente, o preso respondeu que não acceitava a graça: que queria a liberdade do degredo; que protestaria perante os poderes judiciarios contra um favor que não implorára, e que reputava mais atroz que a morte.

Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse elle a sua vontade; mas que a sua victoria d'elle, sobre os protectores e os corrompidos pelo ouro do fidalgo de Vizeu, estava plenamente obtida.

Foi aviso ao intendente geral da policia, e o nome de Simão Botelho foi inscripto no catalogo dos degredados para a India.

XIX

A verdade é algumas vezes o escolho de um romance.

Na vida real, recebemol-a como ella sae dos encontrados casos, ou da logica implacavel das coisas;

mas na novella, custa-nos a soffrer que o autor, se inventa, não invente melhor; e, se copia, não minta por amor da arte.

Um romance, que estriba na verdade o seu merecimento, é frio, é impertinente, é uma coisa que não sacode os nervos, nem tira a gente, sequer uma temporada, emquanto elle nos lembra, d'este jugo de nora, cujos alcatruzes somos, uns a subir, outros a descer, movidos pela manivella do egoismo.

A verdade! se ella é feia, para que offerecêl-a em paineis ao publico!?

A verdade do coração humano! Se o coração humano tem filamentos de ferro que o prendem ao barro d'onde sahiu, ou pesam nelle e o submergem no charco da culpa primitiva, para que é emergil-o, retratál-o, e pôl-o á venda!?

Os reparos são de quem tem o juizo no seu logar; mas, pois que eu perdi o meu a estudar a verdade, já agora a desforra que tenho é pintál-a como ella é, feia e repugnante.

A desgraça afervora ou quebranta o amor?

Isso é que eu submetto á decisão do leitor intelligente. Factos e não theses é o que eu trago para aqui. O pintor retrata uns olhos, e não explica as funcções opticas do apparelho visual.

Ao cabo de dezanove mezes de carcere, Simão Botelho almejava um raio de sol, uma lufada do ar não coada pelos ferros, o pavimento do céo, que o da abobada do seu cubiculo pesava-lhe sobre o peito.

Ancia de viver era a sua; não era já ancia de amar.

Seis mezes de sobresaltos diante da forca deviam distender-lhe as fibras do coração; e o coração para o amor quer-se forte e tenso de uma certa rijeza, que se ganha com o bom sangue, com os anceios das esperanças, e com as alegrías que o enchem e reforçam para os revéses.

Cahiu a forca pavorosa aos olhos de Simão; mas os pulsos ficaram em ferros, o pulmão ao ar mortal das cadêas, o espirito intanguido na glacial estupidez de umas paredes salitrosas, e d'um pavimento, que resôa os derradeiros passos do ultimo padecente, e d'um tecto que filtra a morte a gottas de agua.

O que é o coração, o coração dos dezoito annos, o coração sem remorsos, o espirito anhelante de glorias, ao cabo de dezoito mezes de estagnação da vida?

O coração é a viscera, ferida de paralysia, a primeira que fallece suffocada pelas rebelliões da alma que se identifica á natureza, e a quer, e se devora na ancia d'ella, e se estorce nas agonias da amputação, para as quaes a saudade da ventura extincta é um cauterio em braza, e o amor, que leva ao abysmo pelo caminho da sonhada felicidade não é sequer um refrigerio.

Ao deslaçar da garganta a corda da justiça, Simão Botelho teve uma hora de desafôgo, como que sentia o patibulo lascar entre os seus braços,

e então convidou o coração da mulher, que o perdêra, a assistir ás segundas nupcias da sua vida com a esperança.

Depois, a passo igual, a esperança fugia-lhe para as areias da Asia, e o coração entumecia-se de fel, o amor afogava-se nelle, morte inevitavel, quando não ha abertura por onde a esperança entre a luzir na escuridão íntima.

Esperança para Simão Botelho, qual?

A India, a humilhação, a miseria, a indigencia.

E os anhelos d'aquella alma tinham mirado a ambições de um nome. Para a felicidade do amor, envidava as forças do talento; mas, além do amor, estava a gloria, o renome e a van immortalidade, que só não é demencia nas grandes almas, e nos genios que se sentem previver nas gerações vindouras.

Mas grinaldas de amor a escorrêrem sangue dos espinhos, essas infiltram veneno corrosivo no pensamento, apagam no seio a faisca das nobres affoitezas, apoucam a ideia que abrangêra mundos, e paralysam de mortal spasmo os estos do coração.

Assim te sentias tu, infeliz, quando dezoito mezes de carcere, com o patibulo ou o degredo na linha do teu porvir, te haviam matado o melhor da alma.

A ti mesmo perguntavas pelo teu passado, e o coração, se ousava responder, retrahia-se recriminado pelos dictames da razão.

D'além, d'aquelle convento onde outra existencia agonisava, gementes queixas te vinham espre-

mer fel na chaga; e tu, que não sabias, nem podias consolar, pedias palavras ao anjo da compaixão para ella, e recebias as do demonio do desespero para ti.

Os dez annos de ferros, em que lhe quizeram minorar a pena, eram-lhe mais horrorosos que o patibulo. E aceitál-os-ia, por ventura, se amasse o céo, onde Thereza bebia o ar, que nos pulmões se lhe formava em peçonha? Creio: — antes a masmorra, onde póde ouvir-se o som abafado de uma voz amiga; antes os paroxismos de dez annos sobre as lages humidas d'uma enxovia, se, na hora extrema, a ultima faisca da paixão, a bruxulear para morrer, nos allumia o caminho do céo por onde o anjo do amor desditoso se levantou a dar conta de si a Deus, e a pedir a alma do que ficou.

Thereza pedira a Simão Botelho que aceitasse dez annos de cadeia, e esperasse ahi a sua redempção por ella.

«Dez annos! — dizia-lhe a enclausurada de Mon«chique. — Em dez annos terá morrido meu pae, e «eu serei tua esposa, e irei pedir ao rei que te per«dôe, se não tiveres cumprido a sentença. Se vais «ao degredo, para sempre te perdi, Simão, porque «morrerás, ou não acharás memoria de mim, quan«do voltares.»

Como a pobre se illudia nas horas em que as debeis forças da vida se lhe concentravam no coração!

As ancias, a lividez, o deperecimento tinham

voltado. O sangue, que criára novo, já lhe sahia em golfadas com a tosse.

Se por amor ou piedade o condemnado aceitasse os ferrolhos tres mil seiscentas e cincoenta vezes corridos sobre as suas longas noites solitarias, nem assim Thereza susteria a pedra sepulcral que a vergava d'hora a hora.

«Não esperes nada, martyr — escrevia-lhe elle. «— A lucta com a desgraça é inutil, e eu não posso «já luctar. Foi um atroz engano o nosso encontro. «Não temos nada neste mundo. Caminhemos ao en«contro da morte... Ha um segredo que só no se«pulcro se sabe. Vêr-nos-êmos?

«Vou. Abomino a patria, abomino a minha fa«milia; todo este solo está aos meus olhos coberto «de forcas, e quantos homens falam a minha lin«gua, creio que os ouço vociferar as imprecações «do carrasco. Em Portugal, nem a liberdade com «a opulencia; nem já agora a realização das espe«ranças que me dava o teu amor, Thereza!

«Esquece-te de mim, e adormece no seio do «nada. Eu quero morrer, mas não aqui. Apague-se «a luz dos meus olhos; mas a luz do céo, quero-a! «Quero vêr o céo no meu ultimo olhar.

«Não me peças que acceite dez annos de prisão. «Tu não sabes o que é a liberdade captiva dez «annos! Não comprehendes a tortura dos meus «vinte mezes. A voz unica que tenho ouvido é a «da mulher piedosa que me esmola o pão de cada «dia, e a do aguazil que veio dar-me a sarcastica

«boa-nova de uma graça real, que me commuta o «morrer instantaneo da forca pelas agonias de dez «annos de carcere.

«Salva-te, se pódes, Thereza. Renuncia ao prestigio d'um grande desgraçado. Se teu pae te chama, vai. Se tem de renascer para ti uma aurora «de paz, vive para a felicidade d'esse dia. E se não, «morre, Thereza, que a felicidade é a morte, é o «desfazerem-se em pó as fibras laceradas pela dôr, «e o esquecimento que salva das injurias a memo«ria dos padecentes.»

As palavras unicas de Thereza, em resposta áquella carta, significativa da turvação do infeliz, foram estas: «Morrerei, Simão, morrerei. Perdôa tu «ao meu destino... Perdi-te... Bem sabes que «sorte eu queria dar-te... e morro, porque não «posso, nem poderei jámais resgatar-te. Se pódes, «vive; não te peço que morras, Simão; quero que «vivas para me chorares. Consolar-te-á o meu es«pirito... Estou tranquilla. Vejo a aurora da paz... «Adeus até ao céo, Simão.»

Seguiram-se a esta carta muitos dias de terrivel taciturnidade. Simão Botelho não respondia ás perguntas de Marianna. Dil-o-eis arroubado nas voluptuosas angustias de seu proprio aniquilamento. A creatura, posta por Deus ao lado d'aquelles dezoito annos tão attribulados, chorava; mas as lagrimas, se Simão as via, tiravam-no da mudez socegada para impetos de afflicção, que afinal o extenuavam.

Decorreram seis mezes ainda.

E Thereza vivia, dizendo ás suas consternadas companheiras que sabia ao certo o dia do seu trespasse. Duas primaveras vira Simão Botelho pelas grades do seu carcere. A terceira já inflorava as hortas, e esverdeava as florestas do Candal.

Era em Março de 1807.

No dia 10 d'esse mez recebeu o condemnado intimação para sahir na primeira embarcação que levava ancora do Douro para a India. Nesse tempo vinham aqui os navios buscar os degredados, e recebiam em Lisboa os que tinham egual destino.

Nenhum estôrvo impedia o embarque de Marianna, que se apresentou ao corregedor do crime como criada do degredado, com passagem paga por seu amo.

—E a passagem vale-a bem!—disse o galhofeiro magistrado.

Simão assistiu ao encaixotar da sua bagagem, numa quietação terrivel, como se ignorasse o seu destino.

Quiz muitas vezes escrever a derradeira carta á moribunda Thereza, e nem signaes de lagrimas podia já enviar-lhe no papel.

—Que trevas, meu Deus!—exclamava elle, arrancava a mãos cheias os cabellos.—Dae-me lagrimas, Senhor! deixae-me chorar ou matae-me, que este soffrimento é insupportavel!

Marianna contemplava estarrecida estes e outros lances de loucura, ou os não menos medonhos da lethargia.

— E Thereza! — bradava elle, surgindo subitamente do seu spasmo. — E aquella infeliz menina que eu matei! Não hei de vêl-a mais, nunca mais! Ninguem me levará ao degredo a noticia da sua morte! E quando a eu chamar para que me veja morrer digno d'ella, quem te dirá que eu morri, ó martyr!

XX

A 17 de Março de 1807 sahiu dos carceres da Relação Simão Antonio Botelho, e embarcou no caes da Ribeira, com setenta e cinco companheiros. O filho do ex-corregedor de Vizeu, a pedido do desembargador Mourão Mosqueira, e por ordem do regedor das justiças, não ia amarrado com cordas ao braço d'algum companheiro. Desceu da cadêa ao embarque, ao lado de um meirinho, e seguido de Marianna, que vigiava os caixões da bagagem. O magistrado, fiel amigo de D. Rita Preciosa, foi a bordo da nau, e recommendou ao commandante que distinguisse o condemnado Simão, consentindo-o na tolda, e assentando-o á sua mesa. Chamou Simão de parte, e deu-lhe um cartucho de dinheiro em ouro, que sua mãe lhe enviava. Simão Botelho aceitou o dinheiro, e, na presença de Mourão Mosqueira, pediu ao commandante que fizesse distribuir pelos seus companheiros de degredo o dinheiro que lhe dava.

— É demente o senhor Simão?! — disse o desembargador.

— Tenho a demencia da dignidade; por amor da minha dignidade me perdi; quero agora vêr a que extremo de infortunio ella póde levar os seus amantes. A caridade só me não humilha, quando parte do coração e não do dever. Não conheço a pessoa que me remetteu este dinheiro.

— É sua mãe — tornou Mosqueira.

— Não tenho mãe. Quer vossa excellencia remetter-lhe esta esmola rejeitada?

— Não, senhor.

— Então, senhor commandante, cumpra o que lhe peço, ou eu atiro com isto ao rio.

O commandante aceitou o dinheiro, e o desembargador sahiu de bordo como espantado da sinistra condição do moço.

— Onde é Monchique? — perguntou Simão a Marianna.

— É acolá, senhor Simão — respondeu, indicando-lhe o mosteiro, que se debruça sobre a margem do Douro, em Miragaya.

Cruzou os braços Simão, e viu através do gradeamento do mirante um vulto. [1]

Era Thereza.

---

[1] Quando escrevi este livro, ainda existia o mirante. Agora, lá, ou ahi por perto, está um salão de baile em que dançam nos dias santificados marujos e as damas correspondentes. — (Nota da 5.ª edição).

Na vespera recebêra ella o adeus de Simão, e respondêra enviando-lhe a trança dos seus cabellos.

Ao anoitecer d'aquelle dia, pediu Thereza os sacramentos, e commungou á grade do côro, onde se foi amparando á sua criada. Parte das horas da noite passou-as sentada ao pé do santuario de sua tia, que toda a noite orou. Algumas vezes pediu que a levassem á janella que se abria para o mar, e não sentia ali a frialdade da viração. Conversava serenamente com as freiras, e despedira-se de todas, uma a uma, indo por seu pé ás cellas das senhoras entrevadas para lhes dar o beijo da despedida.

Todas cuidavam em reanimál-a, e Thereza sorria, sem responder aos piedosos artificios com que as boas almas a si mesmas queriam simular esperanças. Ao abrir da manhã, Thereza leu uma a uma as cartas de Simão Botelho. As que tinham sido escriptas nas margens do Mondego enterneciam-na a copiosas lagrimas. Eram hymnos á felicidade prevista: eram tudo que mais formoso póde dar o coração humano, quando a poesia da paixão dá côr ao pensamento, e uma formosa e inspirativa natureza lhe empresta os seus esmaltes. Então lhe acudiam vivas reminiscencias d'aquelles dias: a sua alegria doida, as suas dôces tristezas, esperanças a desvanecerem saudades, os mudos colloquios com a irmã querida de Simão, o céo aromático que se lhe alargava á aspiração sôfrega de vagos desejos, tudo, emfim, que lembra a desgraçados.

Emmassou depois as cartas, e cintou-as com fitas de sêda desenlaçadas de raminhos de flores murchas, que Simão, dois annos antes, lhe atirára da sua janella ao quarto d'ella.

As pétalas das flores soltas quasi todas se desfizeram, e Thereza, contemplando-as, disse: «Como a minha vida...» e chorou, beijando os calices desfolhados das primeiras que recebêra.

Deu as cartas a Constança, e encarregou-a de uma ordem, a respeito d'ellas, que logo veremos cumprida.

Depois foi orar, e esteve ajoelhada meia hora, com meio corpo reclinado sobre uma cadeira. Erguendo-se, quasi tirada pela violencia, aceitou uma chicara de caldo, e murmurou com um sorriso: «Para a viagem...» Ás nove horas da manhã pediu a Constança que a acompanhasse ao mirante, e, sentando-se em ancias mortaes, nunca mais desfitou os olhos da nau, que já estava de verga alta, esperando a leva dos degredados.

Quando viu, a dois e dois, entrarem amarrados, no tombadilho, os condemnados, Thereza teve um breve accidente, em que a já frouxa claridade dos olhos se lhe apagou, e as mãos convulsas pareciam querer aferrar a luz fugitiva.

Foi então que Simão Botelho a viu.

E ao mesmo tempo atracou á nau um bote, em que vinha a pobre de Vizeu chamando Simão. Foi elle ao portaló, e, estendendo o braço á mendiga, recebeu o pacotinho das suas cartas. Reconheceu

elle que a primeira não era sua, pela lizura do papel, mas não a abriu.

Ouviu-se a voz de levar ancora, e largar amarras. Simão encostou-se á amurada da nau, com os olhos fitos no mirante.

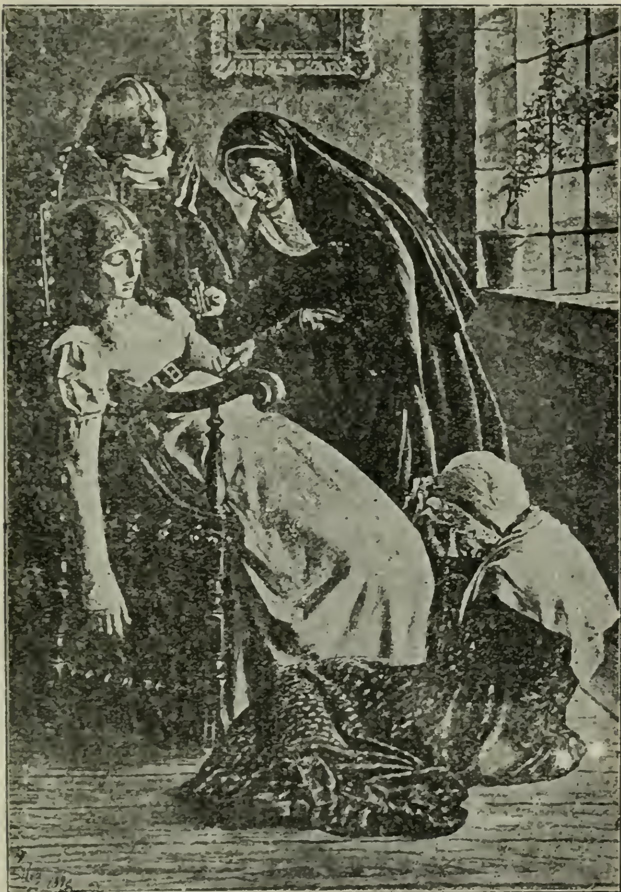
Viu agitar-se um lenço, e elle respondeu com o seu áquelle acêno. Desceu a nau ao mar, e passou fronteira ao convento. Distinctamente Simão viu um rosto e uns braços suspensos das rêxas de ferro; mas não era de Thereza aquelle rosto: seria antes um cadaver que subiu da claustra ao mirante, com os ossos da cara inçados ainda das herpes da sepultura.

— É Thereza? — perguntou Simão a Marianna.

— É, senhor, é ella — disse num afogado gemido a generosa creatura, ouvindo o seu coração dizer-lhe que a alma do condemnado iria breve no seguimento d'aquella por quem se perdêra.

De repente aquietou o lenço que se agitava no mirante, e entreviu Simão um movimento impetuoso de alguns braços, e o desapparecimento de Thereza e do vulto de Constança, que elle divisára mais tarde.

A nau parou defronte de Sobreiras. Uma nuvem no horizonte da barra, e o subito encapellamento das ondas, causára a suspensão da viagem annunciada pelo commandante. Em seguida, velejou da Foz uma catraia com o piloto-mór, que mandava lançar ferro até novas ordens. Mais tarde, adiou-se a sahida para o dia seguinte.



Ultimos instantes de Thereza, no convento de Monchique

(Pag. 212)

E, no entanto, Simão Botelho, como o cadaver embalsamado, cujos olhos artificiaes rebrilham cravados e immotos num ponto, lá tinha os seus immersos na interior escuridade do miradouro. Nenhum signal de vida. E as horas passaram até que o derradeiro raio de sol se apagou nas grades do mosteiro.

Ao escurecer, voltou de terra o commandante, e contemplou, com os olhos embaciados de lagrimas, o desterrado, que contemplava as primeiras estrellas, eminentes ao mirante.

— Procura-a no céo? — disse o nauta.

— Se a procuro no céo! — repetiu machinalmente Simão.

— Sim!... no céo deve ella estar.

— Quem, senhor?

— Thereza.

— Thereza!... Morreu?!

— Morreu, além, no mirante, d'onde ella estava acenando.

Simão curvou-se sobre a amurada, e fitou os olhos na torrente. O commandante lançou-lhe os braços, e disse:

— Coragem, grande desgraçado, coragem! os homens do mar crêem em Deus! Espere que o céo se abra para si pelas supplicas d'aquelle anjo!

Marianna estava um passo atrás de Simão, e tinha as mãos erguidas.

— Acabou-se tudo!... — murmurou Simão — Eis-me livre... para a morte... Senhor comman-

dante — continuou elle energicamente — eu não me suicido. Póde deixar-me.

— Peço-lhe que se recolha á camara. O seu beliche está ao pé do meu.

— É obrigatorio recolher-me?

— Para vossa senhoria não ha obrigações; ha rogos: peço-lh'o, não mando.

— Vou, e agradeço a compaixão.

Marianna seguiu-o com aquelle olhar quebrado e mavioso do Jau, quando o poeta desembarcava, segundo a ideia apaixonada do cantor de Camões.

Encarou nella Simão, e disse ao comandante:

— E esta infeliz?

— Que o siga... — respondeu o compassivo homem do mar, que cria em Deus.

Simão recolheu-se ao beliche, e o commandante sentou-se em frente d'elle, e Marianna ficou no escuro da camara a chorar.

— Fale, senhor Simão! — disse o commandante — desafogue e chore.

— Chorei, senhor!

— Eu não tinha imaginado uma angustia igual á sua. A invenção humana não creou ainda um quadro tão atroz. Arripiam-se-me os cabellos, e tenho visto espectaculos horriveis na terra e no mar.

Acintemente, o commandante estava provocando Simão ao desabafo.

Não respondia o condemnado. Ouviu os soluços de Marianna, e tinha os olhos postos no masso das cartas, que puzera sobre uma banqueta.

O capitão proseguiu:

— Quando em Miragaya me contaram a morte d'aquella senhora, pedi a uma pessoa relacionada no convento que me levasse a ouvir de alguma freira a triste historia. Uma religiosa m'a contou; mas eram mais os gemidos que as palavras. Soube que ella, quando desciamos na altura do Oiro, proferira em alta voz: «Simão, adeus, até á eternidade!» E cahiu nos braços d'uma criada. A criada gritou, e outras foram ao mirante, e a trouxeram meia morta para baixo, ou morta, melhor direi, que nenhuma palavra mais lhe ouviram. Depois contaram-me o que ella penára em dois annos e nove mezes naquelle mosteiro; o amor que ella lhe tinha, e as mil mortes que alli padeceu, de cada vez que a esperança lhe morria. Que desgraçada menina, e que desgraçado moço o senhor é!

— Por pouco tempo...— disse Simão, como se o dissesse a si proprio, ou a propria imaginação estivesse dialogando comsigo.

— Creio, creio, por pouco tempo — proseguiu o capitão — mas se os amigos pudessem salvál-o senhor, eu dar-lh'os-ia na India mais fieis que em Portugal. Prometto-lhe, sob a minha palavra de honra, alcançar do viso-rei a sua residencia em Gôa. Prometto segurar-lhe um decente principio de vida e as commodidades que fazem a existencia tão saudavel como ella é na Asia. Não o intimide a ideia do degredo, senhor Simão. Viva, faça por vencer-se, e será feliz!

— O seu silencio, por piedade, senhor... — atalhou o degredado.

— Bem sei que é cedo ainda para planisar futuros. Desculpe á sympathia que me inspira a indiscreção, mas aceite um amigo nesta hora attribulada.

— Aceito, e preciso d'elle... Marianna! — chamou Simão. — Venha aqui, se este cavalheiro o permitte.

Marianna entrou no quarto.

— Esta mulher tem sido a minha providencia — disse Simão. — Porque ella me valeu, não senti a fome em dois annos e nove mezes de carcere. Tudo que tinha vendeu para me sustentar e vestir. Aqui vai commigo esta creatura. Seja respeitavel aos seus olhos, senhor, porque ella é tão pura como a verdade o deve ser nos labios d'um moribundo. Se eu morrer, senhor commandante, aceite o legado de a amparar com a sua caridade como se ella fosse minha irmã. Se ella quizer voltar á sua patria, seja o seu protector na passagem. — E, estendendo-lhe a mão, disse com transporte: — Promette-me isto, senhor?

— Juro-lh'o.

O commandante, obrigado a subir ao tombadilho, deixou Simão com Marianna.

— Estou tranquillo pelo seu futuro, minha amiga.

— Eu já o estava, senhor Simão — respondeu ella.

Não se trocaram palavras por longo espaço. Simão apoiou a face sobre a mesa, e apertou com as

mãos as fontes arquejantes. Marianna, de pé, ao lado d'elle, fitava os olhos na luz mortiça da lampada oscillante, e scismava como elle, na morte.

E o nordeste sibilava, como um gemido, nas gáveas da nau.

CONCLUSÃO

Ás onze horas da noite, o commandante recolhêra-se num beliche de passageiro, e Marianna, sentada no pavimento, com o rosto sobre os joelhos, parecia succumbir ao quebranto das trabalhosas e afflictivas horas d'aquelle dia.

Simão Botelho velava prostrado no camarote, com os braços cruzados sobre o peito, e os olhos fitos na luz que balançava, pendente d'um arame. O ouvido têl-o-ia, talvez, attento a um assobio da ventania: devia de soar-lhe como um ai plangente aquelle silvo agudo, voz unica no silencio da terra e céo.

Á meia noite, estendeu Simão o braço tremulo ao maço das cartas que Thereza lhe enviára, e contemplou um pouco a que estava ao de cima, que era d'ella. Rompeu a obreia, e dispoz-se no camarote para alcançar o baço clarão da lampada.

Dizia assim a carta:

«É já o meu espirito que te fala, Simão. A tua «amiga morreu. A tua pobre Thereza, á hora em «que lêres esta carta, se me Deus não engana, está «em descanso.

«Eu devia poupar-te a esta ultima tortura; não «devia escrever-te; mas perdôa á tua esposa do «céo a culpa, pela consolação que sinto em con-«versar comtigo a esta hora, hora final da noite da «minha vida.

«Quem te diria que eu morri, se não fosse eu «mesma, Simão? D'aqui a pouco, perderás da vista «este mosteiro; correrás milhares de leguas, e não «acharás, em parte alguma do mundo, voz humana «que te diga: — A infeliz espera-te noutro mundo, «e pede ao Senhor que te resgate. —

«Se tu podesses illudir, meu amigo, quererias «antes pensar que eu ficava com vida e com espe-«rança de ver-te na volta do degredo? Assim póde «ser, mas, ainda agora, neste solemne momento, me «domina a vontade de fazer-te sentir que eu não «podia viver. Parece que a mesma infelicidade «tem ás vezes vaidade de mostrar que o é, até «não podêl-o ser mais! Quero que digas: — Está «morta, e morreu quando eu lhe tirei a ultima «esperança. —

— «Isto não é queixar-me, Simão; não é. Talvez «que eu pudesse resistir alguns dias á morte, se tu «ficasses; mas, d'um modo ou d'outro, era inevi-«tavel fechar os olhos quando se rompesse o ul-

«timo fio, este ultimo que se está partindo, e eu «mesma o oiço partir.

«Não vão estas palavras acrescentar a tua «pena. Deus me livre de ajuntar um remorso in-«justo á tua saudade.

«Se eu pudesse ainda ver-te feliz neste mundo; «se Deus permittisse á minha alma esta visão!... «*Feliz*, tu, meu pobre condemnado!... Sem o «querer, o meu amor agora te fazia injuria, jul-«gando-te capaz de felicidade! Tu morrerás de «saudade, se o clima do destêrro te não matar «ainda antes de succumbires á dôr do espirito.

«A vida era bella, era, Simão, se a tivessemos «como tu m'a pintavas nas tuas cartas, que li ha «pouco! Estou vendo a casinha que tu descrevias «defronte de Coimbra, cercada de arvores, flores «e aves. A tua imaginação passeava commigo ás «margens do Mondêgo, á hora pensativa do escu-«recer. Estrellava-se o céo, e a lua abrilhantava a «agua. Eu respondia com a mudez do coração ao «teu silencio, e animada por teu sorriso, inclinava «a face ao teu seio, como se fosse ao de minha «mãe. Tudo isto li nas tuas cartas; e parece que «cessa o despedaçar da agonia emquanto a alma «se está recordando. Noutra carta, me falavas em «triumphos e glorias e immortalidade do teu no-«me. Tambem eu ia após da tua aspiração, ou «diante d'ella, porque o maior quinhão dos teus «prazeres de espirito queria eu que fosse meu. Era «creança ha tres annos, Simão, e já entendia os

«teus anhelos de gloria, e imaginava-os realizados «como obra minha, se me tu dizias, como disseste «muitas vezes, que não serias nada sem o estimulo «do meu amor.

«Oh! Simão, de que céo tão lindo cahimos! Á «hora que te escrevo, estás tu para entrar na nau «dos degredados, e eu na sepultura.

«Que importa morrer, se não podemos jámais «ter nesta vida a nossa esperança de ha tres an- «nos?! Poderias tu com a desesperança e com a «vida, Simão? Eu não podia. Os instantes do dor- «mir eram os escassos beneficios que Deus me con- «cedia; a morte é mais que uma necessidade, é «uma misericordia divina, uma bemaventurança «para mim.

«E que farias tu da vida sem a tua companheira «de martyrio? Onde irás tu aviventar o coração «que a desgraça te esmagou, sem o esquecimento da «imagem d'esta docil mulher, que seguiu cegamente «a estrella da tua malfadada sorte?!

«Tu nunca has de amar, não, meu esposo? Te- «rias pejo de ti mesmo, se uma vez visses passar «rapidamente a minha sombra por diante dos teus «olhos enxutos? Soffre, soffre ao coração da tua «amiga estas derradeiras perguntas, a que tu res- «ponderás, no alto mar, quando esta carta lêres.

«Rompe a manhan. Vou vêr a minha ultima «aurora... a ultima dos meus dezoito annos!

«Abençoado sejas, Simão! Deus te proteja, e «te livre d'uma agonia longa. Todas as minhas au-

«gustias lhe offereço em desconto das tuas culpas.
«Se algumas impaciencias a justiça divina me con-
«demna, offerece tu a Deus, meu amigo, os teus
«padecimentos, para que eu seja perdoada.

«Adeus! Á luz da eternidade parece-me que já
«te vejo, Simão!»

Ergueu-se o degredado, olhou em redor de si e fitou com espasmo Marianna, que levantava a cabeça ao menor movimento d'elle.

— Que tem, senhor Simão? — disse ella erguendo-se.

— Estava aqui, Marianna?... Não se vai deitar?!

— Não vou; o commandante deu-me licença de ficar aqui.

— Mas ha de assim passar a noite?! Rogo-lhe que vá, porque não é necessario o seu sacrificio.

— Se o não incommódo, deixe-me aqui estar, senhor Simão.

— Esteja, minha amiga, esteja... Poderei subir ao convés?

— Quer ir ao convés, senhor Botelho? — disse o commandante, lançando-se do beliche.

— Queria, senhor commandante.

— Iremos juntos.

Simão ajuntou a carta de Thereza ao maço das suas, e sahiu cambaleando. No convés sentou-se num monte de cordame, contemplou o mirante de Monchique, que avultava negro ao sopé da serra penhascosa em que actualmente vai a rua da Restauração.

O capitão passeava da prôa á ré; mas com o ouvido fito aos movimentos do degredado. Receára elle o proposito do suicidio, porque Marianna lhe incutira semelhante suspeita. Queria o maritimo falar-lhe palavras consoladoras, mas pensava comsigo: «O que ha de dizer-se a um homem que soffre assim?» E parava junto d'elle algumas vezes, como para desviar-lhe o espirito d'aquelle mirante.

— Eu não me suicido! — exclamou abruptamente Simão Botelho. — Se a sua generosidade, senhor capitão, se interessa em que eu viva, póde dormir descansado a sua noite, que eu não me suicido.

— Mas mereço-lhe eu a condescendencia de descer á camara?

— Irei; mas eu lá soffro mais, senhor.

Não replicou o commandante, e continuou a passear no convés, apesar das rajadas de vento.

Marianna estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distancia de Simão. O commandante viu-a, falou-lhe, e retirou-se.

Ás tres horas da manhan, Simão Botelho segurou entre as mãos a testa, que se lhe abria abrazada pela febre. Não pôde ter-se sentado, e deixou cahir meio corpo. A cabeça, ao declinar, pousou no seio de Marianna.

— O Anjo da compaixão sempre commigo! — murmurou elle — Thereza foi muito mais desgraçada...

— Quer descer ao camarote? — disse ella.

— Não poderei... Ampare-me, minha irman.

Deu alguns passos para a escadinha, e olhou ainda sobre o mirante. Desceu a ingreme escada, apegando-se ás cordas. Lançou-se sobre o colchão, e pediu agua, que bebeu insaciavelmente. Seguiu-se a febre, o estorcimento, e as ancias, com intervallos de delirio.

De manhan veio a bordo um facultativo, por convite do capitão. Examinando o condemnado, disse que era febre maligna a doença, e bem podia ser que elle achasse a sepultura no caminho da India.

Marianna ouviu o prognostico, e não chorou.

Ás onze horas sahiu barra fóra a nau. Ás ancias da doença accresceram as do enjôo. A pedido do commandante, Simão bebia remedios, que bolsava logo, revoltos pelas contracções do vomito.

Ao segundo dia de viagem, Marianna disse a Simão:

— Se o meu irmão morrer, que hei eu fazer áquellas cartas que vão na caixa?

Pasmosa serenidade a d'esta pergunta!

— Se eu morrer no mar — disse elle — Marianna, atire ao mar todos os meus papeis, todos; e estas cartas que estão debaixo do meu travesseiro tambem.

Passada uma ancia, que lhe embargára a voz, Simão continuou:

— Se eu morrer, que tenciona fazer, Marianna?

— Morrerei, senhor Simão.

— Morrerá?!... Tanta gente desgraçada que eu fiz...

A febre augmentava. Os symptomas da morte eram visiveis aos olhos do capitão que tinha sobeja experiencia de vêr morrerem centenares de condemnados, feridos da febre do mar, e desprovidos d'algum medicamento.

Ao quarto dia, quando a nau se movia ronceira defronte de Cascaes, sobreveio tormenta subita. O navio fez-se ao largo muitas milhas, e perdido o rumo de Lisboa, navegou desnorteado. Ao sexto dia de navegação incerta, por entre espessas brumas, partiu-se o leme defronte de Gibraltar. E, em seguida ao desastre, aplacaram as refregas, desencapellaram-se as ondas, e nasceu, com a aurora do dia seguinte, um formoso dia de primavera. Era o dia 27 de Março, o nono da enfermidade de Simão Botelho.

Marianna tinha envelhecido. O commandante, encarando nella, exclamou:

— Parece que volta da India com os dez annos de trabalhos já passados!...

—Já acabados... de certo...—disse ella.

Ao anoitecer d'esse dia o condemnado delirou pela ultima vez, e dizia assim no seu delirio:

«A casinha, defronte de Coimbra, cercada de arvores, flôres e aves. Passeavas commigo á margem do Mondêgo, á hora pensativa do escurecer. Estrellava-se o céo, e a lua abrilhantava a agua. Eu respondia com a mudez do coração ao teu silencio



Morte de Simão, a bordo do navio que o levava ao degredo

(Pag. 227)

o, animada por teu sorriso, inclinava a face ao teu seio, como se fosse o de minha mãe... De que céo tão lindo cahimos... A tua amiga morreu... A tua pobre Thereza...

«E que farias tu da vida, sem a tua companheira do martyrio?... Onde irás tu aviventar o coração que a desgraça te esmagou... Rompe a manhan... Vou vêr a minha ultima aurora... a ultima dos meus dezoito annos. Offerece a Deus os teus padecimentos, para que eu seja perdoada... Marianna.. »

Marianna collou os ouvidos aos labios roxos do moribundo, quando cuidou ouvir o seu nome.

«Tu virás ter comnosco: ser-te-emos irmãos no céo... O mais puro anjo, serás tu... se és d'este mundo, irman, se és d'este mundo, Marianna...»

A transição do delirio para a lethargia completa era o annuncio infallivel do trespasse.

Ao romper da manhan apagára-se a lampada. Marianna sahira a pedir luz, e ouvira um gemido estertoroso. Voltando ás escuras, com os braços estendidos para tactear a face do agonisante, encontrou a mão convulsa, que lhe apertou uma das suas, e relaxou de subito a pressão dos dedos.

Entrou o commandante com uma lampada, e aproximou-lh'a da respiração, que não embaciou levemente o vidro.

— Está morto! — disse elle.

Marianna curvou-se sobre o cadaver, e beijou-lhe a face. Era o primeiro beijo. Ajoelhou depois

ao pé do beliche com as mãos erguidas, e não orava nem chorava.

Algumas horas volvidas, o commandante disse a Marianna:

— Agora é tempo de dar sepultura ao nosso venturoso amigo... E' ventura morrer quando se vem a este mundo com tal estrella. Passe a senhora Marianna ali para a camara, que vae ser levado d'aqui o defuncto.

Marianna tirou o maço de cartas debaixo do travesseiro, e foi a uma caixa buscar os papeis de Simão. Atou o rôlo no avental, que elle tinha d'aquellas lagrimas d'ella, choradas no dia da sua demencia, e cingiu o embrulho á cintura.

Foi o cadaver envolto num lençol, e transportado ao convés.

Marianna seguiu-o.

Do porão da nau foi trazida uma pedra, que um marujo lhe atou ás pernas com um pedaço de cabo. O commandante contemplava a scena triste com os olhos humidos, e os soldados que guarneciam a nau, tão funeral respeito os impressionára, que insensivelmente se descobriram.

Marianna estava, no entanto, encostada ao flanco da nau, e parecia estupidamente encarar aquelles empuxões, que o marujo dava ao cadaver, para segurar a pedra na cintura.

Dois homens ergueram o morto ao alto sobre a amurada. Deram-lhe o balanço para o arremessarem longe. E. antes que o baque do cadaver se

fizesse ouvir na agua, todos viram, e ninguem já pôde segurar Marianna, que se atirára ao mar.

Á voz do commandante desamarraram rapidamente o bote, saltaram homens para salvar Marianna.

Salvál-a!

Viram-na, um momento, bracejar, não para resistir á morte, mas para abraçar-se ao cadaver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços. O commandante olhou para o sitio d'onde Marianna se atirára, e viu, enleado no cordame, o avental, e á flôr d'agua um rôlo de papeis que os marujos recolheram na lancha. Eram, como sabem, a correspondencia de Thereza e Simão.

Da familia de Simão Botelho vive ainda, em Villa Real de Traz-os-Montes, a senhora D. Rita Emilia da Veiga Castello Branco, a irman predilecta d'elle. [1] A ultima pessoa fallecida, ha vinte e seis annos, foi Manoel Botelho, pae do autor d'este livro.

FIM

---

[1] Morreu em 1872. (Nota da 5.ª edição).